BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME L)

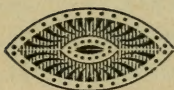
JORNADA
DE
Antonio de Albuquerque Coelho

POR

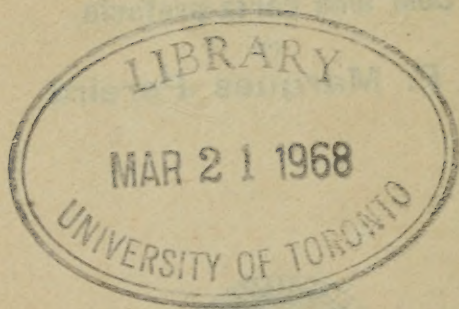
JOÃO TAVARES DE VELLEZ GUERREIRO

Com uma carta-prefacio

DE

J. F. Marques Pereira

ESCRIPTORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

1905

A JORNADA DE ALBUQUERQUE COELHO

(Carta a Mello de Azevedo)

Meu presado amigo :

Pede-me o meu amigo que diga alguma cousa sobre o interessante livro que, ha tempos, lhe indiquei como digno de fazer parte da sua collecção de classicos, e bem assim sobre a illustre personagem que tanto se evidenciou no Extremo-Oriente, durante os longos annos que permaneceu nessa remota parte do mundo.

Occupado com outros trabalhos, que me teem obrigado a pôr de parte as minhas investigações sobre assumptos orientaes, só lhe posso apresentar, com a urgencia que demanda a publicação do volume, os dados que, até hoje, tenho conseguido colligir sobre Antonio de Albuquerque Coelho, visto que do auctor da obra nada tenho podido saber, além do que disse Innocencio Francisco da Silva, no seu «*Diccionario*», e meu Pae, nos seguintes artigos publicados no «*Ta-ssi-yang-kuo*», de Macau, em 1865.

No numero 30 do «*Ta-ssi-yang-kuo*», correspondente a 27 de Abril d'esse anno, dizia meu Pae, num dos seus artigos sobre «*Bibliographia Macaense*», que tanto serviram a Innocencio, como este confessa no seu «*Diccionario*» :

«João Tavarer de Vellez Guerreiro, «do qual (diz o sr. Innocencio da Silva) consta unicamente que servíra como capitão de mar e guerra na India oriental, e acompanhára nessa qualidade em 1718 o Governador de Macau, quando este ía entrar na investidura do seu cargo. — Escreveu:

«*Jornada que o senhor Antonio de Albuquerque Coelho, governador e capitão geral da cidade do Nome de Deus de Macau na China, fez de Goa até chegar á dita cidade.* — Foi impressa pela primeira vez em Macau, em papel dobrado, segundo o estylo chinez. Tem a data de 29 de maio de 1718, e compõe-se de 185 pag. impressas á moda da China.»

Não fui eu mais feliz do que o meu illustre amigo na indagação da vida de Vellez Guerreiro. O quasi nada que se me offereceu com respeito ao assumpto fez-me ainda de mais nascer a duvida de ter sido o auctor da *Jornada* capitão de mar e guerra, como affirma o *Dicc.*, pois no antigo manuscripto que tenho com o titulo de *Collecção de varios factos que hão acontecido nesta cidade de Macau pelo decurso dos annos á margem*, leio o seguinte: «1718 — maio 30. N'este dia tomou posse do governo desta cidade Antonio de Albuquerque Coelho, que chegou de Goa no dia 24 deste mez. Não querendo vir no navio de vias por differenças que teve com o senhorio delle, passou a Madrasta por terra, para embarcar em algum navio inglez, o qual já não achou por ser tarde. Então comprou uma chalupa e se preparou para nella vir, mas como já era tarde foi invernar em Java, donde no anno seguinte ao que havia sahido de Goa, que era de 1717, chegou a esta cidade no de 18, o que mais clara e distinctamente consta da relação desta derrota, que anda impressa em um pequeno livro que compoz o «capitão de Infantaria» João Tavares, que vinha com este Governador para esta cidade.»

Antonio de Albuquerque não chegou a estar dois annos em Macau. Tendo desistido do governo, que entregou em 9 de setembro de 1719 a Antonio da Silva Telles de Menezes, embarcou-se de volta para Goa, em 18 de Janeiro de 1720.

Creio que tambem no regresso o acompanhou Vellez Guerreiro, porque não encontro posteriormente menção alguma do seu nome. Na fragata em que partiu Antonio de Albuquerque («deixando, por ser bom homem, muitas saudades entre os moradores») ía de capitão de mar e guerra D. Thomaz de Menezes.

Nunca vi a *Jornada.* No chamado Catalogo da Academia é tida por livro classico, e o *Dicc. Bibl.* dá como rara e estimada a edição de Macau, indicando a existencia de dois exemplares. Tão pouco se considera vulgar a reimpressão de Lisboa, a qual o auctor da *Bibliotheca Lusitana* e o dito Catalogo erradamente accusam feita em 1721, quando só o foi em 1732, na offic. da musica, com XVI — 427 pag.»

E, no «*Ta ssi-yang-kuo*,» de 4 de Maio do mesmo anno, completava meu Pae, depois de ter obtido um volume da *Jornada*, os esclarecimentos sobre o assumpto:

«Logo depois de publicado, a semana passada, o que apurára de João Tavares de Vellez Guerreiro, descobri acaso, e obtive, um exemplar da edição lisbonense da sua mui curiosa *Jornada.* E' demasia notar que perfeitamente concorda com as indicações que extrahi do *Dicc.* Mantem-se comtudo a restituição, que fiz a João Tavares, do posto de capitão de infanteria, e accresce que vinha "nomeado para a guarnição da fortaleza da Barra"

Antonio de Albuquerque Coelho foi escolhido para o governo e capitania geral de Macau pelo arcebispo primaz, então governador do estado da India, D. Sebastião de Andrade e Pessanha, o qual "attendendo que assim o bem temporal daquella cidade, como o espiritual das dilatadas missões, dependentes da mesma, e nestes calamitosos tempos tão perturbadas, necessitavão da assistencia de tal governador, como assaz experimentado daquelles paizes, pois tinha por bastante

tempo habitado nelles, determinou fizesse logo sua viagem."

Só neste ponto faz menção o livro da anterior residencia de Antonio de Albuquerque em Macau. A esta primeira estada se liga porem um interessante episodio, que noutro lugar refiro. E' aquella desalegre historia, — que já agora ninguem recorda, — da formosa e infeliz Maria de Moura, por cujo amor perdeu Albuquerque um braço, arcabuzado á traição. Pouco era. O extremo alento haveria dado quem tão deveras a estremecia. Mas foi ella quem morreu, e breve! — O amante soterrou, juntos, o braço, a esposa e a filha (*).

Tornemos ao livro. A pressa, que punha o arcebispo na partida do governador e sua comitiva, frustrou-a o capitão da náu de vias, largando uma noite do ancoradouro sem aguardar o embarque. Tanto bastava a malograr-lhe a vinda, que outra embarcação não a havia. Mas tinha o illustre maneta um d'aquelles animos de rija tempera que mais se obrigam com os obstaculos, e assim vendo que não podia embarcar-se em Goa para o seu governo, determinou atravessar o Indostão e ir buscar a Madrasta navio que o trouxesse. Nesta aventurosa jornada pelos reinos de Sunda, de Maissur e do grão mogol, teve repetidos lances de mostrar a sua intrepidez e de acordar nos naturaes o antigo respeito aos portuguezes, e nesses rasgos coube não mingoada parte de acção ao capitão João Tavares. Tendo saido de Goa no dia 2 de junho de 1717, chegaram finalmente a S. Thomé em 16 do mez seguinte, e, como ahi não houvesse embarcação para a viagem que intentavam, passaram em 19 a Madrasta, a ver se neste porto, já então de grande movimento, lhe facilitavam uma. Albuquerque levava neste empenho cartas do arcebispo primaz, "mas o governador inglez (diz Guerreiro), attendendo mais ás razões

---

(*) "Na igreja de S. Francisco, ao presente em demolição, se encontraram ainda ha poucos dias, esses despojos de um amor, que mais é para romance". (*Notas de A. Marque Pereira.*)

de sua conveniencia, do que ás de capricho, declarou não estar em tempo, que podesse executar o que se lhe pedia, allegando o ser já tarde para armar barco, e haver falta de patacas na terra". Dorído da recusa. e confiando que lhe não faltaria o auxilio dos portuguezes de S. Thomé, respondeu Albuquerque pedindo que se lhe vendesse algum navio. Effectuou-se a compra, e em 5 de agosto se emprehendeu a viagem. Foram os trabalhos do mar desmedidamente maiores do que os soffridos em terra, e ao fim de dois mezes, sem piloto que os dirigisse e tendo já por temeraria a lucta com as privações e avarias, arribaram, para invernar, a Djohor, ou Gior, como então se escrevia, — e não a Java, como por engano diz o ms. Este reino, hoje na sua maior parte quasi despovoado desde que os inglezes fundaram o estabelecimento de Singapura, estava então rico e poderoso, ainda que revolto por luctas intestinas. Albuquerque prestou ao acabamento d'essas contendas influencia activa e honrosa, e, logo que as terminou, conseguiu do novo rei uma promessa escripta com as formalidades de tratado, admittindo e protegendo a propagação da fé em todo aquelle dominio. O tratado foi celebrado em 7 de março de 1718, e em 15 o governador portuguez tomou solemnemente posse de um lugar ameno e vistoso, perto da povoação de Gioriama, para a fundação de uma egreja. Outros successos mais refere o livro, tambem curiosos, especialmente a respeito de um navio inglez, com que se encontrou o nosso em Djohor, mas não acceita menção d'elles a requerida brevidade d'esta noticia.

Continuaram no restante da viagem os revézes, perigos e fadigas. A' falta de piloto, era o proprio governador quem regia a navegação, sem que a isso o habilitasse nada mais do que a sua intelligencia resoluta e a observação das repetidas vezes que passára nestes mares Chegando a San-choan, o navio não poude seguir. Da tripolação, os que não morreram, tinham adoecido todos. — Antonio de Albuquerque Coelho, cortindo a molestia que tambem viéra soffrendo, chegou a

Macau, n'uma embarcação chineza, aos 29 (e não 24) de maio de 1718, e logo no seguinte dia tomou o governo.»

O volume que meu Pae obteve, offereceu-o á «*Sociedade de Geographia de Lisboa*» em 1879, acompanhando-o d'uma noticia, em que reproduziu os dados já apresentados no «*Ta-ssi yang kuo*», e que appareceu publicada no «*Boletim*» dessa Sociedade, n.° 1, da 2.ª serie (1880), com o titulo de «*De Goa a Macau em 1717.—Um livro curioso.*» Esta noticia chegou a despertar a attenção no estrangeiro. A ella se referiu desenvolvidamente Eugène Gibert, a pag. 337 338 do «*Bulletin de la Société Académique Indo chinoise*», de França, do anno de 1881. Não transcrevo a noticia, nem a referencia, porque nada mais diziam do que o exposto nos artigos do «*Ta-ssi-yang-kuo*». Certo é que Gibert carrega a nota tragica, no episodio de Maria de Moura, pois que affirma que Albuquerque foi arcabuzado aos pés da desventurada, que morreu de susto, mais o filhinho, fructo dos desventurados amores. (*) Mas, quem conta um conto, accrescenta um ponto...

*

Albuquerque, tendo chegado á India em 1703, foi para Macau em 1708, onde desembarcou em 23 de agosto do mesmo anno, conforme diz a interessante «*Col-*

(*) «Il (Albuquerque) avait déjá résidé à Macao où il avait été le héros d'une tragique aventure: *surpris aux pieds de l'infortunée Maria de Moura*, il reçut une balle d'arquebuse et dut subir l'amputation d'un bras; *sa maîtresse mourut de frayeur et l'enfant, né de leurs amours, mourut aussi...*»

lecção de varios factos», de que possuo uma das copias mais antigas (*), pertencente á collecção de meu Pae:

«1708 — 23 de agosto—Chegou neste dia a fragata *N. S.ª das Neves* vinda de Goa em direitura p.ª esta cidade (de Macau), sendo seu cap.m Geronimo de Mello, o feitor por S. M. Miguel Pinto, Tenente D. Henrique de Nor.ª Cap.m de Infanteria Ant.º Albuquerque Coelho, em que se hade fallar muitas vezes nestas memorias p.r haver motivos para isso. A fragata entrou dezarvorada, sem mastros, e sem leme, até sem beque, sendo preciso hirem embarcaçoens rebocala p.º dentro, por cauza do grd.e temporal q.' apanhou na altura de 19 graus; ficou de invernada p.ª se concertar.»

Um anno depois, menos alguns dias, isto é, a 2 de Agosto de 1709, realisava-se a tragedia que custou o braço a Albuquerque. Narra a «*Collecção*»:

«Agosto 2, dia 6.ª feira e de N. S. da Purificação, succedeo o facto seguinte=hindo a cavallo p.ª S.m Francisco, *José de Mello Albuquerque, Irmão do capitam de Mar e guerra An-*

(*) Intitula-se este manuscripto — «*Collecção de varios factos que ão acontecidos* (sic) *nesta Cidade de Macao, pelo decurso dos annos á margem. Novamente accrescentada, e com declaração dos nomes das ruas e Lugares. e propriedades, que ao prezente tem, pois são differentes dos que antigamente tinhão, o q.' se faz precizo para a boa inteligencia.—Dada a Luz no anno de 1794, sendo correcta e emendada nesta edição—D. A. C.—Leva no fim porção de papel em branco, para o Curiozo continuar se quizer.*»

tonio de Albuquerque Coelho, lhe atirarão (*) no Campo de

(*) A' primeira vista, a quem lêr isoladamente este trecho do ms., parecerá que o feio caso se deu com o *irmão de Antonio de Albuquerque* e não com este. Mas nas verbas seguintes da «*Collecção*», adiante transcriptas, se verá que os amores de Maria de Moura se deram entre esta e Antonio de Albuquerque e não com o irmão José. Foi com Antonio que Maria casou; e no epitaphio da sepultura do convento de S. Francisco de Macau teria meu Pae averiguado a quem pertencia o braço.

Infelizmente, não encontrei, entre os papeis de meu Pae, a narrativa da *desalegre historia* dos amores de Maria de Moura, a que elle se referiu no artigo, atraz transcripto, do «*Ta-ssi-yang-kuo.*»

A que attribuir, então, o erro da «*Collecção*»?

A qualquer lapso da copia dos manuscriptos antigos, d'onde o copista da «*Collecção*» em 1794 tirou a narrativa do caso de 2 de agosto de 1709. Oitenta e cinco annos bastariam de sobejo para que a formiga branca perfurasse em todo o sentido e enchesse de lacunas qualquer documento. Levianamente, para preencher qualquer lacuna, o copista de 1794, omittiria phrazes ou palavras: d'ahi a contradicção que o leitor notará e que vem reproduzida nas outras copias, que conheço, da «*Collecção*», *feitas sobre a de 1794*. Pena, repito, é que se perdesse a narrativa do caso de Maria de Moura feita por meu Pae, que teve ensejo de verificar em Macau, em 1865, o apparecimento á luz do dia dos funebres despojos encontrados na sepultura do convento de S. Francisco.

Mas, para quem ainda tivesse duvidas de que o maneta era Antonio de Albuquerque, bastaria, para as tirar, as seguintes referencias da propria «*Jornada*», escripta pelo dedicado companheiro de Albuquerque:

No capitulo III: «... quando era tão grande a chuva, que não podia sustentar o capote, de que usava para defender *aquella pequena e leza porção do braço direito, que antigamente lhe foi cortado*».

No mesmo capitulo: «Que melhor conclue a madura viveza de *huma boa cabeça sem braços,* do que a forte valentia de muitos braços sem cabeça»

No capitulo IV:—«... e montou a cavallo, mostrando nesta acção que *bastava o braço esquerdo* ajudado de generosos brios, para supprir *o que faltava no braço direito.*»

Para que mais citações?

S.m Fran.co com hum bacamarte, mas lhe não acertarão p.r ser desparado p.r hum Cafre, foi o Albuquerque sobre o Cafre que lhe havia atirado, até a rua fermosa, e na volta que fez pelo não poder apanhar, lhe atirarão outro tiro da janella da caza que tinha sido de Bernardo da Silva (*), e vivia nella hũa mulher por nome Fran.ca Espinhosa, a qual tinha seu marido auzente. O que lhe atirou o tiro da janella desta caza foi D. Henrique de Noronha, e lhe deo no braço direito por cima do cotuvelo, elle assim mesmo ferido foi a recolher-se a S.m Fran.co e q.do chegou ao pé da escada deste convento lhe atirarão com outro bacamarte; porem não lhe acertarão por ser desparado por outro Cafre. Chegando elle a portaria assim mesmo a cavalo, já se não pôde apêar, e foi preciso ajudarem-n'o; recolheu-se neste Conv.to aonde o Cirurgião da Cid.e Ant.o da S.a e hum Cafre cirurgião da fragata de Goa o curarão, e disserão q.' não hera nada; porem depois de 16 dias de cura, se não apparecesse hum navio Inglez, que hia para Cantão, o q.l mandou o seu Cirurgião, q.' vendo o braço logo disse q.' estava podre, e q.' se queria escapar a vida, hera necessario o cortar-se. Com esta resolução se poz p.r obra a operação q.' se fez com m.ta brev.e, e logo em breves dias se achou melhor, ficou no Conv.to até se acabar a cura. He de advertir q.' logo que este facto succedeo acodio o G.or Diogo de Pinho Teixeira, mandando buscar a outra banda (**) o Ouvidor que lá se estava divertindo, mandando p.r elle prender a D. Henrique de Nor.a o qual já se achava omiziado em S.m Domingos, cujo Conv.to emediatamente foi cercado, porem chegando o dia da festa do Patriarca, ordenou o G.or que fosse buscar a todo o Conv.to

---

(*) «Hoje é a caza onde ficarão os Dinamarquezes q.' tem communicação com a da praia grande.» (*Nota do ms.*)

(**) Isto é, á ilha da Lapa ou dos Padres, fronteira a Macau, e sempre considerada dependencia da nossa colonia.

p.ª ver se achavão a D. Henrique, mas neste tempo elle já se tinha passado de noite p.ª as cazas, e Comp.ª do Patriarca de Antioquia, aonde o hião vizitar os seus amigos e todos os da sua parcialidade. He sem duvida q.' a cauza porq ' lhe atirarão os tiros, foi p.rq.' estava ajustado e contratado p.ª cazar com hũa menina por nome Maria de Moura, com quem o mesmo D. Henrique de Nor.ª pertendia cazar, p.r ser m.to rica e m.to formoza, a qual já não tinha Pay, cujo se chamava Vicente de Moura. Na occazião em que o Cirurgião Inglez lhe deo a noticia de que se queria escapar a vida deixasse cortar o braço, mandou elle Albuquerque saber da sua futura noiva, se queria cazar com elle, tendo de menos hum braço, esta menina lhe mandou dizer, q ' ainda q.' lhe faltassem ambas as pernas, ficando elle com vida queria cazar com elle. He donde pode chegar o extremoso amor de huma mulher de capacid.e que considerando ser a falta do braço de Albuquerque por sua cauza, o não quiz recuzar. Ainda contão e cantão as velhas d'aquelle tempo a cantiga seguinte

> Não he tão, não tão parecida
> Maria, que pelo seu din.º arma tanta briga. (*)

*

Do que fez e praticou Antonio de Albuquerque durante a tormentosa época de lucta entre os elementos favoraveis ao patriarcha de Antioquia (que foi á China tentar regular a questão dos ritos e só conseguiu produzir a confusão e a ruina nas coisas religiosas) e o

---

(*) Em outras duas copias, mais recentes, que tenho á vista, da «*Collecção de varios factos*», encontra-se a seguinte variante da cantiga:

> Não he tão fermoza,
> Nem tão bem parecida,
> Que, por seu dinheiro,
> Maria arma tanta briga.

governador de Macau, Diogo de Pinho Teixeira (*), não resa a collecção, mas penso que não estava do lado do governador que, se desempenhava o papel de campeão dos direitos da Corôa contra as usurpações do patriarcha, nem por isso deixou de praticar desatinos e despropositos que o collocaram em pessima situação, perdendo força e prestigio que ficariam resguardadas se, a par da energia para luctar com os elementos locaes que defendiam o patriarcha, usasse da necessaria circumspecção e indispensavel prudencia. Que Albuquerque não estava em 1710 do lado do governador conclue-se do seguinte trecho da «*Collecção*», quando diz:

«1710—Agosto 22—na noite deste dia se recebeo Antonio de Albuquerque Coelho com M.ª de Moura, f.ª de Vicente de Moura, na Caza do Campo de S.m Fran.co (Hoje casa da mitera (sic)) onde assistia a infantaria da frag.ª de Goa, com o seu Cap.m, e nella estava tbm *o mesmo Albuquerque de seguro* p.r ordem do G.or—N. B. Julgando Franc.co Leite que este cazamento se faria em S.to Ant.o foi esperar o noivo bem acompanhado, afim de o mattar, porem ficou logrado»

D'este trecho conclue-se:

1.°—Que o amante e marido de Maria de Moura foi Antonio de Albuquerque e não o irmão José.

(*) E' assumpto que estudarei desenvolvidamente na minha revista «*Ta-ssi-yang-kuo*», na qual tenho diligenciado modestamente continuar as investigações de meu Pae. Entretanto, o leitor curioso poderá consultar, sobre o assumpto, as «*Ephemerides commemorativas da Historia de Macau*», por A. Marques Pereira; o «*Chronista do Tissuary*» de Cunha Rivara, e a «*Collecção de Tratados da India*», de Biker.

2.°—Que o governador o tinha preso no quartel, provavelmente por não ser um dos seus sequazes — entre os quaes se contava o Francisco Leite, que, com D. Henrique de Noronha, eram dos mais figadaes inimigos de Antonio de Albuquerque, que, pela segunda vez, se via salvo da morte miraculosamente.

Mas a felicidade pouco lhe havia de durar. A nuvem negra da desgraça que lhe pairava sobre a cabeça ia desabar e fulminal-o quando elle menos esperava o golpe da fatalidade. Depois de ter perdido uma filha de 7 dias, que foi enterrada em S. Francisco, em 6 de março 1712, viveu socegado com a mulher amada, até que, em 20 de julho de 1714, a desgraça o feriu desapiedamente, no meio da mais fervente alegria pelo nascimento de um filho. Oiçamos a «*Collecção*»:

«1714=Julho 20, neste dia á noite pario a mulher de Antonio de Albuquerque hum filho, e no dia 23 mandou fazer comedia á sua porta, em 26 se correrão alcanzias a cavalo, com outros m.tos divertim.tos, a 27 se baptisou a criança na Freg.a de S.to Ant.o sendo seus Padrinhos M.el Favacho, e Catharina Soares, foi este acto acompanhado pelo G.or desta Cid.e Antonio Sequeira de Noronha com 2 comp.as de Sold.os: a fortaleza do Monte se não descuidou em obzequiar tanta festa salvando com 7 tiros a entrada, e com 11 a sahida; mas a 31 do mez, falleceu a parida, aqui se vê q. depois de tantas festas, e gostos, tudo acabou em choros, se vê o quanto são futeis os gostos desta vida; foi enterrada em S.m Fran.co com grd.e pompa de acompanhamento, officio, e sinos.»

*

Acabrunhado pela dôr, regressou Albuquerque a Goa. Acompanhado pelo filho,—tão cedo privado dos carinhos da mãe amantissima? Não o diz a «*Collecção*»,

nem tão pouco quando se realisou esse regresso á India.

A primeira verba, a seguir, a respeito do nosso heroe é a que foi reproduzida no primeiro dos artigos de meu Pae, atraz transcriptos, e refere-se a 30 de maio de 1718, em que Albuquerque voltou a Macau depois dessa extraordinaria viagem tão magistralmente contada na «*Jornada*», de Vellez Guerreiro, que o leitor devorará em rapida leitura, enthusiasmado pelas emocionantes peripecias que se vão desenrolando, desde que esse homem patriota, energico e pertinaz, sahiu de Goa, até que, vencendo inclemencias e contratempos, conseguiu chegar a Macau, deixando um rasto luminoso da sua passagem, levando bem alto hasteado o pavilhão do seu paiz ; e, quer nas terras do Grão-Mogol, quer nas regiões de Johore, mais uma vez firmados o prestigio e a honra do nome portuguez, já tão decahidos no Oriente.

Releiam olhos patriotas aquella emocionante narrativa da entrada de Albuquerque na fortaleza de Velur, acompanhado de minguados companheiros, ao som das musicas indianas, de bandeiras soltas ao vento e tratando de egual a egual o poderoso nababo indiano, até então testemunha da nossa decadencia e abatimento !

Albuquerque, durante a sua viagem, só pensou em levantar-nos no conceito dos povos asiaticos por onde passou. Desde a recusa das offertas de dinheiro que lhe faziam, até a exigencia de honras que lhe eram devidas na sua qualidade de governador, tudo empregou com o fim de tornar-nos respeitados em regiões, onde, depois de ter soado a hora da decadencia, predominava mais a fama da rapinagem dos nossos chatins do que a das victorias dos nossos heroes.

E o papel desempenhado por Albuquerque em Johore, pondo e dispondo do sultanado, e tornando-o, por um tratado, outravez sujeito á nossa influencia?

Tão mal empregados esforços, a par de tantos da iniciativa de outros patriotas, e reduzidos a nada pela nossa incuria e desleixo!

Para quem ler com attenção a narrativa, a extraordinaria viagem de Albuquerque Coelho, representa a ultima scentelha desse rutilante foco de luz com que illuminámos o Oriente pelas nossas glorias e heroicidades.

*

Tendo chegado a Macau em 29 de maio de 1718, e tomado posse em 30, como ficou dito, teve muito que fazer para, sem crear inimizades nos moradores da colonia, divididos em parcialidades desde o tempo do governador Pinho Teixeira, metter tudo no são e no direito. Alem d'isso, nas negociações com as auctoridades chinezas, soube andar com a indispensavel energia, mas com tino e prudencia; e, quando os moradores conseguiram, por fim, que não fosse tornado extensivo a Macau as medidas contra o commercio estrangeiro, Albuquerque dirigiu directamente ao Imperador da China, a sua carta de 1 de março de 1719, acompanhada de alguns presentes — carta respeitosa, mas sem o tom humilhante com que antes e depois alguns governadores de Macau, seus antecessores e successores, se dirigiam ao vice-rei de Cantão e até aos mandarinetes de Hian-chan e da Casa Branca! (*)

(*) O sr Bento da França, que nos seus «*Subsidios para a Historia de Macau*» copiou em geral bem o que meu Pae disse nas «*Ephemerides*», onde desbravou quasi por completo o ca-

Mas, pouco tempo se demorou Albuquerque na colonia. Brioso como era, não poude tolerar as consequencias que para si resultariam do facto relatado nos seguintes trechos da «*Collecção*».

Desistiu de governar, elle, que não poderia governar com força e prestigio:

«1718 Junho 27 neste dia dezembarcou Francisco Xavier Doutel vindo de Goa no seu navio, o qual querendo hir a Betavia q.do sahio de Goa ficou de invernada na Larantuca, p.r já ser tarde, e lhe haver faltado o mastro grd.e com o tempo. Este Francisco X.er Doutel se achava o anno passado em Goa q.do sahio p.r G.or de Macao Ant.o de Albuquerque, com q m havia tido suas differenças, e querendo o g.or que elle o trouxesse, lhe disse que sim,

---

minho que outros vieram trilhar depois—entre elles, s. ex.a e eu—copiou mal o trecho em que meu Pae se referiu á carta de Albuquerque ao Imperador de China. Ou antes quiz ser mais minucioso e cahiu em erro. Meu Pae contentou-se em dizer:

«1 de março de 1719—*carta do governador de Macau, Antonio de Albuquerque Coelho, ao Imperador da China, Kang-hi* Veja «*China*» *por Martin, vol. I, pag. 372*».

O sr. França quiz dizer mais, e, a pag. 108 do seu livro affirma:

«Antonio de Albuquerque Coelho era um homem energico, patriotico e cheio de desejos de levantar o nome portuguez: logo que chegou a Macau empenhou todos os seus esforços e intelligencia, em dissipar o abatimento em que haviam cahido os moradores. *Neste proposito* dirigiu ao Imperador da China uma carta *cheia* de *dignidade*, em que procurava *convencel-o de que n'aquelle tracto de terreno só devia mandar o rei de Portugal.* A epistola tem a data de 1 de março de 1719. Não a transcrevemos *por ser em demasia extensa*, mas encontra-se no 1.º volume pag. 372 da obra *China*—Montenegry (sic) Martin».

Ora, indo nós consultar a obra de *Montgomery* (e não *Montene-*

mas fingindo um temporal, se fez á vella de noite da barra d'aguada, e fugio não trazendo nem as vias do Estado p.ª esta Cid.e, p.r cujo motivo logo que chegou se foi *omiziar em S. Paulo, temendo q.' o Albuquerque lhe fizesse alguma desfeita, p.r q.to se achava no governo, porem com a chegada de Luiz Xances em o navio de vias deste anno se acabou tudo p.r q.' este trouxe ordem do V. Rey a favor do mesmo Doutel.*

«1719 — Setembro 9. Neste dia tomou posse do governo desta Cid.e Ant.o da Silva Telles de Menezes que lho entregou Ant.o de Albuquerque Coelho cujo governou 1 anno 4 mezes e *dezistio de G.or.*»

Albuquerque ainda se demorou em Macau até 18 de Janeiro de 1720, em que se embarcou para Goa

---

gry) Martin, encontramos na pag. citada a carta que transcrevemos na integra, na propria lingua em que está traduzida, e sem omissão d'uma lettra ou virgula. E' a seguinte:

«High and mighty Lord,=The Portuguese of Macao, who govern the place, Vicente Rosa, and with all the others, have always received immense favours of your Imperial Majesty, whose name fills all the world; and lately a new one has been bestowed upon us, by not being included in the prohibition of navigating the southern seas; we have more than ten thousand mouths to provide for. To shew in some way our thankfulness, we have selected a few articles, wich we transmit to the viceroy, begging him to have the goodness to present them to your Imperial Majesty, and we shall be very happy= 1.st March 1719.=(segue a lista dos presentes para o Imperador).

Por onde o leitor verá que nessa carta, que é bem *curtinha*, nem Albuquerque disputava com o Imperador da China acerca do direito de soberania do rei de Portugal sobre Macau, nem se *enchia de dignidade* para mandar ao Imperador uns presentes como homenagem de gratidão da gente de Macau pelos beneficios recebidos do Imperador.

A memoria de Albuquerque não necessita que se torça a Historia para elle ser considerado benemerito e illustre entre os mais illustres!

«com bastantes saudades dos moradores desta cidade por ser m.[to] *bom homem»*, diz a *«Collcção»*. Foi na fragata *N. S. das Brotas «que tinha dado a commercio da qual hera capitam de mar e guerra D. Thomaz de Menezes»*.

Mas em 10 de Agosto de 1721 Albuquerque passava novamente por Macau. Falla a *«Collecção»*:

«1721—Dezembro 21: Ant.º de Albuquerque, como houvesse *dezistido de G.*[or] *d'esta Cid.*[e] e o V. R. de Goa houvesse nomeado em G.[or] de Timor, havendo chegado a esta Cid.[e] em hum pequeno navio seu, aos 10 de agosto proximo passado, partio p.ª o seu governo, no mez e dia acima indicado.»

Conseguiu estar assim quatro mezes na terra em que se encontravam os restos da sua querida Maria!

*

Nada mais pude ainda apurar acerca do governo de Albuquerque em Timor, senão o que diz Affonso de Castro na sua obra *«As possessões portuguezas na Oceania»*. Depois de relatar o estado anarchico em que ficára o governo de Timor nas mãos do fraco e timoreto governador Francisco de Mello e Castro (que tambem fôra antecessor de Albuquerque Coelho no governo de Macau), e aos manejos do bispo de Malaca, D. Fr. Manuel de Santo Antonio, que conseguira apossar-se do governo da colonia, diz Castro:

«Acudiu Goa a este desgraçado estado de coisas, nomeando novo governador, Antonio de Albuquerque Coelho, o qual (chegado a Timor), desapossou o bispo, tomando conta da direcção dos negocios.

«Pretendeu ainda Fr. Manuel de Santo Antonio ingerir-se

na administração, mas não lh'o soffreu o governador, *homem de rijo caracter e de firme vontade. Severo no cumprimento dos seus deveres, e rigoroso para com as faltas dos seus subordinados*, não devia ser bemquisto dos moradores de Lifáo, costumados ao desleixo e relaxação, e não foi difficil ao bispo indispo-los contra o governador, conseguindo ao mesmo tempo, por suas intrigas, que alguns dos reis de Sorvião lhe negassem obediencia.

«Não se acobardou Albuquerque, e, longe de imitar o exemplo do antecessor, tratou de conjurar a tormenta.

«Corria o anno de 1722, e julgando varios reinos a occasião opportuna para realisarem os planos concertados em 1719, declararam-se em rebellião contra o governo portuguez. Foi o rei de Luca o primeiro a romper hostilidades, atacando com o seu gentio o capitão-mór Joaquim de Matos, que, com um troço de moradores de Lifáo, havia ido a Cailaco cobrar fintas.

«Camenace, como cabeça da rebellião, poz-se logo em campo seguido de Lamakito, e mais doze reinos visinhos, e esta gente, havendo ás mãos os padres Manuel Rodrigues e Manuel Vieira, barbaramente os assassinou. As egrejas dos reinos revoltados foram queimadas, ultrajadas as imagens e profanados os vasos sagrados.

«Prolongou-se este estado de desordem e de inquietação, por muito tempo, apesar dos esforços do governador, o qual pôde ainda assim conservar fieis os moradores de Lifáo e alguns reinos vassallos, até que, chegado a Larantuca novo governador, Antonio Moniz de Macedo, as cousas tomaram outro aspecto.»

*

Albuquerque, de volta a Goa, passa novamente por Macau, afim de matar saudades, despedindo-se, já agora de vez, da pobre morta enterrada em S. Francisco.

Lá diz a «*Collecção*»:

«1725—Setembro 29. Neste dia desembarcou nesta cidade Antonio de Albuquerque Coelho, vindo de Timor por haver acabado o seu governo. Foi assistir em S. Fran.co onde no dia 23 de 9.bro fez um officio solemne pela alma de sua mulher M.a de Moura; houve salva na fort.za do Monte no fim do officio e dobrarão todas as Igrejas: ella havia fallecido de parto em 20 de Julho de 1714, como consta do d.o anno.»

Pobre Maria de Moura! Teu nunca esquecido esposo nunca mais viria chorar sobre a pedra da tua sepultura! Mas diligenciou-o bem! Dez annos mais tarde, ainda o vice-rei conde de Sandomil, dando a el-rei informações de militares e funccionarios existentes na India, dizia de Antonio de Albuquerque Coelho:

«Veyo do Reyno ha trinta e dous annos, occupou os postos de Tenente de mar e guerra, Cappitão de Infanteria do Terço d'este Estado, governador, e Cappitão General da Cidade de Macáo, e Governador das Ilhas de Solor, e Timor, e Governador, e Cappittão General do Reino de Patte (*); *tem grande capacidade, e muyto bom juizo e de excellente modo com as gentes*. Nos governos de Macáo, e Timor me consta pelas informacoens que tenho que *procedeo com distinção e acerto,* e no governo de Patte *não creio que obrou mal*, pois V. M. sendo-lhe presentes as Devaças que contra elle se

---

(*) *Pate* ou *Paté*, é a conhecida ilha e povoação do mesmo nome, situadas muito proximo á parte mais septentrional da costa de Zanguebar. Perdemo-las e retomamo-las por diversas vezes aos arabes, até que em 1729 as abandonámos de todo, juntamente com Mombaça, e Zanzibar. Culparam do abandono de Pate a Antonio de Albuquerque Coelho, segundo se vê a pag. 120 do «*Ensaio estatistico sobre a provincia de Moçambique etc.*» por Francisco Maria Bordalo, que, quando se refere ao governador de Moçambique Antonio Cardim Froes, diz:

«Perde-se novamente e para sempre Mombaça (1729). *An-*

tirarão, *o deu por livre por carta sua expedido este anno pelo Conselho Ultramarino;* tenho-o por *capaz de todos os empregos, e particularmente para o de Macáo, que hoje necessita mais de industria e capacidade do que das mais circumstancias, que nelle não faltam.* (*)

Que melhor folha de serviços poderia Albuquerque Coelho apresentar á munificencia regia? Provavelmente de nada lhe serviu, pois que não encontrei menção do seu nome em outros logares onde o tenho em vão procurado. Provavelmente, velho e alquebrado, minado de desgostos, morreu esquecido de todos, sem lograr ter a mesma sepultura da linda companheira, mãe de seu filho, cujo destino não sei.

Que estas linhas e a reedição da obra de Vellez Guerreiro pelo meu prezado amigo salvem mais uma vez do esquecimento a grande figura de Antonio de Albuquerque Coelho! São estes os desejos de quem, na continuação do trabalho encetado por Antonio Feliciano Marques Pereira, voltará talvez um dia ao assumpto, para tornar ainda mais saliente o inconfundivel perfil do benemerito portuguez!

Lisboa, 5 de novembro de 1905.

J. F. MARQUES PEREIRA.

---

tonio de Albuquerque Coelho abandona tambem a ilha de Pate' sem fazer a fortaleza que lhe fora recommendada »

Ora d'essa culpa, que lhe attribuiram, ficou elle livre, depois de devidamente apreciadas pelo Conselho Ultramarino as devaças a que se refere o conde de Sandomil.

Seria curiosa a publicação dessas devaças, que devem existir nos archivos do antigo Conselho Ultramarino, hoje bem guardados na Bibliotheca Nacional de Lisboa, depois do abandono em que estiveram durante tanto tempo.

(*) Officio do Conde de Sandomil, vice-rei da India, a El-Rei, datado de Goa em 23 de Janeiro de 1735, publicado por Celestino Soares no Tomo III do seu «*Bosquejo das Possessões Portuguezas no Oriente*».

JORNADA,

QUE

ANTONIO DE ALBUQUERQUE COELHO,

Governador, e Capitão General da Cidade do Nome de Deos de Macao na China,

Fez de Goa até chegar á dita Cidade no anno de 1718.

Dividida em duas partes.

Escrita

PELO CAPITAÕ

JOAÕ TAVARES

DE VELLEZ GUERREIRO,

E DEDICADA

AO DUQUE,

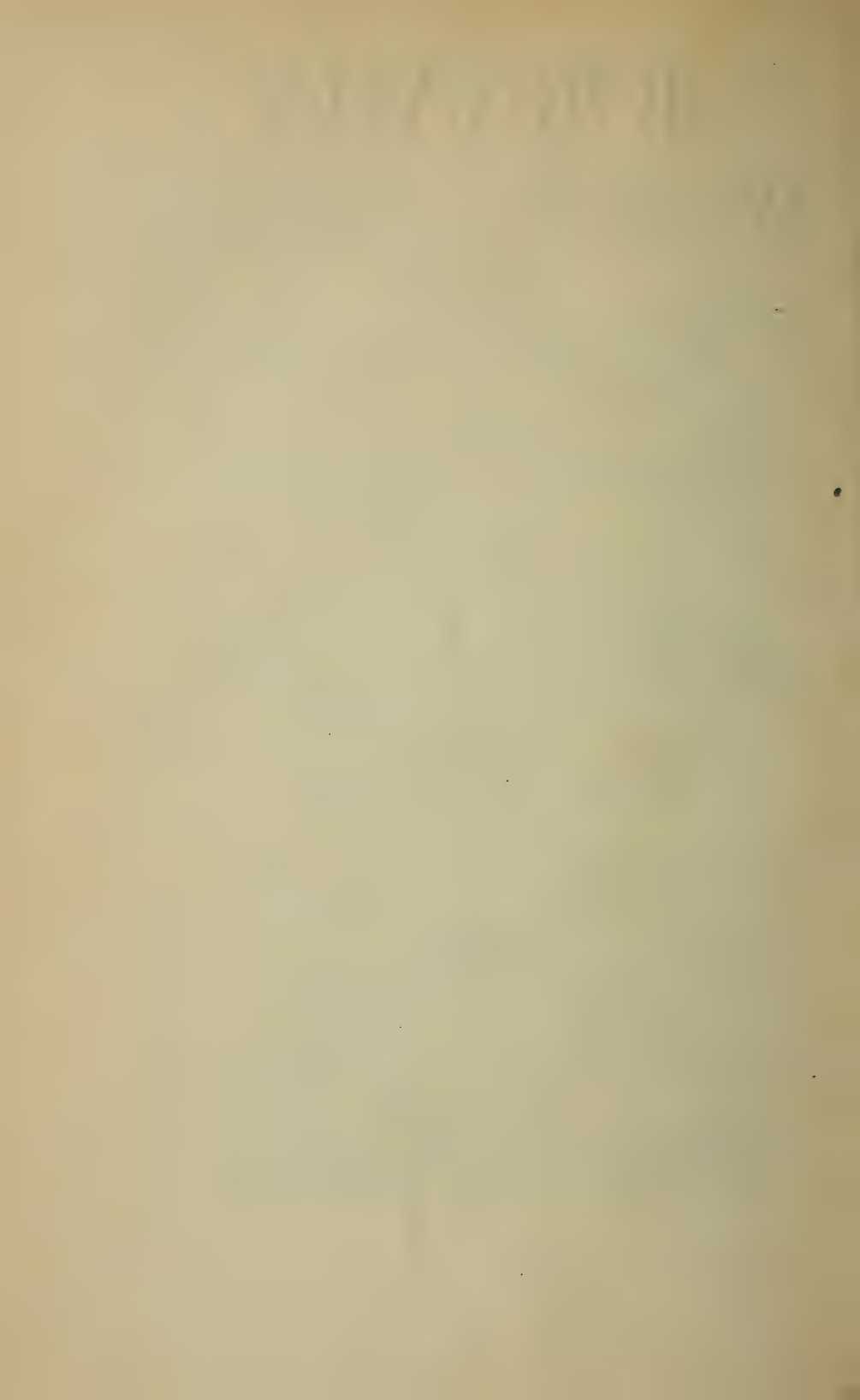
por

D. JAYME DE LA TE, Y SAGAU.

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina da MUSICA.

M.DCC.XXXII

Com todas as licenças necessarias.

Vendese na mesma Officina.

AO DUQUE

EXCELLENTISSIMO SENHOR

Esta viagem que me resolvi a imprimir, por me parecer, que a sua lição será não só util, mas agradavel aos curiosos de semelhantes noticias, dedico a V. Excellencia, mas o motivo desta dedicacão não é algum daquelles, que o costumam ser das outras. Eu não pertendo, que o grande respeito de V. Excellencia sirva de escudo contra os que quizerem dizer mal da obra , quero sim, que conheça o publico, que até os caracteres da minha Impressão sabem formar palavras, que podem publicar em toda a parte onde forem entendidas, para testemunho do seu agradecimento, a honra que V. Excellencia lhes fez. Escreveo V. Excellencia as *Ultimas acções de seu Pai*

o Grande Duque D. Nuuo, e não satisfeito de me honrar a mim, quiz tambem honrar a minha Officina, mandando-me, que as imprimisse, e que a grandeza da edição correspondesse á grandeza da matèria, e do Escritor. Para satisfazer ao preceito de V. Excellencia, escolhi os mais perfeitos caractares, fiz a impressão em folha de grande papel, e para que em tudo fosse magnifica, mandou V. Excellencia a Monsiur Quillard, igualmente destro no Pincel, e no Buril, que abrisse em planchas de cobre tudo o que fosse preciso para o ornato do livro, o que elle executou com summa perfeição, pois não fallando em vinhetas, letras iniciaes, e remates, abrio para o principio da obra uma estampa de admiravel idéa, a que se segue outra com o Retrato do Duque summamente semelhante. No meio se vê outra, que representa a pompa militar do enterro, e no fim trinta e tres, que mostram o magnifico Mausoleo, e todos os adornos funebres de que se vestio a Igreja de Santa Justa, quando a Irmandade do Senhor lhe celebrou as Exequias; de sorte, que posso affirmar sem vaidade nem mentira, que a minha Officina deve a V. Excellencia a gloria, de que nella se fizesse a edição mais perfeita, e magnifica, que até aqui se tem feito na Penisula de Hespanha.

Em todos os seculos, e em todas as idades se lerão neste grande livro as acções de um Principe, que para se fazer Heroe, soube igualar com a grandeza das virtudes a grandeza do nascimento, e que para ser maior que todos os seus Maiores, alcançou de Deos o alto beneficio de ser Pai de V. Excellencia; mas no mesmo tempo se lerão impressas na Officina da Musica. A agradecida memoria desta honra se conservará sempre na mesma Officina, para a publicar no Mundo em quanto nella durarem os caracteres.

Agora desejara eu, Senhor Excellentissimo, uma

eloquencia, e uma erudicção iguaes ao meu profundissimo respeito para com a pessoa de V. Excellencia, para que, já que fallei no material do livro, podesse tambem fazer um juizo não só da relação, que V. Excellencia escreveo, mas de todas as mais obras, assim em verso, como em prosa, de que elle se compoem; mas destas basta-me dizer, que foram compostas pelos melhores Poetas, e Oradores de Portugal, e da relação de V. Excellencia direi o que diz o ultimo dos Sonetos, que no mesmo livro se imprimiram em louvor de V. Excellencia; e ainda que no fim não está firmado mais que com as letras iniciaes do nome de seu Author, bem se conhece, que é feito por um Padre Caetano.

SONETO

A Religiosa, singular piedade,
Nas ultimas acções mais repetida
Do grande Duque, com que o fim da vida
Fez principio feliz da eternidade.
Com igual eloquencia, que saudade,
Deixais, Heroico JAYME, referida,
Porque na muda voz do prélo ouvida,
Viva estampada na futura idade.
Essa vida que tendes recebido
De um Pai tão dignamente venerado,
Oh que bem lha pagais agradecido!
Pois já duas vidas tem por vós logrado;
Uma em vossas acções reproduzido,
Outra em suas acções eternizado.

Deos guarde a V. Excellencia muitos annos, e lhe dê todas as felicidades que lhe deseja seu criado

D. Jayme de la T. e Sagáu.

PROLOGO

NÃO ha melhor meio para o acertado fim de qualquer heroica empreza, ainda que arriscada, do que uma apostada resolução, dirigida de um natural vivo, prudente, e experimentado. A prudencia sem resolução é pussilanimidade; e a resolução sem experiencia, e prudente ponderação das consequencias, é reputada por temeridade. A resolução, que tomou o Senhor Antonio de Albuquerque Coelho na jornada, que emprendeo de Goa por terra até Madrasta, e dalli por mar até Macao, parecerá temeraria a quem só attender ás circunstancias do tempo, o mais incommodo naquellas partes pelas continuas chuvas, e trovoadas; aos riscos dos caminhos por terra de barbaros, e infieis, onde necessariamente se havia de atravessar o Reino de Sunda, cujo Senhor andava em differenças com o Estado da India; se haviam avançar rios impetuosos com as inundações das chuvas, e arrebatados com as enchentes das aguas; se haviam

de passar braços do mar, cuja passagem é tanto mais difficultosa de emprender, quão menos seguro o modo de a effeituar; se haviam encontrar innumeraveis tigres, que infestam aquelles montes; se havia de expor ás invasões de deshumanos, e atraiçoados ladrões, que impedem aquelles caminhos. E o que é mais, a pessoa de um Governador do Serenissimo Rei de Portugal, se havia de aventurar a ser, ou descortezmente tratada, ou afrontosamente reprezada com menos decoro da reputação Portugueza. Mas quem tambem advertir, que a natural viveza, e prudente experiencia de quem se expunha a taes perigos, sabia nas occasiões dar talho ás difficuldades, e nos repentes engenhosamente vencer os obstaculos, não reputará por temeridade o que era assentada resolução; confiada não menos na prospera fortuna de Cesar, que na prudente experiencia de Catão. O qual bem mostrou o successo, como se verá no discurso desta Relação.

Vale

LICENÇAS

DO SANTO OFFICIO

EMINENTISSIMO SENHOR

Li a Relação, que quer reimprimir D. Jayme de la Té, e Sagáu, e nada contém contra a nossa Santa Fé, ou bons costumes. Lisboa Occidental 10 de Julho de 1730.

D. Antonio Caetano de Sousa.

Vista a informação, póde-se imprimir a Relação de que trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 11 de julho de 1730.

Fr. R. Lancastro. Cunha. Teixeira.
Silva. Cabedo. Soares.

DO ORDINARIO

Pode-se imprimir, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença, para que corra. Lisboa Occidental 12 de Julho de de 1730.

Gouvea.

DO PAÇO

SENHOR

Por ordem de V. Magestade vi a jornada, que Antonio de Albuquerque Coelho fez de Goa á Cidade de Macao, e nella não achei cousa, que seja contra o serviço de V. Magestade, que mandará o que for servido. Nesta casa de Nossa Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares, 23 de Agosto de 1730.

D. Joseph Barbosa.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á mesa para se conferir, e taxar, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental, 26 de Agosto de 1730.

Pereira. *Teixeira.* *Bonicho.*

PRIMEIRA PARTE

Descreve-se a jornada de Goa até chegar ao Reino de Gior

CAPITULO I

Cousas succedidas de Goa até entrar nas terras do Reino do Canará

Intentando o Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Sebastião de Andrade e Pessanha, Arcebispo Primaz, e Governador dos Estados da India, dar Governador á Cidade de Macao, poz os olhos no Senhor Antonio de Albuquerque Coelho; e attendendo, que assim o bem temporal daquella Cidade, como o espiritual das dilatadas Missões, dependentes da mesma Cidade, e nestes calamitosos tempos tão pertubadas, necessitavam da assistencia de tal Governador, como assaz esperimentado daquelles Paizes, pois tinha por bastante tempo habitado nelles. determinou fizesse logo sua viagem para aquella Cidade. Estavam no porto de Goa dous navios, que naquelle anno tinham vindo de Macao, um delles não tinha a neces-

saria expedição para voltar: no outro se assentou embarcasse o dito Governador; e estando as cousas preparadas, na noite dos 22 de Maio ás 7 horas levantou véla o Capitão daquelle navio, por causa do vento, que de repente começou fortemente a assoprar, e se fez ao mar sem esperar pelo Governador, que havia de ir para Macao, ou porque julgou devia aproveitar-se logo do vento, quando qualquer tardança em tempo, que já começava a invernada, podia ser nociva á sua viagem, ou porque temeo corresse risco o navio ancorado, sendo mais conveniente o affastar-se de terra, ou fosse outro qualquer o motivo expediente ás suas conveniencias.

Com este successo parece ficava frustado o intento do Illustrissimo Senhor Primaz Governador, que era, que o Senhor Antonio de Albuquerque Coelho partisse naquelle anno para Macao; mas a actividade de um, e outro Senhor remediou este accidente não esperado, com a resolução de que aquella jornada se emprendesse por terra até Madrasta, aonde por todo o Julho poderia achar embarcação para alguma das partes confinantes com a China, por ser aquelle emporio dos Inglezes um dos mais bem providos de toda a Asia, e expedito em despachar navios em qualquer tempo para varios portos. Assentada esta resolução, expedio o Illustrissimo Senhor Primaz Governador suas ordens, e recomendações assim ás Feitorias do Estado, como ás outras dos Estrangeiros; e aos 30 de Maio o destinado Governador de Macao, no cais do Desembargador Agostinho de Azevedo Monteiro, se embarcou na Manchua de D. Christovão de Mello, Védor da Fazenda, levando em sua companhia o Capitão João Tavares de Velez Guerreiro, que estava nomeado para a guarnição da Fortaleza da Barra de Macao, e o seu Ajudante Ignacio Lobo de Menezes, e

no seu Balão a João Nunes, e Pascoal Ribeiro Portuguezes, e cinco Cafres seus cativos, e juntamente dous clarins; e fazendo sua digressão ao Convento dos Religiosos Capuchos da Madre de Deos, rendeo devota oração áquella Senhora, que é amorosa companheira, e fiel guia dos viandantes; e recebendo em sua companhia a Fr. Angelo de Santo Antonio, e o Irmão Benedicto, que ambos estavam destinados para o acompanhar no sobredito navio até a China, se partio daquelle observantissimo Convento pelas 6 horas da noite, para a Fortaleza de Rachol, aonde chegou pelas 10 recolhendo-se em casa do Senhor D. Luiz da Costa, General da Provincia de Salsete, e foi hospedado com aquelle carinho, e agrado, que pedia a grande amisade entre ambos contrahida. Foi necessario deterse alli um dia mais; porque faltando os Deçais de Pondá á palavra, com que tinham promettido cavallos para aquella jornada, por intelligencias que havia entre elles, e o Rei de Sunda, o Senhor D. Luiz da Costa applicou sua diligencia, e cuidado a supprir o com que faltaram aquelles Deçais.

Deo-se principio á jornada aos 2 de Junho com uma devota assistencia, que os dous Generaes fizeram ao sacrosanto Sacrificio da Missa, acção propria da fidalguia Portugueza, que costuma começar suas emprezas pela piedade. Partio o governador levado no andor do General daquella Provincia, com toda a mais comitiva acima referida, recusando uma tropa de 20 cavallos, que o General D. Luiz da Costa lhe offerecera para o acompanhar até Coculim, aceitando sómente um cabo de esquadra, e outro soldado com ordem do dito General para que obedecessem em tudo o que o Governador lhes mandasse. Fez-se o caminho pela Aldea de Chinchini, não tanto por se avistar com o R. Padre Manoel Carvalho, da Companhia de Jesu, veneravel

Ancião, e de singular estimação, Vigario daquella freguezia, quanto por visitar a devota Imagem de Nossa Senhora, que naquelle lugar é venerada com notavel devoção pelo povo. E o bom Padre admirado da resolução do Governador, e ponderando os perigos, e trabalhos, a que se expunha, o exortou a que se puzesse debaixo do patrocinio da Mãi de Deos, toda fonte de piedade, e misericordia, e norte seguro dos caminhantes, com o qual patrocinio podia esperar felicissimo successo: o que tudo ouvio o governador com affectuosa ternura, prometteo um manto á devota Imagem, e partindo pelas tres horas da tarde em demanda da Aldea de Coculim, chegou lá pelas cinco, estando o capitão de infanteria Antonio de Abreu, que alli assistia de guarnição, aparelhado para hospedar o dito Governador; mas este rendendo as devidas graças a tão urbana offerta, se foi agazalhar na Igreja daquelle lugar, em que residia por Vigario o R. P. Valentim de Gouveia da Companhia de Jesu, accomodando-se a mais comitiva em casa do dito capitão de infanteria.

Amanheceo o dia seguinte, e a primeira cousa, que o Governador fez, foi assistir á Missa com a sua costumada devoção, e piedade; e preparado o necessario, dispoz a marcha, a qual como foi entrando pelas terras do Sunda, se dividio em fórma de Arraial, precedendo na vanguarda vinte Lascarins mosqueteiros com o capitão João Tavares, e os dous Portuguezes, e na retaguarda ia o Governador com os outros Lascarins, seus Cafres, e o Ajudante, levando toda a bagagem no centro, e os dous soldados de Cavallo lhe guardavam as costas. Eram aquelles Lascarins da Infanteria do Deçai Nagogi Narque, que por ordem do Illustrissimo Senhor Primaz foram deputados para acompanhar ao dito Governador até ás terras do Canará. Nesta fór-

ma chegou o Arraial á primeira vigia do Rei de Sunda, que constava de sessenta Lascarins, e logo lhes foi intimado, quem passava, para onde, e a que fim. Continuou-se a marcha, e juntamente a chuva, que não cessou naquelles dias; pela qual razão os caminhos eram uma continuada alagoa, e com grande trabalho se chegou ás cinco horas da tarde á Aldea de Parurá, que está ao Sul de Cabo de Rama, onde se aquartelou o Governador na barraca da vigia, que constava de cinco Lascarins, que arrebatados do medo, largaram o posto, fiando dos pés a sua segurança; mas dando-lhe seguro, que nem elles, nem os da Aldea seriam molestados, com condição, que de noite nenhum chegasse ao destricto do Arraial, sobpena de morrer arcabuzeado, se socegaram. No dia seguinte se proseguio a jornada com molestia da chuva do Ceo, e alagos da terra; e a poucos passos andados se encontrou um braço do mar, cuja largura era pouco menos, que um tiro de pistola. A necessidade obrigava a atravessa-lo a pé, pois não havia alli nem ponte, nem embarcação alguma, nem quem soubesse, que fundo tinha. Foi um aventureiro a observar-lhe a altura, e achou não passar da cintura para cima, e retirando-se para a praia, de tal sorte cresceo a agua com o quebrar das ondas, que o ia arrebatando para o mar, e com grande difficuldade se salvou.

Ficou a gente summamente intimidada á vista do caso, e deu por impossivel a passagem; mas o Governador socegou a todos, e com sua natural viveza observando aquelle syntoma, e segredo da natureza, obvertio, que de nove em nove ondas crescia, e decrescia com tão grande improporção, e em tão breve espacio de tempo aquella nova maré, que não chegaram a descobrir, nem Aristoteles, nem Plinio: e feita esta observação, acabada a nona onda, o passou com toda

a gente, sem que pessoa alguma perigasse. Tanto val em semelhantes occasiões haver uma cabeça sagazmente advertida, que saiba prudentemente especular, e descubrir os segredos da natureza para assim poder cortar pelas difficuldades! Fica este braço de mar logo á entrada da praia de Galipan, a qual é uma lingua de area, que vae dar ao rio Quilipican, e este sahe ao mar pela dita lingua de area, e corre tão arrebatadamente, que pareceo até ao mesmo Governador ser impossivel sua passagem. Havia alli Almadias grandes, mas não costumavam passar naquelle posto, e só uma legua mais dentro, aonde a corrente é menos furiosa. Não se achou o Governador com fleuma de ir buscar mais longe a passagem, e mandou conduzir quantos pescadores se achassem, e com promessa de aventajada paga (movel, que costuma imprimir forças a semelhante gente) á força de multiplicados remos se venceo a corrente, e puzeram da outra parte. Vencida esta difficuldade, logo deram noutra não menos arriscada, que era o rio Lolipigan, que se havia de passar em duas unicas Almadias, tão rotas, e desmanteladas, que pareceria grande temeridade arriscar nellas tanta gente: mas como a fortuna ajuda aos animosos, passaram todos á outra parte com desprezo dos perigos. Continuou-se a marcha por terra rasa, e dilatada em vargens, que por ser tal, em tempo de tantas chuvas, eram seus caminhos mui arriscados. Finalmente já quasi noite se chegou á Aldea Seovençar.

E' esta Aldea de respeito, e consideração, assim por haver nella uma Fortaleza bastantemente grande, fabricada de pedra, e cal, com cinco baluartes, e algumas peças de pequeno calibre, presidiada de cem Soldados; mas muito mais por estar alli templo dedicado a Deos, com residencia dos Religiosos da Companhia de Jesu, em que assistia o P. Manoel Botelho da

mesma Companhia. Mandou o Governador fazer a marcha por dentro da Povoação a som de clarins, e com a melhor pompa, que pode, ficando os do lugar cheios não menos de admiração, que de medo, e se foi agasalhar á Igreja. Era esta em tudo Apostolica, não só pela pobreza, e estreiteza, pois era tecida de palha, e de quatro varas de comprido, e tres de largo, como tambem pela exemplar vida, e grande zelo das almas daquelle Religioso. Alli expoz o Governador as Imagens de Nossa Senhora da Penha, e de Santo Antonio, seus fieis, e indivisos companheiros em todas as viagens, e emprezas, e que lhe serviam igualmente de fomento á sua devoção, e de confiança a seo animo, e o Padre entoou as Ladainhas de Nossa Senhora, a que o Governador, e os mais devotamente responderam. Entre tanto os da Fortaleza estavam passados de medo: fecharam as portas, e com rigorosa sentinella se puzeram com as armas na mão; porque lhes remordia a consciencia, quando de alli tinham ido alguns Soldados ajudar ao Sambagi na entrada, que poucos mezes antes tinha feito nas terras de Salsete. Mas nada succedeo de parte a parte, porque o Governador só attendia á sua viagem; e os da Fortaleza se davam por mui satisfeitos se os deixassem em paz. No dia seguinte, cinco do corrente mez, foi tão grande a chuva, e cresceo tanto a agua pelos caminhos, que chegava a dar pelos peitos; mas não foi bastante este incommodo a que se interrompesse a jornada.

Passadas poucas horas daquelle dia, se emprendeo vencer uma grande difficuldade qual era a passagem de Chitacola, que é a boca da enseada das Galés, não tanto pelas emcrespadas ondas causadas dos grandes ventos, e tempestades, quanto pela resistencia, que a vigia daquelle posto intentou fazer, impedindo as embarcações da passagem. Constava aquella vigia sómen-

te de dés Lascarins, um pouco resolutos; mas acharam quem os vencesse na resolução; porque o Governador, ainda que não queria exasperar a gente daquelle Reino, conforme nas presentes circunstancias pedia a prudencia, julgou com tudo não devia dar o minimo indicio de medo, para que a demasiada cautella de não os offender, não degenerasse em despreso de sua pessoa; pelo que denodadamente lhe smandou intimar, que se não desistiam de seus intentos, os mandaria a todos açoutar. Foi bastante esta intimação, para que largassem livre a passagem.

Vencida a Serra de Argapeite, cuja sobida, e descida foi um pouco molesta, se fez assento já quasi noite na Aldea do Aursia, e foi necessario fazer quartel no alpendre de um grande pagode, que estava cheio de muita gente; pela qual razão mandou o Governador fechar as portas, e fazer sentinella. Seriam nove, ou dez horas da noite, quando aquelle Tartareo, e vil ajuntamento começou um triste, e descomposto descante, com o toque de tamborins, campainhas, e gaitas; e sabendo o Governador, qne aquillo era querer dar principio ás suas diabolicas rezas, com imperio, e autoridade lhes fez dizer. que desistissem daquella acção, e doutra sorte, á força de crueis bofetadas, que os seus Cafres lhes dariam, seriam lançados fóra do Pagode: e bastou isto para ser obedecido á risca. Tanto póde o zelo Christão, animado da efficasia de um generoso espirito, que aterrou, e confundio aquelles miseraveis, e enganasos escravos de Satanás, e impedio o obsequio, que se queria fazer ao diabo com dispendio da honra Divina!

Amanheceo o dia sexto de Junho, e juntamente se dirigio o Arraial para a Aldea de Ancolá, com menos chuva, que os dias passados, mas não com menor difficuldade; quando a pouca distancia do alojamento

daquella noite, se descobrio no mar um lastimoso espectaculo. Era um navio, que só tinha fundado toda a sua esperança de se não perder totalmente em uma ancora, contra quem estavam apostadas a inchada furia dos mares, e petulante tempestade dos ventos; e o esperava aquella brava costa, para deshumanamente o receber em pedaços, e o entregar áquelles barbaros, a cujo Rei (conforme o costume, ou abuso de quasi toda a India) pertencem os bens dos naufrapamos. Moveo-se o Governador a compaixão, e temendo fosse o navio de Macao, em que tinha determinado embarcar-se, desejava de algum modo soccorre-lo, mas como não distava mui longe a Aldea de Ancolá, onde havia de jantar, e alli podia de alguma sorte prover ao necessario, continuou a jornada, deixando dous homens da sua companhia com ordem, que fossem á praia, e alli fizeesem toda a diligencia para saber, que barco era, e de tudo lhe fossem dar noticia. E' Ancolá uma das melhores, e maiores Povoações do Reino de Sunda, assim pelo lugar em que está, como pela bem lançada Fortaleza, com que é defendida, lavrada de pedra de cantaria, disposta com bons baluartes, e levantada em mui bella situação. Poz-se o Arraial em ordem, e caminhou a marcha para o Bazar; e reconhecendo o Governador grande abalo em todos os visinhos daquelle Povo, para os livrar do susto, lhes mandou dizer, que o guiassem até á Igreja, aonde residia o R. P. Joseph Pereira da Companhia de Jesu, sogeito de conhecidos e aventajados talentos, o qual recebeo ao Governador, ajuntando com a moderação Religiosa, uma decente grandeza no jantar, que lhe offereceo de cousas mui boas, effeito de sua economica providencia para semelhantes occasiões, e juntamente o proveo para a viagem de varios doces, frutas, e outros regalos.

Como nesta Igreja ouvisse dizer, que se suspeitava ser de Mascate aquelle navio, que arriba se fallou, e que os Mouros da terra o esperavam, e os homens, que tinha deixado para o exame do dito navio, nenhuma cousa certa disseram, se resolveo a partir-se, especialmente sendo obrigado a faze-lo, assim por lhe dizer o Padre Joseph Pereira, que o lugar dos confins entre o Sunda, e Canará, só distava duas horas de caminho, como tambem por elle Governador temer, que a sua detença fosse causa, que o Rei de Sunda, cuja Corte não distava mui longe, astutamente lhe armasse alguma embuscada, em que corresse perigo sua pessoa. Pelo que mostrando seu animo agradecido áquelle Religioso Padre, se despedio delle, e poz a caminho, que foi bem molesto, e mais comprido do que convinha, por causa do guia, como com bastante fundamento se sospeitou, por quanto elle mostrou queria ficar em Ancolá. E se confirmou este fundamento; porque chegados ao rio, que divide o Reino de Sunda das terras do Canará, se achou a passagem sem Almadias, as quaes todas estavam na outra parte do Canará, e chamando-se, nenhuma quiz vir. Vendo o Governador as cousas nesta fórma, sem mostrar perturbação em seu animo, começou a dispor o necessario para a sua segurança. A primeira cousa foi prender o guia na barraca da vigia daquelle lugar, e juntamente dous homens da mesma vigia: mandou tambem recolher á dita barraca todos os Bigarins dos Andores, pondo alli duas sentinellas de confiança; e como aquella paragem era deserta, deo ordem se cortassem estacas, com que se intrincheirou em tal ordem, que podesse acodir a uma, e outra parte do caminho, guarnecendo a estancia com vinte homens, e pondo os outros no monte, que ficava a tudo eminente, e

disposto tudo com notavel pressa, e melhor modo que pode ser, se passou a noite com vigilante socego.

CAPITULO II

Prosegue se a jornada até investir o caminho dos Gates

Alvejou a manhã seguinte, e logo o Governador obrigou os dous vigias do lugar, a que conduzissem as Almadias da passagem, o que elles fizeram com não menor diligencia, que medo; e foi tal a expedição, que pelas sete horas da manhã todo o Ararial se achou nas terras do Reino do Canará. Aqui despedio o Governador o guia, e a esquadra dos Lascarins do Deçai de Dongrim com cartas para o General da Provincia de Salsete, e seus procuradores; reservou porém a companhia de Coculim, contra as ordens do Illustrissimo Governador Primaz, conjecturando prudentemente o que lhe havia de succeder. Foi o caso, que segunda feira sete do dito mez de Junho, depois de vencer as difficuldades das grandes chuvas, e as espessuras de espinhosos matos, avistada a Fortaleza de Mirizen, primeira do Reino do Canará, se alojou alli o Governador pelas duas horas da tarde, para expedir as suas cartas para Goa. Não faltou neste passo o Governador do lugar com as suas cortesias, afferecendo a tão nobre hospede um presente das cousas da terra, que constava de um ramo de figos, uma Jaqua, Betele, e manteiga, que tudo obsequioso recebeo o Governador, apremiando ao portador com dous Rupiás, e mandou dizer-lhe, que a maior graça, que delle poderia receber, era expedir-lhe as Almadias para a passagem do rio, que no outro dia

muito cedo pertendia fazer ; mas como esta expedição pertencia á jurisdição do Avaldar, foi necessario, que o Governador de Macao despachasse dous homens da sua guarda a fazer ao dito Avaldar aquelle requerimento.

Era este de condição soberbo, e homem, que attendia mais aos lucros do Telonio, do que á authoridade dos passageiros, e com a capa do culto aos seus monstruosos Pagodes, tirava prata a quem a necessidade obrigava a passar aquelle rio. Respondeo elle dissimuladamente, que ficava de aviso. Rompeo a Aurora do outro dia, e logo o Governador foi marchando para a passagem ; e quando os da vanguarda se persuadiram, haviam de achar expeditas Almadias, experimentaram tudo pelo contrario, porque estas estavam da outsa parte: deram aviso ao Governador, o qual mandou saber do Avaldar a causa, e este respondeo, que em quanto o Governador não mandasse toda a sua gente a tomar marca para passarem, e pagar cada um o que era costume para os Pagodes, não havia de dar Almadias. Justo motivo para ferver o nobre sangue do Governador, quando sem o devido respeito á sua pessoa, o queriam reduzir aos foros da gente ordinaria ; mas muito mais justo, quando com menoscabo da piedade christã, que tanto fomentava em seu generoso peito, era demandada, que concorresse para o culto dos idolos ; levado pois de uma innocente, e christã ira, manda a toda a gente investir a casa do Avaldar, e chegado perto della, salta denodadamente do Andor, e com grave imperio lhe intima o castigo de fogo ; e foram taes as vozes, e ruido daquella negra turba de Cafres, e Lascarins, que a som de clerins tocavam a degollar, que o Avaldar fugio descomposto, e todo o Bazar se despovoou.

Acodio neste passo o capitão da Fortaleza ; e quan-

do pareceria, que elle com todo o seu poder procuraria defender aquelle Ministro do Reino, desafrontando-o da invasão, que um forasteiro lhe fazia, foi tudo pelo contrario; porque com reverente submissão, e instancia humilde rogava ao Governador perdoasse áquelle descortez Ministro, offerecendo-se ao tomar em seus hombros, e po-lo da outra parte do rio; e como no rosto, e olhos do Governador scintilasse o fogo de sua mui nobre colera, o Capitão levantando as mãos ao Ceo, lhe pedia por amor do seu Deos socegasse o animo. Aqui cedeo o Governador, não tanto respeitando as submissões daquelle barbaro, quanto pela reverencia devida ao soberano nome de Deos, do qual aquelle infiel se valera; e com grande estupor daquelle Gentilissimo, foi com o dito Capitão caminhando até o Bazar, o qual o foi presenteando com varias frutas, e juntamente obrigou ao Avaldar, que em pessoa conduzisse as Almadias, o qual executou não menos cheio de raiva, que de medo, soltando-se em palavras descompostas contra o mesmo Capitão, chamando-lhe atrevido. Posto da outra parte o Governador, despachou para Goa a esquadra dos Lascarins, reservando só dous, que lhe serviam de lingua.

Deste lugar se foi caminhando, ou para melhor dizer navegando, tanta era a agua, que inundava os caminhos, que em algumas partes obrigava aos carreteiros dos Palanquins a leva-los sobre a cabeça. A's oito horas da noite deram abrigada ao Governador na Igreja, que está junta da Fortaleza de Onor. E no dia seguinte, ouvida a Missa da Novena de Santo Antonio, que aquelles Christãos mui devotamente celebram, se proseguio a jornada; e vencida a passagem de um rio de quasi meia legua de largo, se foi tomar descanso em Mordessar, cuja Fortaleza está em uma ilhota ao mar; e a palhoça de um pobre Christão deo a pousa-

da ao Governador, que bem se deixa entender qual seria; e passada a noite, por debaixo de copiosa chuva, que cahia sem parar, se continuou a jornada até o rio de Chachinacat, e logo se encontrou um fermoso Bangaçal; mas os que nelle estavam, vendo indireitar para alli aquelle não esperado concurso de Estrangeiros, lhe fecharam as portas: não houve outro remedio, que buscar um Pagode, que estava junto, quando não apparecia outro lugar de agasalho. Era esta estancia mui incomoda, assim por ser asquerosa, e hedionda, como pela muita gente enferma, que alli estava; pelo que o Governador querendo, que entrasse dentro o seo Andor, para nelle passar a noite, o que lhe impediam os batentes da porta, os mandou quebrar; mas advertida esta determinação pelos Gentios, offereceram logo o Bangaçal ao Governador, que não desejava outra cousa; e querendo entrar nelle, o achou com as portas fechadas. Conheceo-se a ardilosa traça daquella inurbana, e vil gentalha, que desta sorte pertendia excluir de um, e outro lugar ao Governador; e este julgando não devia consentir se abusasse de sua moderação, e paciencia, mandou se quebrassem as portas do Bangaçal, e aos primeiros golpes as abriram os Gentios, e o Bramene, que delle tinha cuidado, fazendo da necessidade virtude, começou a escusar a descortesia da sua gente com o receio, que ella tivera, de que a fazenda, que alli estavs reeolhida, corresse risco, entrando no Bangaçal os Cafres; e o Governador recebendo estas satisfações, e escusas respondeo, que tomava a seu cuidado a segurança de tudo; e aquartelado, poz sentinella ao fato, ficando o Bramene tão satisfeito, que pelas mãos das suas mulheres se guizou a cea ao Governador.

Deste lugar se continuou a marcha costeando o mar, e na praia appareceram madeiros, despojo de alguns

navios, que a tempestade dos dias antecedentes tinha alli lançado, em sinal da jurisdição, que tivera naquelles mares. Pelas onze horas daquelle mesmo dia, se venceo a passagem do rio de Barçalor, e o Governador se recolheo na Igreja, aonde achou ainda Missa, que ouvio com especial consolação, por ser aquelle dia sabbado dedicado a Maria Santissima, doce, e affectuoso alvo de todo o verdadeiro, e fiel catholico. Alli foi hospedado com muita cortesia, e amor pelo Vigario da Vara daquelle destricto, e como era vespera da festividade do maior lustre de Portugal, o glorioso Santo Antonio, cujo dia queria celebrar com o obsequio o mais agradavel ao Santo, que era o confessar-se, e commungar, fez demora nesta Igreja. No outro dia, depois de satisfazer á sua devoção, e obrigação de ouvir Missa, pois era domingo, dirigio sua derrota para a Igreja de Calianapor: antes de lá chegar, era necessario atravessar um rio, cujas Almadias estavam tomadas para nellas se embarcar um grande Botho, cuja dignidade entre aquelles idolatras corresponde á dos nossos Bispos :i a elle com grande fausto de gente, e de gaitas; mas o Governador nenhum caso fazendo daquelle negro Ministro de Satanás, mandou aos seus Cafres se senhoreassem das Almadias, e nellas passou com toda a sua comitiva para a Igreja, ficando o Botho cheio não menos de confusão, do que de raiva e os gentios trocando a veneração, que lhe tinham, em espanto, e medo. Não estava Paroco na Igreja, mas só um sacristão velho, e algum tanto tomado do vinho, o que não impedio, que cortez, e devotamente recebesse ao Governador, cantando as Ladainhas, ajudando esta tão devota acção, e alli descançou aquella noite.

Seguio-se o dia quatorze daquelle mez, horrivel pela grande tempestade de chuva, e molesto pela diffi-

cultosa passagem de tres rios, que com abundancia das aguas corriam soberbamente furiosos, no atravessar o rio Moliquim succedeo, que tendo passado a mais gente, ficou o Governador com um Portuguez, dous Lascarins, e os seus Cafres, e estando já para se embarcar, chega um Gentio, que mostrava ser pessoa de respeito, pois vinha seguido de seis homens, que o acompanhavam armados de espada, e rodela. Perguntou o Governador, quem era aquelia personagem, e lhe foi respondido pelos passageiros, que era da presença do Rei, e que vinha da Corte de Bedrul. Logo em chegando aquelle Gentio á praia, a gente de sua guarda pertendeo se embarcasse, a que se oppoz o Governador, allegando ter chegado primeiro, mas ella atrevidamente sem respeito á pessoa, que se lhe oppunha, soltando se em palavras de zombaria, saltou dentro da embarcação. Não pode neste passo o Governador refrear a colera, e mandou aos sens Cafres lançassem ao mar áquelles descortezes, o que logo sem dilação alguma foi executado; mas um delles animado com a presença do seu Senhor envestio com um dos Cafres, e o maltratou, dando-lhe um pescoção. Não passou sem castigo este atrevimento, que não sómente foi executado no dito aggressor, mas tambem abrangeo aos companheiros, pois por mandado do Governador foram todos aquelles negros mui bem sacodidos á força de Bambus, com que a passagem ficou franca, e expedita, o que vendo aquelle fusco Cortesão do Rei, e que o Governador se ia embarcando, picado dos seus negros brios, levantou a voz, que toda se desfez em ameaças contra os pobres remeiros da Almadia, os quaes, como se vissem sobre si um raio, se lançaram á agua, ficando a embarcação sem ter quem a conduzisse á outra parte. Aqui se exasperou a paciencia do Governador, e julgando devia mostrar algum sinal da antiga

generosidade Portugueza, tomou uma resolução, ainda que arriscada, necessaria naquellas circunstancias: manda lhe tragam prezo aquelle Gentio á sua presença, o qual com a agua até os peitos foi levado á Almadia aonde estava o Governador, e ia o pobre tão passado de medo, que se desfazia em lagrimas, e chamando pelos remeiros, sem que os seus arrodelados se atrevessem a abrir a boca, e muito menos desembainhar as espadas: vendo-o o Governador em sua presença, ajuntando a gravidade com a benevolencia, lhe offereceo uma narigada de tabaco, dizendo-lhe, que o não mandára matar, por conhecer em seu semblante, que era bom homem; e posto da outra parte, se encaminhou para a Igreja, onde foi hospedado do Padre Francisco Xavier, Vigario daquella freguesia, ficando mui consolado de ver uma Igreja no meio daquelle Paiz infiel, lindamente asseada, e a melhor de todo o Canará.

Deo-se principio á marcha do dia seguinte, tomando o Governador a benção de Christo Sacramento na Missa, que com a sua costumada piedade ouvio; e levando o caminho pela praia, encontrou nella sinais de navios perdidos, eram tres Leões de madeira. Finalmente pelas tres horas da tarde lhe deo a Feitoria de Mangalor hospedagem; foi na verdade mui commoda, e urbana pelo cuidado, e diligencia do Feitor, e Alcaide mór Fernão Martins. Estavam tambem naquella Feitoria os Capitães de Mar e Guerra Alexandre Pinto de Souza, e Antonio dos Santos, que tinham vindo com ordem do Estado a acodir aos roubos da sua chalupa, que se tinha perdido naquelle porto de Mangalor. Aqui foi necessario ao Governador deter-se dous dias para preparar o necessario em ordem a atravessar os Cates, por lhe parecer impraticavel o continuar o caminho pela borda do mar, assim por causa da difficuldade de passar os rios crescidos com as muitas

aguas, como por razão das guerras, e magotes de ladrões, de que estão cheios os caminhos até Cochim. Despedio pois quarenta carreteiros de Andores, e o Bramene Jacinto Franco de Sá, com cartas para o Illustrissimo Senhor Primaz, e outros amigos, e armou um Andor pequeno para si, e Machiras para o P. Fr. Angelo, e Capitão da Fortaleza da Barra de Macau, e Capitão de Mar e Guerra Alexandre Pinto de Souza, o qual se resolveo a acompanhar ao Governador até Madrasta para que no caso, que na Cidade de S. Thomé encontrasse o Capitão, que perdeo a Chalupa, e fugio com o cabedal que restava, usasse da authoridade, e industria do dito Governador, para cobrar o que podesse.

CAPITULO III

Successo no atravessar dos Gates, até chegar ao Reino de Maissur

Era o dia dezoito de Junho, quando o Governador se poz a caminho, acompanhado de menos gente no numero, pois além das Companhias dos Lascarins, que tinha já despedido, ficaram doentes em Mangalor o Portuguez João Nunes, e um Cafre; mas em seu lugar se lhe aggregaram tres Portuguezes, que estavam na dita Feitoria de Mangalor. Não se achou menos difficuldade nos caminhos, que por serem vallados de vargens, e quebrados dos montes, eram tanto mais arriscados, quanto maiores eram as correntes das aguas, que os cortavam. Assim se foi

caminhando, até que o dia seguinte, Sabbado de Nossa Senhora, pelas dez horas da manhã, se chegou á Freguesia do Menino Jesu em Bantual, aonde ainda achou Missa, que ouvio o Governador, succedendo-lhe á medida do seu desejo, que era em semelhantes dias, achar occasião de dar pasto á sua devoção. Foi-lhe necessario ficar alli aquella tarde, não tanto para se prover de homens de carga, pois os que trouxe de Mangalor, por virem de má vontade, não eram proporcionados, quanto porque no dia seguinte, por ser Domingo, queria não menos satisfazer á obrigação, que á piedade, ouvindo missa, especialmente celebrando no tal dia os daquella Freguesia, a solemnidade do invictissimo Martyr S. Sebastião.

Arraiou a luz do dia vinte, e celebrada a Missa, se preparavam todos para a marcha, e os homens carreteiros do Andor, e Machiras não appareciam ; porque naquella noite tinham fogido. Entra a tristeza, e confusão em todos, considerando-se impossibilitados para a marcha, quando se não achava meio para alugar os homens necessarios. Mas remediou esta falta a prudente esperteza do Governador. Busca umas alparcas, e descalçando-se, as accomodou aos pés, e se poz só a caminho, e como o bom exemplo do Capitão costuma accrescentar o animo, e alianar difficuldades, os outros companheiros fizeram o mesmo, e foram todos caminhando até Egade, lugar de seis ou sete casas. Aqui concertaram aquelles honrados Portuguezes uma boa Machira para o Governador, mas elle ainda que urbanamente agradeceo tão grande benevolencia, generosamente regeitou a offerta, querendo ser igual aos companheiros ; e só della usava, quando era tão grande a chuva, que não podia sustentar o capote, de que usava para defender aquella pequena, e leza porção do braço direito, que antigamente lhe foi cortado. Não

foi menos difficultosa, que perigosa a continuação da jornada, por causa da passagem dos rios, especialmente nos de Obar, e Maçamuti: ambos mui caudalosos. Constava a ponte, por onde se haviam de atravessar aquelles rios, de uns Bambus, amarrados entre si, e estribados nos ramos das arvores, que estavam de uma parte do rio, e se continuavam até os ramos das arvores, que estavam da outra parte, obra tanto mais sutil, quanto menos segura.

Vencidas as difficuldades dos rios, se seguiram outras não menos difficultosas de sofrer, que foi o mao agasalho para passar a noite, e a falta do necessario para a cea. Um Pagode igualmente asqueroso pela imagem do diabo, que nelle se reverenciava, que pela hediondez de seus immundos atavios, deu lugar para o descanço da noite aos que com o trabalho do caminho do dia estavam bastantemente molestados: para a cea nada se encontrava, senão algumas galinhas, que os barbaros habitadores de alguns casaes, que alli havia, descortez, e iniquameute não queriam vender, mas como a necessidade era grande, mandou o Governador tomar as que eram necessarias. Seguiu-se o tumulto dos Gentios para vingar a que elles chamavam violencia; mas pagaram com bofetadas, que receberam dos Cafres, assim o atrevimento de se quererem amotinar, como tambem a injustiça de negarem as galinhas, que á necessidade justamente se deviam, e juntamente foram satisfeitos com o justo preço das ditas galinhas. Daqui se foi proseguindo a jornada com as costumadas, e quotidianas molestias das continuas chuvas, e arrebatados rios, até que vespera de S. João Bautista já de noite se chegou a um Pagode, onde não faltaram fogueiras, e tambem vinho para os poucos homens de carga, que iam na companhia.

Seguia-se o mais difficultoso, e arriscado da passa-

gem dos Gates, que o Governador queria vencer naquelle dia, dedicado á solemnidade do Nascimento do maior dos Santos, em cujo patrocinio confiado, se promettia toda a felicidade naquelle passo o mais perigoso, contra o parecer dos guias, a quem não abrangiam os impulsos superiores, que moviam ao Governador. São os Gates uma cordilheira de montes, que no principio do Reino de Mogor corre da parte do Norte para o Sul, e vae acabar no Cabo de Comorim, e divide uma e outra costa do mar. Deo-se principio á marcha daquelle dia, e logo se encontrou um rio tão soberbamente rico de aguas, quam furiosamente despenhado em sua corrente, que se precipitava em um valle, não menos fechado de densos arvoredos, que cerrado com a espessura do tempo nublado, e chuvoso. Duas horas se gastaram em passar a ponte daquelle rio, e logo se emprendeo a sobida dos Gates, levando sempre o rio á mão direita : e se encheo o dia inteiro naquella bem molesta sobida, que a fez mais trabalhosa uma enfadonha praga de sanguexugas em tanta quantidade, que toda a estrada corria em sangue. Seriam quatro horas da tarde, quando apparecem tres Lascarins armados de catanas, a quem seguiam duas mulheres : manda-lhes o Capitão de Mar e Guerra, que ia diante se afastassem do caminho, e elles confiados, não menos nas armas, que no seu atrevimento, senão quizeram desviar, e o Capitão com desprezo os empurrou ; mas um delles impacientemente levou da catana, e investio o dito Capitão, que naquelle tempo não tinha senão o bastão; mas o Capitão da Barra João Tavares, que vinha pouco atraz, com summa diligencia, e presteza acudio com a espada desembainhada, e castigou a audacia daquelle Lascarim com duas valentes cutiladas, que lhe atirou ; e sobre tudo isto foram todos os tres condemnados a entregarem as catanas. Chega-

ram, assim os tres Lascarins, como a noticia do caso ao Governador, que vinha na retaguarda, e lhes mandou viessem com elle até a primeira povoação, onde constando, que não eram ladrões, se lhes restituiriam suas armas; mas elles desappareceram avistada a Aldea de Beulscans, confessando com a sua fugida, a profissão, que tinham do latrocinio.

Nesta Aldea se refez algum tanto com o descanço da noite, o grande trabalho do dia antecedente; e logo pela manhã entregando-se ao costumado exercicio de caminhar, experimentaram menos aspereza nos caminhos; mas a que faltava nestes, sobejava nos habitadores daquelles lugares, os quaes appareceram armados na Povoação chamada Vahunzy, mas como ainda era cedo, pois não passava das tres horas da tarde, o Governador, e companheiros continuaram seu caminho. Teriam caminhado meia legua, quando pelo alto dos outeiros se começou a ouvir o som de trombetinhas, effeito, que o Governador attribuio ao successo dos Lascarins do dia antecedente. Bem discorreo elle, que os Gentios da terra, para vingar o afrontoso caso dos companheiros, se poriam em armas; pelo que para evitar algumas ruins consequencias, pertendia meter-se nas terras do Reino de Maissur, que se persuadia estar mui perto, como na verdade estava, e no dia seguinte experimentaram, pois não distava de caminho mais de duas horas, mas os guias, ou perturbados com o medo, ou movidos de outro qualquer impulso disseram, que até ás terras do dito Reino distavam mais de tres dias de caminho. Neste aperto o Governador vendo, que o lugar em que se achava, por ser embaraçado com a espessura das arvores, não era a proposito para nelle se defender, se expedio com a sua gente, e poz em sitio livre, e desembaraçado; e mandando fazer alto, esperou a ver a resolu-

ção daquelles negros armados, que já neste tempo em magotes coroavam os montes.

Resolveo-se finalmente aquella não menos fusca, que confusa turma de bandoleiros, a dar envestida, e pertendendo avisinhar-se mais uma esquadra, que constaria de 100 homees, com sua bandeirinha vermelha, o Governador poz em segura guarda, assim os homens de carga, como o pouco fato, que traziam, e tocando os clarins, expedidos os bacamartes, repartida a polvora, e bala, desembainhadas as catanas, se foi a reprimir o impeto daquella tumultuante esquadra, que advertindo em tão generosa resolução, suspendeo não menos o passo, que a determinação, que levava. O que vendo o Governador, lhes mandou intimar pelo interprete, que se pretendessem passar a diante, tivessem por certo, que todos acabariam nas bocas dos bacamartes, ou aos fios das espadas, e catanas; pelo que do mesmo lugar em que estavam, mandassem dizer o que pertendiam, que sendo conforme á razão, se lhe concederia. Neste tempo outra esquadra se poz em fórma de querer investir; mas o Governador expedio quatro Cafres bem armados contra ella, mas não a poderam alcançar; porque quando vio aquelle pequeno, mas terrivel esquadrão ir contra si, valendo-se dos pés, se retirou para o mais alto dos montes, pertendendo, ou fazer-se forte naquella emirencia, ou para dalli esperar melhor occasião, em que com mais segurança fizessem sua envestida.

Vendo o Governador as cousas nesta fórma, e que se vinha avisinhando a noite, fez o seguinte arrezoado aos Capitães, e mais Portuguezes:—«Amigos, e fieis companheiros, não menos no trabalho, que na honra, que delles nos ha de seguir, a nenhum de nós se esconde, que estes negros, como ladrões atraiçoados, vem atenta a nossa resolução, para que conforme ella, tomem

a determinação mais conveniente aos seus latrocinios. Se virem que damos, ainda o minimo sinal de medo, tomarão animo, e brios, para que com grande numero de gente de que abundam, façam de nós o ultimo exterminio. Se houvermos de obedecer aos impulsos do sangue, e valor Portuguez, não duvido, que desfaremos aquella coufusa multidão com morte de muitos delles; mas desta acção que se ha de seguir, se não o sermos avaliados por ladrões, e exasperar os mais, que vivem espalhados por estas Aldeas, que certamente se unirão para vingar as mortes dos seus compatriotas? E quando estamos em terras Alheias, e de barbaros, não temos donde esperar soccorro, mais que de nós mesmos: amparo não o podemos achar, senão nestes campos, e montes, uns escondrijos de Tigres na natureza, outros habitação de féras na condição, que se virem, que ao descuberto nos não podem arruinar, hão de buscar traças, com que aleivosamente nos acabem. Temos chegado a termos, em que é mais necessaria uma prudente astucia, do que um generoso valor, quando aquella á de supprir, o que este não póde executar. Pelo que julgo, que não devemos romper com estes negros, mas armados, e em fórma de batalha esperar sua determinação, que ella nos ensinará o que devemos obrar, especialmente, que nos casos repentinos mais engenhosamente costuma sahir a verdadeira valentia».

Assim descorria prudentemente o Governador, quando neste tempo chega um Caciz, mui venerado daquella gente, porque todos com notavel summissão se lhe inclinavam, e beijavam os pés; e fallando-lhes com grande authoridade, os exortou á paz, dizendo, que o deixassem ir a fallar com o Governador, que elle faria medianeiro, e mandou pedir licença ao dito Governador, para que pudesse apparecer em sua presença,

e fallar com elle, o qual lhe concedeo o que pedia com condição, que trouxesse comsigo uma só pessoa. Alcançada a licença, chegou o Caciz, e no seu modo, e fallar tremulo, mostrou seu animo servil, e apoucado. Toda a força da sua embaixada consistio em dizer, que a cabeça, que governava aquellas terras, pedia toda a boa amisade com tão honrados passageiros, e para este fim convinha, que sem embargo da queixa, que os tres Lascarins offendidos tinham feito, fosse sua Senhoria, e os mais companheiros com elle ao lugar aonde residia o Regente, que elle Caciz lhes assegurava todo o bom successo, e commodo agasalho, especialmente que naquellas partes não havia outro lugar capaz para o descanço daquella noite. Bem advertio o Governador as difficuidades, que havia em qualquer das resoluções, que tomasse; porque o seguir o que o Caciz lhe requeria, era ir meter-se na boca do lobo, estribado sómente na palavra de um infiel; ficar naquelle lugar rodeado de tantos barbaros, armados mais dos seus maos, e aleivosos animos, do que do ferro, era expor-se a que com a escuridade da noite assim elles, como os Tigres tomassem a ousadia de os acometer, e maltratar. Pelo que o Governador, perguntando aos guias se era certo, que não havia outro lugar commodo de agasalho, mais do que aquelle, que o Caciz dizia, e respondendo elles, que era certo, se resolveo a seguir o dito Caciz, com condição, que se retirassem todos os que estavam pelos outeiros, a qual resolução tomou, levado principalmente do motivo, que era mostrar, que não tinha medo.

Mui contente, e satisfeito ficou o Caciz, e indo dar parte aos seus, os fez retirar, e voltou com só vinte pessoas para guiar o Governador. Chegaram finalmente ao lugar, em que residia o Cabeça Regente daquellas Aldeas, o qual recebeo o Governador com mostras

de agrado, e urbanidade, e juntamente deu assaz a entender o gosto, e admiração, que tinha de ver o modo, e ordem daquelle, ainda que pequeno, mas bem disposto esquadrão. A principal materia da conversação, foi informar-se do caso dos tres Lascarins, e o dito Cabeça pertendeo escuta-los, e finalmente se resolveo a pedir se lhes restituissem as catanas, e que o Governador lhes désse alguma cousa para se curarem, porque eram pobres, e dignos de compaixão. Não deixou o Governador de reparar, que aquella resolução era mostra de quem punha Leis, e dava sentença, mas cedendo prudentemente a soberania á necessidade, veio em restituir as catanas, e dar alguma cousa a titulo de curar as feridas, quando nesta acção tanto ostentava de desapegado, quanto de obsequioso áquelle de quem se tinha fiado. Se teria gastado uma hora de espacio nesta materia, e outras boas conversações comendo Betele, quando aquelle Cabeça se despedio do Governador, determinando para seu agasalho, e mais comitiva, o Pagode em que foram recebidos; e ordenou aos da Aldea acodissem com o necessario para a cea; e os Cacizes offereceram de mimo, leite, ovos, manteiga, e uns doces a seu modo fritos em manteiga, e a todos correspondeo o Governador liberalmente com seus premios, e ao Cabeça mandou uma peça de Naoceri. Este fim teve aquelle bem arriscado caso, a que tão felizmente acodio a prudencia do Governador, vendo-se aqui verificada a sentença do outro Sabio: Que melhor conclue a madura viveza de uma boa cabeça sem braços, do que a forte valentia de muitos braços sem cabeça.

CAPITULO IV

Passagem do Reino de Maissur, até entrar nas terras do Mogor

Era Sabbado vinte e seis do mez, quando logo pela manhã se continuou a marcha, e a poucos passos andados se entrou no Reino de Maissur, na passagem do qual não houve cousa de consideração; assim por ser este Reino pequeno, e pobre, pois está no meditullio daquella grande lingua de terra, que corre até o Cabo de Comorim onde pela maior parte só os Reinos, que estão beira mar, por razão do contrato, e dos muitos Mouros, de que abundam, tem alguma riqueza; como porque aquella gente como vil, e pusillamine, se dava por satisfeita, com que aquelles hospedes passassem sem lhe fazer mal algum, o que elles guardavam, levados do respeito, que tinham ao governador. Vencidos cinco dias de caminho pelas terras daquelle Reino, chegaram á Corte de Maissur, a que chamam Serigapatão, e como era Povoação maior, e mais abundante, foi necessario fazer alli detença de um dia, no qual se fretaram cavallos, e acodio ao provimento, de que havia necessidade. Mas não quizeram os guardas daquella Povoação, que algum dos passageiros entrasse nella, e como se disse, ou suspeitou, por causa do medo, ou receio, que tinham. Onde, se era verdadeira aquella causa, é de admirar a vileza daquelles miseraveis escravos do demonio, de tal sorte sojugados de tão cruel senhor, que ainda no lugar do seu maior poder, e força, temiam uma tão pequena esquadra, que não chegava a ter vinte homens, dos quaes nem ainda ametade eram brancos. Castigo na verdade de sua cegueira, e peccado de infidelidade.

Madrugou a Aurora do segundo dia do mez de Julho, mais alegre, e commoda para os nossos peregrinos, pois todos montaram a cavallo, e foram a repousar á Povoação de Mailure. E daqui ao outro dia se dirigio a marcha pela Praça de Dungo, Fortaleza de maior importancia, que governava, com outras de menor conta um Dessay, feudatario do Rei de Maissur. Nesta Povoação por secreta ordem do dito Dessay, se usou de alguma industria, para que o Governador se detivesse alli, sendo para isto induzido o guia, o qual começou a descobrir difficuldade no caminho, que naquelle dia se devia fazer, de tal modo, que os arrieiros, ou subornados, ou levados de suas sinistras intenções, tambem declararam a repugnancia, que tinham á expedição da viagem. Mas o Governador não fazendo caso de tão futeis pretextos, mandou tocar a montar; porém a esta disposição se oppoz a repugnancia, assim dos guias, como dos arrieiros; o que vendo o Governador, mostrando igualmente coragem, que desprezo, não menos de perigos, que daquella vil gentalha, lançou a mão ás barbas de um dos guias, e lhas arrancou, e não foi necessario mais, para que seus intentos não passassem a diante.

Finalmente a derrota se proseguio naquelle dia até a Aldea chamada Dorincuthe. Dalli se foi continuando o caminho pelo territorio do Dessay de Magnicote, não menos sospeito, que o passado; sendo proprio daquelles Senhores estar junto com a pequenhez do mando, a vileza das suas acções. O Governador, não querendo ficar passando a noite no districto daquelle Dessay, apertou o passo com intenção de entrar nas terras do Mogor; mas não sendo bastante sua grande diligencia, e actividade, lhe anoiteceo muito antes de chegar ao termo que pertendia. Ia-se engrossando a espessura da noite, o Ceo cerrado de nuvens, não dava,

nem ainda o minimo sinal de estrella alguma, a estrada toda assombrada espantava os cavallos, e confundia os cavalleiros de tal sorte, que se não conhecia, nem distinguia um ao outro; o medo dos pricipicios perturbava a fantesia. Não houve outro remedio senão desmontarem todos, para que a cahida em algum barranco fosse menos perigosa: não apparecia indicio de casa, e muito menos de fogo; pelo que o Governador mandou aos arrieiros, que chamassem a voz alta, quando já que os olhos em tanta escuridão nada serviam, as vozes, e os ouvidos remediassem de algum modo a grande necessidade, em que se achavam. Fez-se por algumas vezes o que o Governador mandou, até que finalmente foram ouvidos por uns Camponezes já alta noite, mas era o lugar tal, que foram todos obrigados a dormir no campo, excepto o Governador, que com os dous Capitães, e o Padre Capucho se recolheo em um pequeno Pagode, que alli havia, tão immundo, e de mao cheiro, que foi necessario por muitas vezes queimar grande quantidade de feno, com que se rebatessem aquelles hediondos, e malignos vapores. Infeliz sorte de gente, que não conhecem a hediondez de sua Religião, bem manifesta no immundo culto de seus idolos, e Pagodes!

A manhã do dia seguinte, pelas oito horas, fez patente aos olhos dos nossos caminhantes a mui linda Praça de Benguelur. E' ella a ultima, que situada na fronteira do Maissur, faz rosto ás terras do Mogor, bem fortificada, e com bella guarnição de Cavallaria, e Infanteria: e sobre tudo deliciosamente aprasivel com a variedade de arvores, vistoso das hortas, e deleitavel de muitos jardins. Não se permittio ao Governador, que entrasse dentro da Povoação, mas lhe foi determinado se aquartelasse em um fermoso bosque de Mangueivas, e no meio se levantava uma bem lança-

da fabrica de um grande Pagode com seu, não menos espaçoso, que bem ornado tanque de agua, que igualmente recreava os olhos, e servia de refrigerio aos calorosos membros. Aqui foi o Governador visitado de todos os Cabos militares, e gente principal com singulares demonstrações de agrado, e agradaveis termos de politica, aos quaes correspondeo, não faltando ás devidas regras de urbanidade, o qual foi obrigado a ficar um dia nadita Praça, para mudar de carruagem, e ao dia seguinte, sete do mez, continuou a jornada, acompanhado de dous Cabos principaes, montados a cavallo, que o cortejaram até o ultimo termo do destricto da Praça, e do Reino de Maissur, e foi dormir aquella noite á Povoação de Tannely, pertencente ao Reino do Gram Mogor.

Daqui até chegar á Fortaleza de Carpaute, não houve cousa digna de memoria. Seriam quatro horas da tarde, do dia nono, quando atrevessada a Povoação da dita Fortaleza, chega um mensageiro do que governava aquella Praça, a perguntar, quem era o que passava, e para onde: e dando-se-lhe a reposta conforme a pergunta, foi o Governador proseguindo seu caminho; mas replicando o dito mensageiro, lhe pedio mandasse juntamente com elle um homem de sua comitiva, que esta era a vontade do seu Maior, o qual estava á vista em uma mui linda casa de recreação. Annuhio a este postolado o Governador, e expedio um Lascarim de sua companhia, mas não interrompeo a jornada. Quando a poucos passos andados volta o dito Lascarim com grande presteza, e expõe um recado daquelle Lugar-tenente do Mogor, em que cortezmente declarava o desejo, que tinha, que elle Governador lhe fizesse a honra de ficar aquella noite em sua casa, especialmente, que era já tarde, e estava o Sol proximo ao occaso: outra Povoação capaz donde repou-

sasse, não a havla perto : o caminho, que restava, era não menos inculto, e agreste por causa dos espessos matos, que povoado de muitos Tigres; todas razões, que obrigavam ao Governador a aceitar tão urbana offerta, assim para se não mostrar incivil, como para attender á sua conveniencia, e dos companheiros.

Voltando pois para a casa daquelle Capitão, foi recebido com todas as mostras de carinhosa affeição, e banqueteado com opipera grandeza, a qual abrangeo a toda a comitiva. Era este Infiel dotado de animo docil, e condição alegre ; informado do caminho que levava o Governador, com generosa liberalidade, e com repetidas instancias lhe offereceo dous até tres mil pardaos, dizendo que lhos satisfaria quando, e como quizesse : mas o Governador mostrando-se todo obsequioso no agradecimento, urbana, e desapegadamente os regeitou, significando não necessitava delles ; e no outro dia offerecendo-lhe um mimo, se despedio, mas elle continuando com seus primorosos termos, o acompanhou com uma escolta de vinte homens de cavallo, por espacio de um quarto de legua, e finalmente se voltou obrigado das repetidas petições do Governador, que reverentemente agradecido não quiz consentir se continuasse tão obsequiosa cortezania. A Fortaleza de Sagdor deo termo á jornada daquelle dia ; mas como dentro se não achasse commodo bastante, barracas levantadas no campo serviram para o descanço daquella noite.

Sahio a luz o dia onze de Julho, no qual chegdos á Fortaleza de Grenupen, quiz o Avaldar, ou Alfandegueiro se registasse o fato ; mas o Governador lhe mandou dizer, que tudo o que alli levava, era do seu uso, e que não se costumava fazer tal diligencia com os Portuguezes, e muito menos com as pessoas de sua qualidade. Não se deu por entendido aquelle cobiçoso

Telonear io, e proseguindo-se no exame, se pertendeo abrir um baulsinho, em que iam algumas cousas de devoção, pertencentes ao Governador. O qual vendo as cousas chegadas a taes termos, julgou não devia passar sem castigo tal atrevimento, e que era necessario ao credito do nome Portuguez, mostrar áquelles Mogores, que ainda havia na India, quem conservasse nas veas o generoso sangue dos antigos Almeidas, Castros, e Albuquerques, que encheram de assombro a toda a Asia. Salta do cavallo com a espada desembainhada, o mesmo fizeram os mais companheiros, assim Portuguezes, como Cafres, animados com o exemplo do seu Capitão, e sobindo pela escada da varanda, em que estava aquelle barbaro descortez, se poz diante delle com voz de trovão, e espiritos de raio, e lhe perguntou se o conhecia. Neste passo, o triste Avaldar, banhado em suores frios, e todo trespassado de medo, não fez mais, que abraçar ao Governador, e pedir, que lhe perdoasse, pois tinha peccado por ignorancia, e inadvertencia. Não foi necessaria outra cousa, para que o Governador abrandasse a coragem, e sem dizer palavra se voltou, e montou a cavallo, mostrando nesta acção, que bastava o braço esquerdo ajudado de generosos brios, para supprir o que faltava no braço direito. Encheo-se o restante do dia até chegar á Praça de Velur, que foi theatro de grandes glorias para o Governador, e nome Portuguez, como se verá nos capitulos seguintes.

CAPITULO V

Succedido na Praça de Velur

E' a Praça de Velur uma das mais fortes, vistosas, e aprasiveis daquelle tracto de terra, que corre pela Costa de Choromandel até Bengala, a qual governava Baçar Sarbá, sobrinho do Nababo, debaixo de cuja jurisdição se comprehende todo aquelle territorio. Adiantou-se o Governador aos companheiros, e posto fóra da dita Praça, se deteve esperando a comitiva, e entre tanto notou de vagar o muito, que havia em que reparar naquelle grande emporio; por quanto a Fortaleza se mostrava inexpugnavel, não tanto na obra bem lançada, e de pedra de cantaria, com seus torreões, com mui bella proporção, e em sitio defensavel por arte, e natureza, como pela boa guarnição, que tinha de muita Cavallaria e Infanteria, toda mui luzida, e sobre tudo pela grande, e espaçosa cava, que a rodeava, chea de muitos lagartos, o mais seguro, e forte defensivo, com que se fazia incontrastavel. Assim estava o Governador não menos observando, que admirando aquella fabrica, quando chegam os companheiros, e juntamente alguns Mouros da terra, que movidos da curiosidade, e novidade dos hospedes, se mostravam agradaveis, e alegres, e disseram, que alli assistia um Europeo, do qual significavam estar satisfeitos. O Governador com tal informe, desejoso de saber quem fosse aquelle Europeo, mandou fazer diligencia por elle; o qual passado pouco tempo, e certificado de quem era o que o procurava, e desejava ver, apparece em um galhardo cavallo, ricamente vestido á Mourisca.

Era aquelle Cavalleiro João Bautista de Santo Hilaric, Francez de nação, mas de muitos annos morador na India, e casado na Costa, com mulher de sangue Portuguez, de que elle se presava muito, e de ser fiel, e leal vassallo do nosso Senerissimo Rei de Portugal, do qual já fora premiado com a lustrosa, e veneravel insignia do Habito de Christo: que esta e outras honras elle merecia, não tanto por ser insigne na arte de Medicina, e Cirurgia, com a qual tinha feito notaveis curas, e grangeado bom nome em toda aquella terra, mas principalmente, porque com seu singular zelo, agradavel talento, e grande aceitação, adquirida daquelles Mouros, assim pequenos, como grandes, ajudava muito aos Religiosos da sagrada Religião da Companhia de Jesus, que occupados por toda aquella Costa no divino emprego da salvação das almas, necessitam de quem sollicite seus negocios diante daquelles Mahometanos, que tem a seu cuidado aquelles lugares, e tambem dos moradores de S. Thomé, ou Meliapor; e elle o fazia com tão boa graça, e feliz successo, que estavam aquelles Religiosos Missionarios mui satisfeitos delle. E então estava actualmente occupado em procurar, que se désse liberdade a um Religioso da mesma Companhia de Jesus, Missionario da insigne, e trabalhosa Missão de Maduré, glorioso campo, em que muitos Confessores de Christo derramaram seu sangue pela Fé, ao qual os Gentios tinham metido em prizão soterrania, e nella estava sepultado havia já mais de um anno, e finalmente passados poucos dias, foi solto pela agencia do nosso João Bautista de Santo Hilario; a quem com razão se póde dar o titulo, e honra de Missionario, pois não menos ajudava a Missão com suas intercessões, que os Religiosos com suas Prégações.

Muito se alegrou o Governador com o encontro de

tal sogeito; e feitas de parte a parte as devidas, e correspondentes significações de urbanidade, e tomados os necessarios informes daquelles caminhos, e lugares, se resolveo a continuar a jornada a pequena parte, que ainda restava de dia. Não sofreo, nem levou a bem esta resolução o affectuoso, e benevolo animo de João Bautista, mas com grande afinco, e persuasão pedio ao Governador, lhe fizesse a honra de se hospedar aquella noite em sua casa, especialmente, que os companheiros estavam cançados, e os cavallos incapazes de proseguir a marcha. Deo-se por obrigado o Governador a ceder, levado não tanto das razões de sua commodidade, e dos companheiros, quanto da devida correspondencia ao benevolo, e primoroso affecto de quem o convidava. Foi-se a sua casa, na qual com toda a alegria, decencia, e limpeza foi hospedado, mostrando o bom João Bautista nas obras exteriores, qual era o intimo do seu affecto; o qual tambem se estendeo aos outros companheiros, e mais gente. Estando elle occupado nesta não menos caritativa, que honrada acção, lhe chega recado do Governador da Praça, do qual era chamado. Affligio-se com este recado, considerando-se obrigado a deixar tão honrado hospede, qual era o que tinha em sua casa; e voltando-se para elle, lhe disse: Senhor, muito me peza ser chamado nestas circunstancias, em que necessariamente hei de ser privado da honra, e alegria, que tenho com a presença de vossa Senhoria; mas como já estou de posse a levar semelhantes molestias, por não faltar ao serviço de Deos, e del-Rei nosso Senhor, pois por esta causa estou fóra de minha casa, e mulher, sogeitandome a assistir, e obsequiar ao Governador desta Praça, por isso me não será agora tão molesto privar-me desta consolação: pelo que peço a vossa Senhoria licença, para ir onde sou chamado.

Com significações de cortezia, e affecto lhe deu o Governador a licença, que pedia, e juntamente o louvou dos grandes serviços, que fazia a uma, e outra Magestade, Divina e humana, assegurando-lhe de uma, e outra parte as devidas retribuições. Pouco tempo se deteve com o Governador da Praça João Bautista de Santo Hilario, e voltando para casa, assim fallou ao seu honrado hospede : Senhor, o Mouro, que governa esta praça, tambem estende sua jurisdição pelas Fortalezas, e Lugares circumvesinhos, e é um destes o Lugar, e Fortaleza de Grenupen ; e como todos os dias se lhe dá parte do que succede pelos Lugares do seu destricto, sabe do successo com o Avaldar da dita Fortaleza de Grenupen, e ficou admirado não menos da generosa resolução com que V. Senhoria se houve, mas tambem da gente, Cafres, e clarins ; e perguntando-me, que homem era, donde vinha, e para onde ia, lhe respondi conforme a verdade pedia, e a V. Senhoria é devido: e o Mouro ouvida a minha reposta, mandou logo uma aspera reprehensão ao dito Avaldar, e virando-se para mim, disse: desejo ver tão nobre, e honrado Portuguez, e agora eu o iria buscar a vossa casa, se não fosse contra o estylo dos que governam esta Praça, que não podem sahir da Fortaleza sem expressa licença do Nababo; pelo que vos peço, acabeis com elle, me faça o gosto de vir a esta Fortaleza. Assim me declarou sua vontade este Governador ; por tanto peço a V. Senhoria, faça este obsequio áquelle Mouro, de quem tanta dependencia temos os Portuguezes, que vivemos nestas terras.

Ouvio attento o Governador tudo acima referido, e considerando os inconvenientes, que havia em satisfazer ao que aquelle Mouro pertendia, se escusou, expondo algumas difficuldades, que lhe occorreram, com as quaes ficando de alguma sorte satisfeito João Bautis-

ta, foi dar reposta ao Governador da Praça, e voltando logo para casa, declarou seu sentimento, prostrando-se aos pés do nosso Governador com grande dor do seu coração, a qual lhe acrescentava efficacia ás palavras, perorou desta sorte: Senhor, ha pouco tempo, que eu em nome do que governava esta praça, pedi a V. Senhoria se dignasse visita-lo; agora tem chegado esta materia a taes termos, que não sou eu o que hei de ser orador, mas o serviço de Deos, e del Rei nosso Senhor, a honra do nome Portuguez, e a necessidade das Christandades de toda esta Costa. E' este Mouro sobrinho do Nababo, e herdeiro forçado de todos os seus Estados; a authoridade, e aceitação, que tem com o dito Nababo, é a maior, que se póde considerar; o bem, e mal, que póde fazer, assim aos Portuguezes, como aos mais Christãos de todo o destricto do Nababo seu tio, é cousa a todos patente, e manifesta; o desejo, e empenho, que mostra de se avistar com V. Senhoria, eu o não posso explicar; o desprazer, que tomará, se V. Senhoria lhe faltar a este seu desejo, declara bem a condição destes Mouros, que tanto é mais humana, tratada com modo obsequiosamente cortez, quanto mais se enfurece em lhe entrando qualquer ciume, de que suas pessoas ficam ainda levemente vilipendiadas. O não condescender V. Senhoria ao gosto deste Mouro, ha de ser por elle attribuido, ou a pouquidade, e baixeza de animo Portuguez, ou a menos decoro, do que aquelle, que se deve á sua pessoa; de qualquer sorte que o tome, corre grandes quebras o serviço de Deos, e del-Rei nosso Senhor, a honra do nome Portuguez, e o que requere a necessidade destas Christandades; porque se o attribuir ao primeiro motivo, é natural, que despreza a nação Portugueza; e que estimação, e que patrocinio poderão nelle achar os Portuguezes, sendo em seu animo ava-

liados por baixos? Se o deitar ao segundo motivo, necessariamente procurará a vingança, que lhe será mui facil o toma-la em V. Senhoria, em mim, e em todas as Christandades das terras de seu tio. E eom que cara poderei apparecer diante delle? como se acabará de effeituar a liberdade, que eu ando negociando para aquelle Religioso Missionario, que posto em mui aspera prizão, está proximo á morte? Pelo que na mão de V. Senhoria está atalhar tão terriveis consequencias, attender ao serviço Divino, e Real, impedir o mal, que póde vir a nós todos, augmentar o affecto, e benevolencia, que este Mouro mostra aos Portuguezes, avistando-se com elle, e satisfazendo ao desejo, e empenho, que elle tem de se ver com V. Senhoria.

Desta sorte perorava aquelle solicito zelador, assim do serviço Divino, como da honra Portugueza, e o Governador não deixava de se penetrar da força das suas razões. Mas ponderava mais em seu animo um prudente medo, de que aquellas vistas com o Mouro não teriam a satisfação, que elle desejava, e daria materia para que os emulos achassem motivo ás cavilações; pelo que respondendo brevemente ás razões tão fortemente allegadas, concluio, que estava prompto para fazer a visita, que com tanto afinco pertendia, e desejava; porém que havia de ser com estas condições: primeira, que havia levar as bandeiras com Armas Reaes, e com ellas arvoradas, havia de entrar até o lugar, onde fosse a descançar. Segunda, que havia de acompanha-lo o seu Padre Capucho, até á presença do mesmo Mouro. Terceira, que o Capitão Tavares lhe havia em sua companhia fazer corpo da guarda, com as mais ceremonias necessarias á tal função. Estas condições apontou astutamente o Governador, persuadindo-se, que por parecerem impraticaveis, dariam por terra com architectada machina das vistas, com o que

governava aquella Praça; porque quanto á primeira, além de que não haviam as taes bandeiras, se inclinava, a que o Mouro não levaria a bem, que as Reaes insignias de Portugal levantassem cabeça em sua presença, conciliando se o respeito, e veneração dos vassallos do Gram Mogor. Quanto á segunda, se persuadia, que aquelle soberbo Mahometano não quereria expor-se a ser obrigado a reverenciar o humilde habito de S. Francisco, vindo tão honrado na companhia do Governador. No tocante á terceira, duvidava se lhe concedesse usar dentro daquella Praça preeminencia tão grande.

Com esta resoluta reposta foi o nosso João Bautista de Santo Hilario ao Governador Mouro; e era tal o desejo, que este tinha de se avistar com o Governador Europeo, que veio em todas aquellas condições: antes acrescentou, que era sua vontade, e gosto, que elle fizesse a süa entrada com o maior fausto, e pompa, que podesse ser; e a este fim deu todos os seus poderes, e commissões ao dito João Bautista, para dispor a fórma da entrada, a contento do Governador. Além disto passou ordem, que o Elefante do seu estado se expedisse, e armasse com duas charolas, uma para o Governador, outra para o seu Padre Capucho, e juntamente outro Elefante ricamente sellado para o Capitão da Guarda João Tavares; e determinou Pintores, que com toda a diligencia puzessem em fórma as bandeiras. Com tão ampla licença, e faculdades se voltou para casa João Bautista, expondo ao Governador a vontade, e benevolencia daquelle Mouro; e não perdendo ponto, que julgasse necessario para o animar, lhe tornou a pedir pelo amor de Deos, e serviço Real, não desprezasse aquella occasião de tanta honra, e gloria para a nação Portugueza, que serviria não menos de admiração, do que de inveja aos Fran-

cezes, Inglezes, Hollandezes, Dinamarquezes, que assistem pelas Fortalezas daquella costa, costumados sómente a ver Portuguezes, ou fugitivos de Goa, largando o serviço del-Rei, ou attentos só aos interesses de suas conveniencias. Chegado a estes termos o negocio, e empenho daquelle Mouro, julgou o Governador, que já não podia resistir, e que se fizesse o contrario, seria avaliado por idolatra de seus caprichos, e desprezador dos augmentos do credito Portuguez, pelo que deu o seu beneplacito, e logo se começou a dispor o necessario para a entrada.

CAPITULO VI

Descreve-se a entrada, que o Governador fez na Fortaleza de Velur, e o mais que passou

Havia já muitos annos, quando depois que por nossos peccados, que mereceram tal castigo, ou por falta de valor Portuguez, cançado do muito, que tinha obrado na India, e para melhor dizer deliciosamente gastado nos ultimos tempos, se perdeo a Cidade de Meliapor, ou S. Thomé, antigamente não menos rico emporio do contrato, que glorioso theatro de Varões singulares, assim em virtudes religiosas, e Christãs, como em heroicas acções militares; havia digo naquellas terras notavelmente descahido a estimação do nome Portuguez; pois em Meliapor os poucos Portuguezes, que restavam, opprimidos não menos da pobreza, que dos Governadores Mahometanos, pouco, ou nada conservavam dos seus antigos brios, especialmeute fazendo-lhe sombra as nações estrangeiras, que nos lugares visinhos se tinham fortificado, e

em particular os Inglezes, que com seu singular estudo, e destreza no contrato, tanto tem levantado cabeça. Chegou finalmente tempo, em que a Divina Providencia, dispondo as cousas a seus proporcionados fins, quiz honrar, e fazer gloriosa a nação Portugueza entre aquelles Barbaros, para que os Estrangeiros entendessem, que a estimação do nome Portuguez não estava de todo sepultada naquellas terras.

Era o dia doze de Julho, dedicado ao grande João Gualberto, insigne não tanto pela illustre nobreza de seu sangue, e generoso valor de seu animo, quanto pela mais gloriosa acção, com que um Heroe Catholico póde sahir, qual foi perdoar a seu inimigo, homicida de seu irmão, ao qual tão generosamente tem imitado o nosso Governador, tanto assim, que nem seus emulos o poderam com verdade negar; pela qual acção parece o quiz Deos premiar, dando-lhe neste dia tanta gloria, e honra: seriam tres horas da tarde, quando preparado, e disposto tudo o que era necessario para a sahida do Governador, desceo este a um grande pateo, onde o estava esperando uma bem compassada ordem de atabales, e outra não menos suave de frautas, acompanhadas da uniforme diversidade de outros muitos instrumentos musicos, que todos por sua ordem deram principio aos applausos do Governador. Appareceo elle acompanhado de Fr. Angelo, João Bautista de Santo Hilario, o Capitão João Tavares, e mais quatro Portuguezes, e juntamente os seus Cafres, todos lindamente vestidos. Defronte da porta daquelle pateo, se dilatava uma espaçosa praça, em que estavam preparados seis Elefantes, e se estendiam duas mui numerosas alas, uma de Cavallaria, e outra de Infantaria, ambas lustrosamente armadas, não fallando da grande multidão de Povo, que concorreo a ver este acto. Logo os Cabos militares postos em ordem, e

com notavel gravidade, e destreza fizeram suas cortezias ao Governador, que consistiam na sua costumada zumbaia; as quaes acabadas, se dividiram em duas alas, a Cavallaria pelo lado direito, e a Infantaria pelo esquerdo, deixando no meio espacio desembaraçado.

Feita esta função, chegaram junto ao Governador com o Elefante de estado, e fazendo-o ajoelhar, sobio pelos estribos João Bautista de Santo Hilario, para levar de mão, e ajudar a sobir ao Governador, que ao som de todos os instrumentos musicos, e vivas de grande multidão de Povo, que presente estava, montou naquelle Elefante, e se sentou em uma alta, e bem ornada charola; e logo o Capucho Fr. Angelo sobio ao dito Elefante, e se sentou noutra charola, que estava atraz de menor fabrica. Seguio-se o Capitão da Guarda João Tavares, tambem em seu Elefante, galhardamente sellado: neste tempo João Bautista de Santo Hilario, montado em um cavallo Arabico, linda, e fermosamente soberbo, se chegou ao Governador, e com grande reverencia lhe offereceu um alfange desembainhado, com guarnições de ouro, sinal de grande poder, e insignia dos Governadores de maior supposição no Mogor, para que o levasse levantado na mão; e logo com suas ceremonias se deu sinal, para que o Elefante se pozesse em pé, e se deu principio áquella pomposa marcha na fórma seguinte.

Ia em primeiro lugar um Elefante com duas bandeiras roxas, a que acompanhavam muitas gaitas suavemente sonoras. Seguia-se outro com dous grandes atabales de estado: occupava o terceiro lugar o terceiro Elefante, que sustentava duas bandeiras verdes. A este seguia o quarto Elefante, carregado de instrumentos musicos, que a seu modo fazia mui plausivel aquelle acto. Todos estes Elefantes iam rodeados de gente armada, com lanças guarnecidas de prata, e cas-

caveis do mesmo metal, e entresachadamente se ouvia o som de diversas gaitas, e tamboris. Logo se seguiam dous Cafres do Governador montados em cavallos ricamente ajaezados, que tocavam clarins ; e atraz destes appareciam dous Portuguezes, tambem a cavallo, gravemente vestidos, que levavam as bandeiras Reaes arvoradas em lanças compridas, aos quaes rodeavam seis Cafres armados de catanas, e mais dous Portuguezes em briosos cavallos, com bacamartões na mão, pistolas no cinto, e espadas largas, e cobertos os lados, além da Cavallaria, e Infantaria, desfilada, dos Archeiros do Governador Mouro, que todos eram de Languinatas. Seguia-se, fazendo de si vistosa ostentação, João Bautista de Santo Hilario, vestido de uma cabaia de téla, e cabarbanda, toda repassada de ouro, com um alfange na mão guarnecido de prata, com o qual esgrimia á Mourisca, e repetidamente a poucos passos andados, se voltava para o Governador, que immediatamente se seguia, como quem qneria receber suas ordens. Guardava as costas do Governador o Capitão João Tavares, levantado no seu Elefante, e rematava-se esta luzida cavalgata com todos os Cabos da Cavallaria, que toda com tão linda ordem, e disposição fazia uma mui recreativa vista, e vistoso divertimento.

Desta sorte se foi caminhando espacio de um quarto de hora, acclamando o Povo ao Governador com vozes honorificas, que significavam : Viva o grande Portuguez ; e chegados ao portal da Praça, fizeram alto as alas militares, e só eutrou dentro o que fica descrito se achava no centro deste lustroso acompanhamento. Ao passar do Governador pela primeira porta, lhe deu todo o Povo tres vivas ; e passando mais duas portas, todas chapeadas de ferro com grandes espigões, chegou á praça do Castello, aonde estava tanta multidão de gente, que impedia a passagem, e

era necessario, que os Archeiros usassem violentamente das Languinatas contra aquella multidão, para fazer expeidito o caminho. Chegando nesta fórma á porta do pateo do Governador Mouro, se apeou do Elefante o nosso Governador, a quem deu a mão o dito João Bautista; e apeados tambem os outros dous o padre Capucho, e Capitão Tavares, foi cortejado, e conduzido dos Mouros mais graves, e principaes da Praça até á porta do jardim, que juntamente servia de pateo ao Manjalés; e nesta porta estava esperando em pé o Governador Mouro, acompanhado dos Mouros do seu conselho, e recebendo com muito agrado, e cortezia ao nosso Governador, o levou ao lado direito, até entrar no Manjalés, onde se sentaram ambos em iguaes coxins.

Aqui não faltaram urbanas, e primorosas correspondencias de parte a parte. O Mouro declarou o gosto, que tinha de se avistar com tão nobre Portuguez, de quem tinha ouvido grandes louvores: ouvio com attenção os successos do caminho, e fez outras perguntas, de que recebeo as repostas á satisfação do seu desejo. O Governador se desfez em louvores da bem lançada fabrica da Fortaleza, e da luzida gente, que a guarnecia: da grande benignidade, justiça, e aceitação, com que governava os Povos, e doutras cousas semelhantes, de que não pezava ao Mouro; e contando cada um algumas novidades, pertencentes ás Cortes dos seus Reinos, se passou aos brindes, que se fizeram com variedade de bebidas conforme o costume daquelles Mouros. Assim se levou boa parte do tempo; e querendo-se despedir o Governador, o Mouro lhe pedio, que ceasse com elle aquella noite, e ficasse ao menos tres dias descançando das molestias do caminho, e o exprimio com tão carinhosas palavras, que bem mostrava o grande affecto do seu animo. Mas o Governa-

dor não ficando atraz nas affectuosas significações de seu animo agradecido, se escusou lançando a culpa ao tempo, que não podia sofrer demoras, quando a viagem, que lhe era necessario fazer para a China, necessitava de sua presença em Meliapor o mais cedo, que podesse ser, pelo que ficava com grande pena, por não poder gozar inteiramente de tantos favores.

Satisfeito o Mouro com esta reposta, entrou com outro lanço de primorosa offerta, e foi rogar ao Governador se servisse, que o seu estado o acompanhasse até á Cidade de São Thomé; mas elle julgando não devia aceitar, agradecidamente cortez regeitou a offerta, ainda que o Mouro repetidamente lhe instou aceitasse; e o Governador para mostrar que não despresava seus favores, se deu por obrigado a aceitar os Palanquins, e uma esquadra de quinze cavallos, e trinta peões. Antes do Governador se partir da presença do Mouro, julgou não devia perder a occasião de empenhar a benevolencia, que elle lhe mostrava, e assim rendendo-lhe as graças pela grande honra, que lhe tinha feito, lhe disse: Senhor, não ha quem não conheça, e confesse a grandeza, e benignidade de vosso animo, com que fomentais aos Portuguezes, e em especial aos Religiosos Missionarios destas terras; pelo que eu em nome de todos vos rendo as graças, reconhecendo-me obrigado a ser pregoeiro de vossas heroicas, e singulares virtudes em qualquer parte do Mundo, que me achar. O que resta é, que continueis com as demonstrações de vosso benevolo animo, cousa tão propria de uma nobre indole, qual é a vossa, e especialmente vos empenheis a concluir a liberdade daquelle bom Religioso, que tão iniquamente os gentios prenderam, e querem acabar á força de molestias, e por quem vos tem rogado vosso leal servidor João Bautista de Santo Hilario, ao qual tenho exortado, que

continue nos devidos obsequios á vossa pessoa, e tenho por certo não faltará a obrigação tão justa.

Ouvio o Mouro com mostras de contentamento esta pratica; e respondeo com significações de satisfeito, e de que presto se concluiria a liberdade do Religioso, que pertendia, como na verdade se concluio; e acompanhando o Governador até á porta, e despedindo-se, lhe offereceo uma cabaya, touca, e cabarbanda, tudo mui rico, e de grande valor, e preço; e o Governador lhe correspondeo com algumas curiosidades, que o bom João Bautista tinha preparado para este fim; e feitas as cortezias, e ceremonias devidas nas despedidas, se voltou com o mesmo acompanhamento, e pelo mesmo caminho, e continuando-se os vivas, e applausos daquelle obsequioso Mourismo, se recolheo a casa de João Bautista, que não acabava de explicar a alegria, que tinha de tão feliz successo, e honra, que naquelle dia recebera o Governador, e nelle a nação Portugueza; e naquella noite banqueteou ao Governador, e mais comitiva, não menos com grandeza de animo liberal, do que de affecto carinhoso.

CAPITULO VII

Parte o Governador para a Cidade de São Thomé, e dalli vae a Madrastapão, e o que lhe succedeo nesses lugares

Sahio da Praça de Velur o Governador aos 13 de Julho, e dirigio o caminho para São Thomé com o mesmo acompanhamento, com que no dia antecedente tinha ido a visitar o Mouro Governador daquella Praça; e só houve a differença, que em lugar

dos dous Elefantes, em que foram o Governador, o seu companheiro Capucho, e o Capitão Tavares, substituiram Palanquins ricamente ornados, e o do dito Governador, além de ser de maior pompa, era guarnecido de prata; e tendo-se caminhado por espacio de meio quarto de legua, despedio todo o acompanhamento, que era proprio do estado do Governador Mouro, fazendo os Cabos da milicia nas despedidas suas cortezias militares. Ia disposto o arraial do Governador nesta fórma. Precediam dous Cafres montados a cavallo, tocando clarins: seguiam-se dous Portuguezes tambem a cavallo, com as bandeiras Reaes despregadas, e arvoradas em lanças altas, a que guarneciam os outros Portuguezes, e Cafres, postos nos seus cavallos, e armados; e logo os demais se seguiam, levados nos seus Palanquins, e de uma, e outra parte as Esquadras Mogoras de quinze cavallos, e trinta peões. Desta sorte se foi caminhando, e passou pelo arraial do Nababo, que governa aquellas terras, e por averiguação, que fez o Governador, constava aquelle arraial de trinta mil cavallos, e cincoenta mil soldados de Infanteria, e vinte Elefantes. Passando o Governador, os Cabos do dito arraial lhe fizeram toda a honra, e cortezias devidas.

Aqui se despedio do Governador João Bautista de Santo Hilario; e não tendo aquelle vozes, nem palavras bastantes, com que declarar seu animo agradecido, e se espraiar nos louvores devidos ás Catholicas, e zelosas agencias de varão tão benemerito no serviço de Deos, e Sua Magestade Portugueza, se despediu tambem delle, assegurando-lhe da Divina bondade e premio a seus merecimentos, e da sua parte protestou de ter uma eterna lembrança delle, prometendo ser em toda a parte certo elogiador de suas acções. E proseguindo seu caminho, em que não houve successo de

consideração, aos dezaseis do dito mez chegou a avistar a Igreja de nossa Senhora do Monte, que em lugar eminente faz uma não menos aprazivel, que devota vista aos passageiros. Se nos dias passados tinha o Governador feito áquelles Mouros ostentação de um mui nobre, e respeitado Portuguez, recebendo tantas honras do Mouro Governador de Velur, hoje quiz mostrar aos mesmos Mouros, e Gentios sua grande piedade, e mui Christã devoção, rendendo as devidas honras, e venerações á Rainha dos Anjos. Foi o caso, que chegando quasi meia legua de distancia da dita Igreja de nossa Senhora, manda de repente parar o Palanquim, salta em terra, e virado para a parte, onde estava sita a Igreja, ajoelha com toda a reverencia, e sumissão, a que advertindo os mais Christãos, não podendo resistir á força de tal exemplo, fazem o mesmo; e rezando devotamente a Salve, se levantou, e meteo no Palanquim, ficando todos aquelles Mouros cheios de admiração. Acção na verdade, com que ficou mais honrado o Governador, do que com o triunfante applauso, com que foi cortejado na Praça de Velur.

Finalmente, pelas oito horas da noite daquelle mesmo dia entrou na Cidade de São Thomé, onde achou lindamente preparada para seu agasalho a casa de João Bautista de Santo Hilario, por quanto este honrado varão, não podendo assistir com sua presença em São Thomé ao obsequio do Governador, quando estava occupado em Velur no serviço do Mouro Goveanador daquella Praça, tinha expedido com toda a diligencia aviso a sua casa, com ordem, para que se assistisse promptamente com tudo o necessario ao dito Governador, que na verdade tudo executou com summo cuidado aquella mui devota, e honrada familia. Conserva ainda a Cidade de São Thomé alguns vestigios da sua antiga grandeza, pois alli reside a Sé Episcopal,

que então estava vacante, e cuidava daquelle Bispado um Governador, posto pelo Illustrissimo Primaz de Goa. Tem seu Capitão mór, que governa aquella pequena, e pobre Republica, com seus Officiaes, e se vem ainda nella algumas familias, que procuram, como podem, fomentar o lustre Portuguez. Por industria, e diligencia de João Bautista de Santo Hilario, tinham nesta Cidade retumbado os eccos das honras, com que fora recebido em Velur o Governador, pela qual razão estavam mui contentes os Cidadãos della; e assim como elle chegou, foram logo todos os principaes, assim Ecclesiasticos, como seculares, a visita-lo, e dar-lhe os parabens não menos da sua chegada, que da honra, e lustre, que tinha grangeado ao nome Portuguez; e o Governador lhes correspondia com summo agrado, confirmando com sua presença, o que tinha apregoado a fama.

Tratou logo o Governador de pôr em praxe o seu intento, que era embarcar-se para Macao, o mais depressa, que podesse ser. Não estava a Cidade de São Thomé com posses para expedir barco; só restava a esperança em Madrasta, distante pouco mais de um quarto de legua, que com a grande riqueza do contrato, podia facilmente satisfazer ao que o Governador pertendia; por tanto este avisou logo ao Inglez Governador daquella Praça, de como o queria ir visitar, e presentar-lhe uma carta do Illustrissimo Primaz Governador da India; e logo no dia dezanove do mez, acompanhado do Governador do Bispado, e dos principaes Cidadãos, levados em Palanquins, que fariam o numero de vinte, se poz a caminho para Madrasta, onde foi recebido pelo Governador daquella Praça com toda a soldadesca formada, e salvas de artelharia, e mais applausos militares, não querendo elle ficar atraz ao Governador de Velur nas honras devidas a tão hon-

rado hospede. Foi recebido na sala pelo Governador Inglez, acompanhado de todos os Conselheiros da Companhia do contrato, com alegres significações de urbanidade; e feitos os brindes costumados, função, a que se não póde faltar entre aquella nação, se leo a carta do Senhor Primaz, que toda se dirigia á expedição de navio, em que o Governador se podesse logo embarcar para Macao.

Mas o Governador Inglez, attendendo mais ás razões de sua conveniencia, do que ás de capricho, declarou não estar em tempo, que podesse executar o que se lhe pedia, allegando o ser já tarde para armar barco, e haver falta de patacas na terra. Cruel ferida para quem não tanto olhava para a razão da sua conveniencia, quanto para o credito do nome, e reputação Portugueza! Punha-se-lhe diante dos olhos uma jornada por terra tão custosa, e perigosa, que tinha feito com intuito, de que em Madrasta acharia embarcação, em que logo podesse ir para a China a exercitar o seu cargo; e que depois de tantos trabalhos, e perigos, era obrigado a ficar detido em São Thomé contra a sua expectação, e o que tinha promettido em Goa; e concluia, que ficaria abatida não menos sua reputação, que a do nome Portuguez; pelo que tomou uma resolução, que a alguns parecerá de homem temerario, e fantastico, mas elle julgou ser mais necessaria naquellas circumstancias, qnando muitas vezes para sestentar a honra, e alcançar os fins, que se pertendem, convem usar de apparencias, ou para melhor dizer estribar-se, e confiar na Divina Providencia. Foi a resolução pedir ao Governador Inglez, que supposto não haver commodidade de embarcação para a China, lhe fizesse graça de ver se havia algum navio capaz, que elle o queria comprar, e juntamente Piloto pratico. Resolveu se o Governador a tanto, porque ainda que elle se não

achava com posses para fazer aquella compra, como era homem largo igualmente de animo, que de confiança em Deos, assentou comsigo, que não faltaria quem attendendo ao credito do nome Portuguez, o ajudasse com prata. O que na verdade assim succedeo, pois não faltaram zelosos, que antes quizeram arriscar a sua prata, que pôr em perigo a honra da Nação.

Entre tanto, que o navio se preparava, largou o Governador as vélas ao vento Favonio de sua piedade, e devoção, visitando os Santos lugares, onde se conserva, e reverencea a pia memoria do primeiro Apostolo do Oriente, o glorioso São Thomé. A primeira romaria, que fez, foi visitar a Santa Capella, que está na antiga Sé, a qual sendo Templo dos Idolos, foi dada em premio ao Santo Apostolo pela milagrosa facilidade, com que moveo aquelle celebre madeiro, de que fazem menção as nossas historias da Asia. Deste madeiro se conservam ainda algumas obras, principalmente uma porta, da qual recebeo o Governador um pedaço, e o estima por um grande thesouro; o retabolo da Capella, onde está um relicario com a ligadura ensanguentada, pano de amarrar a cabeça, e o ferro da lança com que mataram ao Santo Apostolo. Memorias todas, que ainda agora movem a piedade dos Christãos, que habitam para a parte de Cochim, a ir em romaria á Cidade de São Thomé, tributar os obsequios de sua devoção. Daqui dirigio seu caminho o Governador ao monte pequeno, distante da Cidade uma legua, no qual se vê o antigo Collegio dos Religiosos da Companhia de Jesus, onde debaixo do altar mór da Igreja se venera a lapa, em que o grande Apostolo viveo por algum tempo escondido; e nella se conserva um Altar, em que dizia Missa, e na pedra da mesma lapa se vê esculpida uma Cruz, obra do mesmo Apostolo, como tambem uma fonte,

que brota do rochedo, que dizem foi aberta pelo dito Santo Apostolo, da qual bebeo o Governador, que acompanhado do Reverendo Padre Reitor Francisco de Vasconcellos, andou visitando aquelles Santos lugares, onde tambem se vem impressos os sinaes dos joelhos, e mãos do Santo, como tem a pia tradição.

O monte, que a distinção do outro, chamam grande, e está distante da Cidade duas leguas, é tambem lugar de muita piedade, e veneração: alli está uma Igreja, em que se conserva a devota Imagem de Maria Santissima, que dizem, era do glorioso Apostolo, e foi pintada pelo Evangelista São Lucas, e obra tantos prodigios, e milagres, que os Gentios, e Mouros recorrem a ella em suas necessidades. Não quiz o Governador deixar de render seus piedosos affectos a este Santo lugar, e Imagem, onde vio no Altar mór uma Cruz de pedra, obra daquelle mui zeloso Apostolo, ainda illustrada com alguns sinaes de sangue, que nella saltou do corpo do Santo, quando foi alanceado no tempo, que prostrado diante da mesma Cruz, estava orando. Certificou o R. P. Paschoal Pinheiro, Governador algum tempo daquelle Bispado, e de presente Parocho daquella Igreja, que por algumas vezes tinha suado a dita Cruz com maravilhoso, e abundante licor, e se tinha observado, que então manava aquelle suor, quando estava para succeder algum grande infortunio ao Estado da India. Bemdito seja Deos, que ainda mostra tanto amor aos Portuguezes da India, que com sinaes exteriores declara o sentimento, que tem de nossas infelicidades, causadas dos peccados, e descuidos, com que nos havemos.

CAPITULO VIII

Embarca-se o Governador para Macao, e refere-se o que lhe succedeo até chegar ao Reino de Gior

Sahio a luz do dia cinco de Agosto, e nelle se resolveo o Governador a dar principio á viagem para Macao. Não estava o navio ainda de todo aparelhado, porque o Piloto Inglez que o vendeo por agencia do Governador tambem Inglez, o entregou tão mal aviado, e tão falto do necessario, que até de vélas foi obrigado a prove-lo. Embarcou-se pois o Governador naquelle dia, que como era dedicado á festa de nossa Senhora das Neves, se prometteo feliz, e segura viagem; que quando com tal guia, e norte se principia qualquer acção, certo, e seguro se póde prometter o fim que se pretende. Esta mesma Estrella do mar lhe serenou, e encheo de confiança o coração, quando considerando o tempo incommodo por causa das continuas tempestades, e samatras, e o navio não mui seguro, e forte para resistir aos açoutes das empoladas ondas, e furiosos temporaes, parecia temeridade entregar-se ao mar. E na verdade tinha o animo cheio de confiança; e com razão, pois naquelle dia de manhã tinha visitado a Igreja de nossa Senhora da Luz, cuja memoria se festejava com grande solemnidade; e depois de se confessar, ouvir Missa, e receber o Divinissimo Sacramento da Eucharistia por meio do Governador do Bispado o Reverendissimo Padre Fr. Antonio das Chagas, Religioso Capucho, depositou nas mãos daquella amabilissima Mãi de misericordia uma petição, em que a tomava por Patrona, e Advogada para o bom successo da viagem. Foi-lhe necessario esperar tres dias embarcado pelo Piloto Inglez, que se deteve em terra tratando de suas conveniencias, que

finalmente se foi embarcar aos oito do mesmo Agosto, e pelas onze da noite se largou o pano ao vento, que estava bastantemente esperto.

Foi o dia terceiro da viagem notavel com a inclemencia do tempo, e dos mares, os quaes desafiados do vento, se encresparam de tal sorte, que pertenderam çoçobrar o pobre baixel, que estando elle da sorte que estava, pouco bastaria, se o não defendesse o patrocinio de Maria Santissima, debaixo de cuja protecção se tinha posto o Governador, e os que o acompanhavam. O vento de repente apanhou as gavias, fazendo-lhe forte impressão; e de tal sorte inclinou o navio, que se tiveram todos por perdidos, e clamaram a Deos misericordia. O que valeo aos pobres afflictos, foi aplacar-se algum tanto a furia do vento, que a continuar na mesma tesidão, era infallivel a ruina de todos. Com tudo o impeto do temporal não abrandou de sorte, que não fizesse grande força no mastro grande, e o rendesse com notavel medo dos que iam no barco. A agua, que este fazia, era tanta, que toda a gente com as bombas na mão, não podia vencer o curso della. Em uma palavra: todos tiveram por certo, e evidente milagre, e especial favor Divino, o escaparem com vida. Esfriada um pouco a força da tempestade, se foi continuando a viagem com summa vigilancia, e cuidado, porque não faltavam cada dia as samatras, tres, e quatro vezes, vencendo a paciencia o grande trabalho, que estas causavam, até que finalmente aos vinte e um do dito mez se avistou a cabeça do Achem, e se investio com a boca do estreito de Malaca.

E' aquelle estreito grande exercicio de paciencia para quem navega, pois a calmaria, e malicia do mar consome não menos os mantimentos, que o calor dos navegantes; e nesta occasião foi extraordinaria a detença nelle, pois se gastou um mez até chegar a Ma-

laca ; e por esta razão foi necessario á gente da nao usar de tal parcimonia, que por muitos dias usaram de uma só comida, especialmente por lhe faltar a agua, valendo-se da que chovia, não sendo possivel chegar-se ás Ilhas, em que se costuma fazer. Aos dezanove de Setembro se avistou Malaca, Cidade antigamente dos Portuguezes, onde o grande Affonso de Albuquerque obrou acções tão maravilhosas para a sobjugar ao dominio Portuguez; mas ha já annos por peccados, ou inercia dos mesmos Portuguezes, está senhoreada do jugo Hollandez. Devia-se passar de largo aquelle porto, que para se evitar a antiga demanda, elles tem com os Portuguezes, pertendendo, que os barcos destes vão alli pagar ancoragens ; mas o nosso Governador, obrigado da necessidade, e falta de agua, julgou devia experimentar fortuna, e ver se achava cortezia, ou compaixão naquelles Hollandezes ; e surto á franquia, atirou com uma peça, pedindo embarcação ; foi esta espedida de terra, para saber que barco era, quem vinha nelle, e que pertendia : a esta embarcação desceo logo o Piloto Inglez com uma carta escrita ao Governador daquella Praça.

Era aquelle Governador Hollandez homem de animo docil, e coração brando, e lendo o que continha a carta, entendeo vinha no barco pessoa, com quem devia usar de termos honrados ; e prevendo, que os do Conselho da Companhia haviam de fazer demanda pelas dividas (como elles dizem) antigas das encoragens ; e querendo atalhar as molestias, que por isso poderiam vir ao Governador Portuguez, tratou com grande affabilidade ao Piloto, e lhe ordenou, que tornasse para o navio, que elle proveria do necessario. Era sua intenção, que o navio estivesse expedito com o seu Piloto, para que no caso, que os do Conselho determinassem alguma cousa contra o dito navio podesse dar

á véla, e por-se em cobro; mas o Piloto, que parece veio com intenção de ficar no dito porto de Malaca, como disseram alguns, começou a tergiversar, e respondeo ao Governador Hollandez, que elle de nenhum modo iria a bordo sem levar reposta; e não obstante, que o dito Governador o tornou a exhortar, que se voltasse para o navio, que elle no outro dia mandaria reposta, o Piloto se ficou, e no seguinte dia foi reprezado, que parece, que é o que pertendia.

Finalmente a reposta, que veio de terra ao Governador, foi, que pagasse ancoragens, e que a este fim ficava reprezado o seu Piloto. Pareceo-lhe a este demanda injusta, não tanto pelo que requeria, quanto por ser feita á sua pessoa. A resolução, que se devia tomar, não era facil de comprehender. Por uma parte a necessidade obrigava a esperar, e pedir misericordia, por outra o largar a véla, era sinal de medo, e confissão de estar culpado, o que seria mais indecente, e indecoroso, quando o navio tinha tremolantes as bandeiras Reaes. Intentar a vingaça de tal injustiça, e descortezia, parecia temeridade, estando o navio falto de muitas cousas necessarias, e os Hollandezes abastados, e em sua casa. Que remedio? Tirar forças da necessidade, e fraqueza, e appellar para a fortuna, que ajuda aos animosos. Escreve ao Hollandez resolutamente, que um Covernador do Serenissimo Rei de Portugál, não era pessoa tal, a quem se fizesse semelhante demanda; que ou acodisse ao navio com o necessario, ou lhe remettesse o seu Piloto, para que podesse dar á véla. Não foi a reposta do Hollandez tão cortez, e honrada, como devia ser, e tinha sido o dia antecedente; pelo que o Governador, tomando fogo, lhe tornou a escrever com alguma aspereza, lançando-lhe em rosto o que era. Irritam-se os animos de parte a parte, e depois de se fazerem os protestos, de que eram

nações, que viviam em boa paz, e amisade, denunciase o desafio, e preparam-se para a batalha, o Governador pondo em ordem o seu navio com os poucos Portuguezes, que nelle vinham, e mais negros, e cinco peças de artelharia de pouco calibre; o Hollandez expedindo cinco chalupas bastantemente petrechadas; o Portuguez foi o primeiro, que deu mostra de si, pondo-se á vista do inimigo, e convidando-o ao desafio para longe da fortaleza: o Hollandez fez seu movimento, e volta, mas sempre afastado, e fóra de tiro de péça.

Assim andaram alguns dias, até que o Governador impaciente de demoras, desta sorte fallou aos da nao; «Amigos, e companheiros igualmente na gloria, «que nos trabalhos, temos chegado a termos, que ou «havemos de emprender uma acção, que ainda que a «alguns parecerá temeraria, e imprudente, é na ver«dade gloriosa, e digna do nome Portuguez; ou ha«vemos daqui sahir com grande desdouro nosso, e «expostos a perecer todos indecorosamente. O vento «não nos favorece; a falta de Piloto pratico nos im«possibilita a navegar por entre tantos baixos, a ne«cessidade, quasi extrema em que nos vemos, não «approva o irmos acabar ao desamparo no meio des«te estreito: com a nossa volta, ou fogida esses Hol«landezes tomarão animo a nos seguir, e esperar «commoda occasião, em que totalmente nos arrui«nem: pelo que a resolução, que devemos tomar, di«gna do nome Portuguez, é investir não menos aquel«las chalupas de guerra, que a Fortaleza, do qual se «seguirá, que ou elles á vista da nossa resolução ate«morizados, virão no que pertendemos, ou nos ma«taremos com elles, desafrontando generosamente nos«sa reputação, quando mais val uma gloriosa morte, «que uma vida com descredito conservada». Assim le-

vado de seus brios dizia o Governador; e alguns dos Portuguezes approvaram a resolução, e se offereceram animosamente para a empreza; mas a outra gente da nao, seguindo o exemplo do Padre Capellão, a desaprovou, ou por mais temeraria, e imprudente, ou por menos conforme ás Leis da Christandade.

Vendo o Governador, que não era geralmente approvada sua determinação, resolveo largar o posto, e ir navegando, como podesse, até achar posto, em que se refizesse do necessario. Tinha elle reprezado uma chalupeta de Malaios dependente de Malaca, em recompensa do Piloto reprezado em terra; pelo que mandou dizer ao Governador Hollandez lhe remettesse o seu Piloto, pois se queria fazer á véla, e desta sorte largaria a chalupeta; mas não se conseguindo effeito algum, se resolveo a largar a dita chalupeta, e dar á véla, especialmente tendo perdido uma ancora. Primeiro que se fizesse á véla, mandou aviso ao Governador Hollandez, que elle partia a tal hora, e que se mandasse as chalupas em seu seguimento, estava prompto para as receber. Aos vinte e seis do dito mez, dia claro, largou o pano, fazendo sinaes com peças de leva, e foi navegando com grande trabalho; porque como não havia Piloto pratico, era necessario, que o mesmo Governador com a sua estimativa, e com a experiencia, que tinha das vezes, que navegara aquelles mares, supprisse a falta de Piloto. Aos dous de Outubro se embocou o estreito chamado do Governador, onde foi necessario preparar-se para pelejar com um navio, que o seguia: repartio-se a gente a seus postos, expediram-se as armas, e mais petrechos bellicos; mas como o dito navio, parece não trazia intenção de pelejar, se meteo no estreito de Sincapura, e logo entrou pelo Rio de Gior o do nosso Governador. Neste lugar o que passou, se verá na segunda parte.

SEGUNDA PARTE

Refere-se o succedido em Gior, e dalli até Macao

CAPITULO I

Tocam-se algumas cousas pertencentes ao Reino de Gior

EMPRENDO agora contar as acções do Governador obradas em Gior, as quaes na verdade por alguns, e esses bem affectos, serão attribuidas a valor de animo no intrepido; e por outros, a quem faltar a affeição, serão avaliadas por pasto, ou de terribilidade imprudente, ou de temeridade bem afortunada. Estes se fundaram em que o Covernador, estribado em um barco mal petrechado, e com só doze Portuguezes, os quaes eram (não fiquem sem nome neste escrito, os que nos trabalhos, e nas obras deram boa parte para elle) o Capitão João Tavares de Vellez Guerreiro, o Mestre João da Costa, o Condestavel Domingos dos Santos, Antonio Lopes, Pascoal da Sil-

va, Pedro Farobo, Ignacio Lobo, Pascoal Rodrigues, Antonio Rodrigues, Miguel da Costa, Antonio da Costa, Lourenço Fernandes. Não fallando no Reverendo Padre Fr. Thomaz de São Joseph, Capellão do navio; e o Irmão Fr. Angelo de Santo Antonio, Medico, e de nação Italiano, ambos Religiosos Capuchos da Serafica, e observantissima Provincia de Madre de Deos; e a outra chusma de gente negra, mais proporcionada para tirar pelas cordas, e menear vélas, do que para atirar com peças, e brandir lanças; com mui poucas bocas de fogo, cinco pecinhas, e essas de menor calibre; finalmente sem o necessario aparelho pertendeo oppor-se a mais de oitocentas barcas de guerra, as quaes, ainda que pequenas, eram bem petrechadas, e providas de gente: e emprender outras acções arriscadas em terra alheia; tudo o qual na verdade parece, que argue um jactancioso appetite de gloria, mais fundado em a imprudente esperança da fortuna, do que no maduro conselho da verdadeira valentia. Mas toda essa nota se desvanece, se se attender ao que os livres de paixão consideram, que as generosas acções mais se estribam em uma prudente audacia, acompanhada de boa disposição, do que em possantes forças de braço. Quem pertende ser alguem, deve-se atrever a alguma cousa, disse o outro, não menos Orador eloquente, que sabio Filosofo. Nunca Alexandre o Magno emprenderia acometer com tão pequeno exercito todo o Imperio da Persia, e todas as forças da Asia, se não fosse levado de seu brioso atrevimento. Não obraria o que obrou o nosso Duarte Pacheco, oppondo-se com tão poucos Portuguezes ás forças do Çamori, e dos Reis seus aliados, se seu terrivel, e ousado espirito o não animasse a tal empreza. Argue vileza de animo o desmaiar á vista dos perigos: não é temeridade obrar muitas vezes, o que parece ser mais

atrevimento arriscado, que prudente valentia, quando as circunstancias, e necessidade o pede. Mas antes que se prove com a praxe do Governador este discurso, que em seu lugar se fará, toquemos algumas cousas pertencentes ao estado de Gior.

O Reino de Gior, sito no tracto dos Malaios, e na terra firme, opposta á Ilha da Samatra, vai correndo costa mar de Malaca até Talangane, e juntamente comprehende um numero sem numero de Ilhas, das quaes se formam muitos estreitos, e entre estes não é o de menor conta o de Sincapura; no fim do qual, á mão esquerda, na parte que olha para o Noroeste, se abre a foz de um grande rio, ou para melhor dizer, a boca de uma enseada, que dentro se reparte em varios canaes, uns maiores, outros menores, formados, e distintos com a variedade de Ilhas, semeadas por toda aquella enseada. Destes canaes o principal é o que se vai dilatando com seus giros por mais de dez legoas até a principal Povoação, e Corte deste Reino, a qual tem sua situação entre o segundo, e terceiro grao da linha Equinocial para a parte do Norte. E sendo assim, que estando esta terra no centro da Zona Torrida, por boa razão devia experimentar excessivos calores, que por causa dos raios directos do Sol, é natural o fazer este nella maior impressão, soccede pelo contrario, pois é fresca, e aprasivel, gozando das propriedades de uma perpetua Primavera, cousa ordinaria pela maior parte em todo aquelle tracto de terra; por quanto por causa da muita agua, já dividida em varios canaes, já dilatada em grandes lagos, e já despedida de perennes fontes, se levantam continuados vapores, que refrescam o ar, e lhe moderam o calor, e juntamente se resolvem em quasi quotidianas chuvas, que não menos refrigeram a terra, que a fertilizam. Daqui nasce o ser mui viçosa com a varieda-

de, e grandeza de muitas arvores, que com seus compridos, copados, e espessos ramos impedem os raios do Sol. Com tudo, por causa dos vapores grossos, de que abunda, não é muito sadia, especialmente aos Estrangeiros, que não foram criados em semelhantes aguaçaes.

A gente natural da terra nas cores participa uma mediania entre Europeos, e Ethiopes. Os que habitam junto do mar grande, parte seguem a maldita seita Mahometana, atraiçoados por natureza, e de pouca fidelidade. Bom numero dos naturaes, e subditos deste Reino tem seu perpetuo domicilio, ou habitação em barquinhas: o qual é mui ordinario por toda aquella parte da Asia até a China, conservando suas como povoações, com numerosas familias, no meio da agua. A terra de si é fertil, mas as muitas guerras, que fomenta entre si, a fazem esteril. Abunda de pimenta, ouro, estanho, pao de Aguila, canfora, tartaruga, ninho de passaro, pao preto, rotas, assim de bastões, como finas, marfim, azeite de pao, breu mui barato, madeira, especialmente para mastros de qualquer sorte de navios, pois tem paos mui grossos, direitos, e compridos. Antigamente este Reino de Gior foi sogeito ao Rei de Sião, como tambem foram todos os que correm de Teneçari, até a Costa do Golfo, que propriamente se chama de Sião. Mas como aquelle Rei, algum tempo terror de Bengala, Pegu, Laos, e de outros circumvisinhos, descahisse do seu antigo poder, assim por causa da malicia ingenita aos Asiaticos, como principalmente por razão dos bandos, e divisões, que em Sião costumam haver na morte dos seus Reis, o Reino de Gior se rebelou, e levantou propria Cabeça, porque se governa; e nestes ultimos tempos se dilatou tanto, que por aquella Costa tem maior espacio de terra, que qualquer dos outros Reis.

Mas como estes Reinos carecem da verdadeira Cruz da Fé, que é o que prescreve as certas, e seguras leis da justiça, succede nelles muitas vezes, que por falta desta não ha a devida correspondencia, e subordinação entre os Princĩpes, e os vassallos. Por esta causa ha já vinte annos foi morto com violencia por seus vassallos o proprio Rei de Gior, ou porque este era menos dotado de entendimento, e razão, ou porque o seu governo degenerasse em tyrania. Por morte do qual foi levantado em Rei o Datubandar do Keino, Datubandar é dignidade, ou titulo grande, que sempre anda annexo a familias, ou casas de sangue Real. Tem a seu cargo o governo das Armadas, dispõem da gente de guerra, e provê os postos tocantes a ella com tão absoluto mando, que neste particular é quasi igual ao mesmo Rei. Do qual provem ter este sua magestade mui lesa, e arriscada a ficar arruinada, como soccede a cada passo, e se vio na guerra, de que em seu lugar se fará menção. Todos os do Reino deram obediencia a este Datubandar, o qual depois de tres annos, em que governou o Reino com paz, e quietação, ou porque era homem de bom entendimento, e considerou, que não estava seguro no throno, e não queria experimentar a adversa fortuna de seu antecessor, ou por outro qualquer motivo, largou o Reino a seu irmão, com condição, que o sustentasse, e não procedesse em materia, que tocasse a crime de morte, sem primeiro o consultar ; no qual bem mostrava ser homem de condição branda, e benigna.

Este irmão do Rei velho se chamava Raiamuda : era homem astuto, e de bom entendimento ; e logo que tomou posse do governo, procurou applicar os meios necessarios, assim para a sua conservação, como para a segurança dos seus Estados, e se fundou em adquirir forças, e riquezas, as quaes chegaram a ser tantas,

que dizem excedia nellas a todos os mais Reis da Costa Malaia. O poder, que se pode alcançar, que teria, segundo as mais certas noticias, constava de mais de cem Galés de porte, não fallando no genero das embarcações, a que chamam Cacapus, Paraos, que tambem se armam de guerra ; e por tudo excedia o numero de mil embarcações ; e nestas fortificações se funda aquella gente, porque como as terras quasi todas são alagadiças, e cortadas de agua, as suas guerras todas são navaes. Abundava de muita artelharia, pois dizem, que tinha mais de mil peças, a maior parte de bronze, poucas de calibre de doze até vinte e quatro libras, as mais de duas, tres, e quatro libras. Pedreiros contavam mais de dous mil. Dous grandes armazens com varios generos de armas, e petrechos de guerra. A riqueza de ouro parecerá incrivel, pois dizem, que quando este Rei Raiamuda fogio, carregara trezentos homens de ouro. A multidão de gente, assim em terra, como nas barcas, é mui grande: a que tinha de armas na Corte, dizem, que chegaria a cinco mil homens, não entrando aqui a guarnição da Armada, a qual pertence á gente maritima, que habita aquellas Ilhas, e terra de beira mar. Mas sendo tanto o poder, e riquezas deste Rei, não foram bastantes, para que não perdesse o Reino, podendo mais a traição do seu Datubandar, que toda a sua grande cabeça, poder, e riquezas ; verificando-se aqui o dito ; que para conservação de um Reino, mais val a fidelidade dos grandes, que ricas forças, e fortes exercitos. Mas antes que se veja o que soccedeo nesta materia, demos vista á entrada do Governador em Gior, e aos successos dos primeiros dias.

CAPITULO II

Entra o Governador em Gior, e o que lhe succedeo nos primeiros dias

ENTRADO que foi o navio pelo rio, ou canal de Gior, soube o Governador, que estavam dentro duas embarcações Europeas, uma de Inglezes, outra de Dinamarquezes, que alli vieram a contratar; e escrevo aos Senhorios lhe mandassem Pilotos praticos daquelle canal, para que seguramente podesse entrar o seu navio a algum surgidouro accommodado, quando elle não levava gente, que soubesse nem baixos, nem altos daquelles lugares. O Capitão Dinamarquez expedio logo um Piloto, que conduzio o navio em quanto os ventos, e enchente da maré o ajudou; e deixando roteiro do rumo, que deviam seguir no resto do caminho, se voltou para o seu navio; e porque na maré seguinte se apartaram do dito roteiro, por inercia dos proprios Pilotos, encalhou o navio não menos com manifesto perigo de se abrir, do que com notavel medo, e espanto dos que viram o fundo em tão medonho estado, que ficaram todos os que nelle vinham embarcados, igualmente admirados, de que trouxessem suas vidas estribadas em tão fraco fundamento, que agradecidos á Divina bondade, que por sua infinita misericordia os tinha livrado de tantos perigos; e posto em lugar, onde podessem alimpar, e concertar o navio, ficando neste passo confirmado aquillo; que é muitas vezes bem afortunada uma desgraça, e perigo, quando são causa de se evitarem outros maiores perigos; o qual se vio bem nesta occasião, porque tendo dantes o Governador assentado comsigo, de examinar, e alimpar o navio, agora totalmnte se resolveo a executa-lo. Finalmente ajudan-

do os dous Pilotos de um, e outro barco, foi livre o navio do banco, em que se achava, e levado a lugar seguro, lançou ancora.

No tempo, em que o navio ia fazendo sua entrada pelo rio, appareceo o Rei de Gior, que acompanhado de muitas embarcações, e cortejado de muita gente, se andava recreando, talvez descuidado do que passados poucos mezes estava para lhe succeder. O Governador sabendo que era o Rei, empavezou o seu navio de flamulas, e galhardetes, dispondo em bella ordem a gente, tocando os clarins, e juntamente um destra mão que trazia da Costa, fazia docemente soar uma arpa ; e assim que o navio aparelhou com as embarcações Reaes, disparou cinco péças, salvando ao Rei : o qual tudo junto foi não menos agradavel aos olhos, que jocundo aos ouvidos, e formou o Rei conceito, que naquelle navio vinha pessoa de grande supposicão, e foi isto grande causa, para que o Governador fosse depois tratado com tanta honra. Tanto val no principio haver-se um de tal modo; que se concilie veneração, e respeito, e porque por muitas vezes nas primeiras entradas falta requisito tão necessario, se seguem ruins effeitos nas emprezas começadas. Mandou tambem naquelle mesmo lugar o Governador visitar ao Rei por um Piloto, offerecendo-lhe um regalo de pouca valia, mas de muita estimação para o mesmo Rei, e uma, e outra cousa recebeo este com grande agrado.

Não faltou o Rei com as correspondencias de cortezia ao Governador, pagando-lhe a visita pelo seu Sibandar, com seu Real mimo, offerecido ao mesmo Governador. Sibandar é cargo de Ministro principal do Reino, que tem á sua conta despachar navios, registar fazendas, ajustar contratos, resolver o que a estes pertence, conduzir os Capitães dos navios ao Rei,

e cuidar de tudo, que é proprio dos Mercadores. Ficara o Rei summamente satisfeito, não menos da bellica consonancia dos clarins, que do festivo, e suave som da arpa, e mandou pelo mesmo Sibandar, pedir de mercê lhos levasse a Palacio, porque os desejava ouvir juntamente com suas mulheres, e familia. Mui necessaria é em semelhantes casos a cortezia, mas deve ser acompanhada das regras da verdadeira Christandade, sogeita em tudo ás leis da Igreja Catholica. Bem arriscada se representou ao Governador, neste caso, a resolução por uma, e outra parte; porque ou havia de negar o que se lhe pedia, e era expor-se á indignação daquelle Rei, que como infiel, e poderoso em sua terra, era-lhe facil a vingança, cousa que ao Governador não convinha, pois necessitava delle para concertar o navio ; ou havia de satisfazer ao desejo daquelle Principe, e era arriscar o bem espiritual, assim dos dous Cafres, como do Arpista, quando poderia succeder, que elle levado de seu gosto, pertenderia conservar em seu Palacio aquelles instrumentos de recreação, e divertimento, com evidente risco de sua salvação : o qual fez grande pezo ao Governador, especialmente sabendo, que no Palacio do Rei estavam dous Cafres fogidos, e semelhante gente naquelles lugares, sendo naturalmente rude, e não fundada radicalmente nos principios da Fé Catholica, trazem moralmente perdidas suas almas.

Movido o Governador desta razão, tomou uma resolução não menos generosa, que Christã, respondendo, que não podia fazer o que se lhe pedia, quando se arriscava, a que os ditos Cafres, e Arpista, ou fogissem, ou fossem detidos em Palacio. Não se indignou o Rei com a repulsa, e como tinha grande desejo de os ouvir tocar no seu Palacio, repetio com instancia a primeira petição, dando seguro, e empenhan-

do sua Real palavra, que os restituiria, e faria com que tornassem para o navio. Deo-se o Governador por obrigado a comprazer áquelle Rei, pelo que os remetteo, e juntamento com elles o Capitão João Tavares de Vellez Guerreiro, para que o visitasse em nome do Governador, e lhe presentasse uma offerta de algumas cousas, que trouxera de São Thomé, e eram duas pessas de pano branco da Costa, bastantemente fino, dous frascos de agua rosada, e dous cortes de carmezim. Chegados a Palacio, foram o Arpa, e clarins recebidos com grande expectação, e applauso; e o mesmo Rei, os levou ao lugar das mulheres, e Damas mais estimadas delle, as quaes como a cousa nova, e inaudita por ellas, ouviram não só com inéxplicavel contentamento, mas tambem com notavel admiração, crescendo na Corte, e em Palacio o conceito, que se fazia do Governador, que trazendo comsigo tão singulares instrumentos da recreação, não podia deixar de ser homem de maior esféra.

Passou isto aos nove de Outubro; e sabendo o Rei, que o Capitão João Tavares vinha em nome do Governador a fazer sua visita, e appresentar a offerta referida, querendo em honra do dito Governador, e sua, se fizesse a ceremonia com pomposo fausto, e solemnidade, assistindo os Grandes da sua Corte, reservou o acto para o dia seguinte, ficando aquella noite em Palacio o dito Capitão João Tavares, acompanhado dos dous Capitães dos navios de Dinamarca, e Inglez, e tratado com grandeza. Juntou-se no outro dia toda a Corte do Rei, e presente elle em Palacio, foi admittido o Capitão João Tavares, a quem cortejaram os dous referidos Capitães, e em nome do Governador fez sua visita, ou embaixada com não menos gravidade de sua pessoa, que agrado do Rei, e toda a Corte; ficando os dous Capitães igualmente admirados, que in-

vejosos, pois não tinham recebido semelhantes honras, quando elles offereceram cousas de maior preço, e estimação do que as offerecidas em nome do Governador. Mas poderam elles entender, que aquelle Rei, ainda que barbaro, sabia fazer distinção de pessoas, e que como era de bom entendimento, avaliava a offerta não pelo preço, que em si tinha, mas pelo que recebera de quem a offerecia.

Succedeo no acto daquella offerta uma cousa, que podendo pareccer a alguns temeridade, foi antes causa de maior respeito, e estimação da nação Portugueza. Foi o caso, que sendo costume, que o mesmo, que offerece o presente ao Rei, o deve levar na mão, como o tinham feito os dous Capitães sobreditos, o Capitão Tavares, não sómente não quiz fazer a tal ceremonia, mas tambem ao Sibandar, que repetidamente lhe instou a fizesse, impaciente, e denodadamente o affastou de si com a mão, diante de toda a Corte, e do mesmo Rei, obrigando ao dito Sibandar, a que elle em pessoa, e na propria mão levasse a offerta, sendo crime entre elles não menos tal acção de impaciencia, e acometimento, como a de faltar áquella ceremonia. Mas quando este, que parecia atrevimento, e falta de respeito, mostrava ser digno de castigo, foi avaliado por acção de pessoa, que não estava sogeita ás leis dos homens ordinarios : ainda que o Sibandar, dando-se por offendido, conservou no animo a raiva, e desejo de vingança, que depois pertendeo pôr em execução. Tambem os Capitães dos dous navios quizeram ostentar de cortezes com publicas significações de honra ao Governador, visitando-o solemnemente, e depois convidando-o a banquete nos seus navios, o que fizeram com magnifica grandeza, e grande estrondo não menos de salvas extraordinarias, que de variedade de pratos, e licores.

CAPITULO III

Referem-se outras cousas succedidas naquelles dias

Como crescia a estimação, que em Gior se fazia do Governador, assim se augmentava o respeito, com que era tratado, ainda do mesmo Rei; pelo que sabendo este, que o Governador queria concertar o seu navio, lhe mandou offerecer, e determinar lugar commodo, em que o podesse encalhar, e concerta-lo, dando ordem aos seus, que obedecessem ao dito Governador em tudo que lhe mandasse, e sòministrassem, sem difficuldade alguma, tudo o que fosse necessario: o qual se executou á risca, sendo castigados os que faltavam. Vendo o Capitão Inglez, que á sombra do Governador podia concertar tambem o seu navio com maior commodidade, e menos despeza, e pertendendo mais cedo partir-se, pedio ao Governador lhe fizesse o favor de lhe deixar primeiro concertar a sua embarcação, e juntamente permitisse mudar o seu fato para o dito barco, em quanto se tratava do concerto do seu navio. Veio nisso liberal, e benevolamente o Governador, e concluido o dito concerto, querendo o Inglez compensar o favor, que se lhe tinha feito, não só levou para o seu barco o que havia no do Governador, mas tambem com repetidas instancias o convidou, que fosse morar nelle, pondolhe diante dos olhos as inconveniencias, e incommodidades, que teria, estando no navio em quanto se concertava: mas o Governador nunca quiz aceitar a offerta, e se ficou no seu navio, ainda que com notavel incommodo; porque mais olhava para a honra, que para a commodidade de sua pessoa; e quando descia do navio a ver o concerto, que se fazia no fundo,

sahia com guarda de doze pessoas armadas, ficando sempre outra guarda no mesmo navio, como era costume.

Estando por este tempo ainda encalhado o navio, e na obra do concerto, succedeu um caso, que trouxe comsigo varias consequencias, que poderiam causar graves molestias ao Governador, se este com sua authoridade, e prudencia lhe não acodisse, desprezando o de que outros fariam muito caso. Succedeo pois, que um marinheiro nascido na Costa, mas casado no Reino de Gior, juntamente com um Malavar do barco Dinamarquez, compraram a um Portuguez, que vinha no barco do Governador, alguma roupa da Costa, o qual, feito o preço, e fiado na sua palavra, lha entregou, reservando para outra occasião o receber a prata. Mas passados alguns dias, requerido o Malavar, que pagasse o preço da roupa, não quiz, dizendo, que o outro marinheiro tinha levado a dita roupa, e que a elle não competia satisfazer o preço. Foi o pleito ao Governador, o qual examinando a causa, achou, que o Malavar estava obrigado a satisfazer a divida, pelo que paternalmente o admoestou, a que pagasse o preço, em que se tinha ajustado pela dita roupa. Ouviu este a admoestação, mas attendendo mais ás razões da sua conveniencia, do que da justiça, e consciencia, e fiado, que o Capitão Dinamarquez, o Sibandar, e gente da terra o defenderiam, não satisfez ao que devia. Vendo o Governador tal resolução, e considerando por uma parte, que seria menos cabo de sua pessoa, se dissimulasse, e que abriria porta, a que o atrevimento daquella gente intentasse alguma cousa com menos respeito, do que se lhe devia; e pela outra parte prevendo, que se usasse de remedios violentos contra aquelle Malavar, irritaria contra si o Capitão Dinamarquez, Sibandar, e ou-

tros, fazendo mais caso da honra, do que de consequencias, que elle com sua natural destreza poderia facilmente remediar, se determinou a prende-lo.

Levado o Governador desta resolução, manda chamar o dito Malavar, prende-o, lançando-lhe machos nos pés, com intimação, que assim havia de estar até que pagasse o que devia. A' vista desta execução se exasperou o Capitão Dinamarquez, e pareceria, que tinha alguma razão, pois era natural, que não levasse a bem, que o Governador fizesse execuções em homem de sua jurisdicção; mas obrigado do medo, e respeito, se callou; e o Malavar vendo, que só com a satisfação da divida ficaria livre da prizão, pagou o que devia, e logo foi solto. Assim que o Malavar se vio livre das mãos do Governador, considerando-se não menos sobrado de colera, e afronta, que falto da prata, que tinha pago, procurou tomar vingança: convoca todos os da sua nação, que não eram poucos os que havia em Gior, e juntamente com elles vae a fallar com o Rei, queixando-se de que tinha sido injusta, e injuriosamente tratado do Governador, e pedindo-lhe, que lhe mandasse dar satisfação. Bem quizera o Rei comprazer á petição do supplicante, por quanto os da sua nação lhe eram de grande prestimo, e lucro no seu Reino, mas era tal a estimação, que fazia do Governador, que antes quiz faltar ás conveniencias proprias, que ao respeito, que se lhe devia; e assim procurando consola-los, os despedio, dizendo, que lhes não podia despachar sua petição, como pertendiam.

Vendo elles, que nada concluiam por este caminho, se foram valer do Sibandar. Fomentava este em seu peito grande desabrimento contra o Governador, e sua gente, não só pelo succedido com o Capitão João Tavares no acto da visita, e offerta ao Rei, como

fica referido no capitulo passado, do que desejava vingar-se; mas tambem, porque nenhum lucro tinha com o navio do Governador; e como era assaz cobiçoso, não levava com bom animo, não achar alli as conveniencias, que tirava dos outros barcos, com os roubos, que lhes fazia; pelo que parecendo-lhe, que tinha boa occasião para executar a vingança, que pertendia, se foi ao Rei, e lhe fallou desta sorte: «Senhor, em uma « Magestade não fazem boa união soberania, e brandu- « ra; o Principe se quizer ser respeitado, não deve mos- « trar-se remisso, dissimulando faltas, ou excessos, que « cedem em diminuição de sua authoridade: vae per- « dida a sobenania, que affectando os applausos de be- « nigna, grangea a nota de menos temida, e respeita- « da. Chegou a este porto um estrangeiro altivo, e to- « talmente opposto ás ceremonias da nossa lei, não « menos ambicioso de honra, que desapegado dos lu- « cros, e interesses dos outros Mercadores: V. Ma- « gestade com sua grande clemencia lhe tem feito hon- « ras extraordinarias, das quaes abusando elle, se tem « tornado insolente não menes no desprezo, com que « se ha com a nossa gente, que no modo de tratar-se, « com que em terra alhea se mostra independente, e « absoluto. Não fallo na soberba, e atrevimento, com « que se houve o seu Capitão no acto da visita, e of- « ferta a V. Magestade. Deixo de ponderar a altivez, e « arrogancia, com que se quer fazer temido não só- « mente dos seus, mas tambem de nós mesmos. Só- « mente digo, que se não póde passar por alto a au- « thoridade, que usurpou, castigando ao Malavar, com « notavel ofronta não só daquella nação tão beneme- « rita, e necessaria neste Reino, mas tambem do Ca- « pitão de Dinamarca. Se esta insolencia se deixa pas- « sar sem alguma exemplar demonstração de justiça « Real, os brios daquelle insolente estrangeiro se atre-

« verão a maiores cousas, com que perigue o respeito
« devido á pessoa de Vossa Magestade. E se Vossa
« Magestade proceder ao castigo contra elle, que se
« póde temer de quem se fia mais em seu atrevido
« animo, do que no braço direito, sem o qual não ha
« valentia?»

Assim discorria aquelle barbaro, não menos cobiçoso, que vingativo; mas o Rei, a quem não faltavam as prerogativas Reaes com bastante cabeça, e prudencia, não fez caso do arrezoado do Sibandar. Este vendo, que não era ouvido, procurou semear zizania, e embrulhar o Governador, não só com a gente da terra, mas tambem com os de Dinamarca, e Inglez, os quaes lhe não estavam muito affectos, quando era tão grande a dessemelhança, que havia entre elles, e o Governador, assim na Religião, e costumes, como no porte de vida, e trato de pessoa. Do que tendo noticias o Governador, desejava dar a conhecer áquelle Sibandar, que cousa fossem Portuguezes; mas não podia achar commoda occasião, porque o dito Sibandar não costumava vir ao navio do Governador, pois não achava nelle o que pertendia, que era furtar; pelo que o Governador ordenou á sua gente, que quando o dito Sibandar fosse ao barco Inglez, que não estava longe, o avisasse. Passando pois elle um dia para o dito barco, e avisado o Governador, o mandou convidar ao seu navio. Ficou o pobre passado com tal convite, e como lhe remordia a consciencia, temia apparecer diante de quem conhecia, não seria cabal a satisfação, que désse; mas era necessario apparecer. Que remedio? Toma por padrinho o Capitão Inglez, e acompanhado delle, obedeceo ao chamado do Governador. Chegado á presença deste, ouvio estas palavras, ditas com igual gravidade, e resolução: *Sabei, que a espada Portugueza é mui comprida, tanto assim, que póde chegar á*

Corte do vosso Rei, se for necessario. Bastaram estas palavras ditas com a energia, e efficacia, de que sabia usar quem as proferio, para que aquelle Malaio não fosse a diante com as embrulhadas, que fazia.

Acabado o concerto do navio a dous de Dezembro, sahio para o surgidouro, e se preparou tudo o necessario, assim para dar á véla na primeira commoda occasião, como para estar expedito para o que podesse succeder. Mas entre tanto que não partia, aconteceram outras cousas, com que o Governador se dava mais a conhecer, e a nação Portugueza. Ha em Gior uma certa casta de Malaios, a que chamam Buguis, os quaes em sendo cativos do Rei, se fazem insolentes, opprimindo o Povo, roubando, ferindo, e matando; e como trazem por rodela a sombra do Rei, ninguem se atreve a oppor-se-lhe, e fazer mal. Havia um destes na Aldea chamada Panchor, junto da qual estava surto o navio; e alli se tratava como Principe absoluto, temido, e respeitado daquelle miseravel Povo. Persuadio-se elle, que tambem com a gente do Governador poderia livremente mostrar seus atrevidos desaforos; pelo que em uma occasião, que um official do Governador comprava naquella Aldea alguns mantimentos necessarios para a gente do navio, chega este Bugui; e atravessando todo o mantimento apreçado, o levou, e mandou meter na sua embarcação, sem que algum dos que estavam presentes, se atrevesse a abrir a boca. Foi logo a toda a pressa aviso ao Governador do que passava, o qual sobindo ao tombadilho do navio, vio passar ao dito Malaio na sua embarcação com o mantimento violenta, e descortezmente reprezado, e chamando-o, elle nenhum caso fez de quem o chamava. O que visto pelo Governador, expede com toda a diligencia uma embarcação pequena em seu seguimento, o que advertindo o Malaio, põem-se em resisten-

cia, e ferindo a um dos Cafres do Governador, manda tocar a rebate na Povoação, para a qual indireitando a proa, se foi a fortalecer com os seus.

Neste passo se accendeo a coragem ao Governador, e engrossando a gente, que mandou a terra, expedindo a artelharia, que dominava a Povoação, tocando os clarins a degollar, deo sinal á gente, que tinha em terra, a que investissem com o Bugui, e todos os mais, que se pozessem em resistencia; o qual Bugui acastellando-se em um Templo de idolos, foi alli acometido, e ferido de tal sorte, que tudo nelle era sangue, ficando os da Povoação tão atemorizados, assim do que viam executado no Bugui, como do que ouviam nos clarins bellicamente sonoros, que desamparando suas casas, se foram a pôr em seguro nos matos. Foi o Malaio Bugui levado á presença do Governador, e ia o pobre mais cheio de medo, que de feridas; e posto de giolhos, e levantadas as mãos, pedia misericordia. Mas o Governador julgando, que devia fazer alguma demonstração de terrivel, com que não só quebrantasse os atrevidos brios daquella gente, mas tambem atemorizasse os mais, depois de gravemente o reprehender do que tinha feito, lhe aggravou o crime de ter ferido o seu Cafre; e pronunciando lhe a sentença de morte, fez a ficção de querer enforca-lo, mandando aparelhar os instrumentos necessarios. Acodem neste passo os dous Religiosos de São Francisco a interceder por elle, mas o Governador se mostrava uma rocha em não querer perdoar-lhe. Repetia o Malaio com toda a summissão as preces, e instavam os Religiosos com a intercessão, até que finalmente o Governador mostrando inclinar-se á piedade, lhe perdoou, e o deixou ir livre a curar-se. Chegou a noticia do caso ao Rei, e quando alguns se persuadiam, que este se havia dar por aggravado, succedeo pelo contrario,

porque mandou dar satisfação ao Governador, mostrando, que sentia se lhe fizesse tal descortezia, e juntamente lhe rendeo as graças, por ter ensinado com o castigo ao seo cativo.

CAPITULO IV

Pede o Rei de Gior soccorro ao Governador contra o Raiaquichil: referem-se as causas, e o que passou nesta materia

No capitulo primeiro fica tocano brevemente, como o Rei de Gior, chamado Raiamuda, governava por renuncia, que lhe tinha feito seu irmão maior, e que este fora acclamado por Rei depois da morte violenta, que os de Gior deram ao seu antecessor. Deste pois violentamente morto, um filho, ou verdadeiro, ou fingido, fogio para o Rei dos Manacabús, o qual tem as terras do seu dominio na Costa fronteira a Malaca, e era parente do Rei morto de Gior. Passados alguns annos, o Principe fugitivo, que tomou por nome Raiaquichil, pertendeo recuperar o Reino de Gior, com o pretexto de ser filho legitimo do Rei violentamente morto; e para este fim ajuntou alguma gente, assim do Rei dos Manacabús, como do que governava o Reino de Palimbão, que tambem se dizia seu parente; e como esta gente era pouca, e não tinha Galés, em que a meter, artificiosamente fez uma petição, juntamente com uma embaixada a Raiamuda, dizendo, que desejava ir visita-lo, e de caminho insinuava, que tinha gosto de casar com sua filha, e a este fim lhe pedia doze Galés. O Rei Raiamuda ou persuadindo-se, que não havia artificio da parte de Raiaquichil, ou desprezando o receio, que

podia ter, fiado em suas grandes forças, e nas poucas, ou nenhumas, que tinha o dito Raiaquichil, lhe mandou as doze Galés, que pedira. Mas este se apoderou logo das ditas Galés, e metendo nellas a gente, que tinha junta, acometeo a Bancules, terra pertencente a Gior, e se declarou por legitimo herdeiro, e senhor de Gior.

Chegou esta noticia ao Rei Raiamuda, e vendo, que necessitava de por-se em defensa, e não se fiando totalmente nas forças dos seus Grandes, que conhecia não terem verdadeira lealdade, buscou soccorro nos estrangeiros, e como estava para partir o barco de Dinamarca, meteo nelle um Embaixador, para que fosse pedir ajuda a Malaca; mas este já lá achou outro Enviado de Raiaquichil, que tinha ido ao mesmo fim, e nenhum delles achou o que pertendia no Hollandez, assim porque as forças daquella Praça estão mui diminutas, como tambem, porque parece julgaram astutamente os Hollandezes, que convinha deixar enfraquecer aquelles dous Principes, confórme a politica mui usada entre quem governa, cujo dictame é, buscar augmentos no proprio Estado com as fomentadas dissensóes entre os visinhos. Mas no que se estribou mais o Rei Raiamuda, foi em solicitar soccorro do Governador; por tanto mandou o Sibandar ao navio, para que da sua parte lhe pedisse, que o ajudasse com o dito navio, indo até a barra, onde désse batalha ao seu inimigo; e que para este effeito promettia dar dez cates de ouro. Ouvida a proposta, respondeo o Governador, que a nação Portugueza não era tal, que servisse por paga a algum Principe, e muito menos, que tomasse armas alugada por dinheiro; que na defensa de seus amigos, e de quem se valia della, expunha generosamente a vida sem esperança de premio, ou lucro algum temporal; que o seu navio não havia

sahir daquelle posto, senão quando ultimamente désse á véla para ir tomar posse do seu governo; mas que estivesse certo o seu Rei, que elle no lugar em que estava, faria, que nenhum de seus inimigos eutrasse, sem que primeiro pagasse com a vida a sua ousadia.

Ficou o Rei Raiamuda com esta reposta satisfeito, considerando-se seguro por aquella parte; e expedio Armada, com que desbaratasse o inimigo, que lhe seria mui facil, se achasse fidelidade no Datubandar. Por quanto o Principe Raiaquichil vendo, que não tinha poder bastante, com que acometesse a entrar pelo canal, que vae á Corte de Gior, pois não se achava com mais de trinta Galés, e essas mui mal providas de bocas de fogo, se deixou ficar por aquelles estreitos roubando as embarcações, que podia colher, até que finalmente o Datubandar de Gior o avisou secretamente, e persuadio, que levasse a diante a empreza começada, promettendo ajuda-lo; porque como elle cuidava da gente maritima, com que se guarneciam as Armadas, a qual costuma obedecer ao dito Datubandar, não tinha o Principe, que temer o grande poder do Rei de Gior. Animado Raiaquichil com a persuasão, e promessa do Datubandar, foi proseguindo a empreza, e entrando pela boca do estreito de Sincapura. Todos os moradores daquellas Ilhas, instruidos com a diligencia, e ordens do Datubandar, rendiam obediencia ao dito Principe. Tudo o qual sabido por Raiamuda, ainda alheio da aleivosa traição do Datubandar, expedio o terceiro irmão com uma Armada de sessenta Galés, entrando tres Garabus, que são embarcações Reaes, em que iam tres Cabos, todos parentes mui chegados do Rei, um irmão, outro cunhado, e o terceiro sobrinho do dito Rei.

Chegados á vista do inimigo, o envestiram, confiados no grande poder, que levavam; mas contra a

aleivosia não ha poder, que resista. Tanto que as duas Armadas se envestiram, a gente da Armada Real se lançou á agua, e foi nadando para Raiaquichil ; o que vendo os Cabos, pertenderam dar foge ás peças, e pedreiros, que bastavam para destruir a Armada inimiga ; mas nenhuma pegou fogo. E considerando-se os pobres perdidos, não tiveram outro remedio, que procurar salvar as vidas, fogindo em barquinhas ligeiras, nas quaes chegaram á Corte, levando as tristes novas ao Rei, o qual só então acabou de abrir os olhos, e entender, que nas entranhas da sua Corte tinha o aleivoso, que o entregava ; pelo que lançando logo mão do Datubandar, quiz nelle fazer exemplar castigo, matando-o. Mas o Rei velho, e irmão maior de Raiamuda, se oppoz, levado não menos do amor natural a sua filha, casada com o dito Datubandar, do que persuadido de uma prudente politica, que era obriga-lo com beneficios, para que emendasse a traição, que tinha urdido ; por tanto aconselhou ao irmão, que dissesse ao Datubandar, que lhe perdoava o crime da aleivosia, e juntamente lhe largaria o governo do Reino, para que com igual traição, vendo-se no governo, destruisse o Principe levantado. No qual partido veio o Datubandar, mas já era tarde, quando o dito Principe já estava mui poderoso.

Estando as cousas neste estado, Raiamuda não perdia as esperanças de se poder conservar no governo ; e considerando, que Raiaquichil não se apoderando da Corte, nunca poderia ser absoluto senhor do Reino, tornou a instar ao Governador, pedindo-lhe ajuda, e a este fim despachou um seu Palaciano, com rico presente, dizendo, que só com seu soccorro se poderia conservar no Reino, quando tinha já perdido as forças maritimas. Obrigado o Governador assim da necessidade do Rei, como do affecto, que lhe tinha

mostrado, se resolveo confiadamente a prometter-lhe todo o favor, e assegurar-lhe, que nenhum de seus inimigos entraria por aquelle canal a offende-lo, e desapossa-lo do Reino. Estava já o Principe Raiaquichil fóra da boca do estreito de Sincapura, com mui numerosa, e possante Armada, e pertendia, embocado o canal, fazer sua entrada até á Corte de Gior; mas julgou devia primeiro espiar o caminho, e a este fim mandou adiante algumas embarcações, as quaes chegando junto do navio do Governador, este lhes mandou dar caça, e tomando-as por força, alguns dos que nellas vinham mandou entregar ao Rei, e a dous, que entendeo o mereciam, reservou, e executou nelles a sentença de morte, enforcando-os, ficando o Rei mui contente com esta execução, e com esperanças de se assegurar no Reino; e o Principe levantado com bastante medo, e receio de que não poderia levar ao fim a empreza começada com tão bons successos.

O Datubandar traidor, que já se fazia com o Senhorio de Gior, pois tinha por si a maior parte da Corte, e o beneplacito de um, e outro Rei, velho, e moço, e só se receava do poder maritimo, que elle infielmente tinha entregue a Raiaquichil, vendo a valentia, destreza, e felicidade com que o Governador tinha prezo, e castigado a gente do Principe pertendente, procurou tambem valer-se do seu favor, e acompanhado de toda a sua Armada, se foi ao navio a visita-lo. Recebeo-o o Governador com toda a gravidade, e cortezia, fazendo por mostrar a pompa, que enchesse os olhos daquelle barbaro; e como este exteriormente se quizesse fazer parcial de Raiamuda, quando seu intento era ver se podia desbaratar a Armada de Raiaquichil, ou ao menos impedi-lo, ou dividir-lhe o poder, para que não servisse de impedimento á posse do governo, que já ia tomando, para o que era neces-

sario mandar alguns dos seus confidentes a negociar com os da Armada, que obedecia ao dito Raiaquichil; e por quanto não podia entrar, nem sahir embarcação alguma, qualquer que fosse, e para onde quer que sahisse, sem que primeiro fosse registrada pelas sentinellas do Governador, e delle recebesse passaporte, sobpena de ser preza, e castigada, assentou com o dito Governador, que as embarcações, qne elle mandasse, levassem passaporte, ou cartaz do mesmo Governador, para que na volta podessem seguramente passar. Assim estava o Governador, senhor de todo aquelle canal, e todas as embarcações com grande medo se não atreviam a andar por alli.

O Rei Raiamuda, vendo-se cada vez mais apertado, e conhecendo os favores, que tinha recebido do Governador, mandou ao seu Secretario offerecer-lhe vinte mil patacas, dizendo, que era para ajuda de custo do soccorro, que lhe dava; mas o Governador generosamente as regeitou, e sómente lhe pedio quatro cousas: a primeira, que désse licença para levantar Igreja publica, e que os Christãos podessem ter lugar, e habitação em todo o seu Reino: a segunda, que lhe enviasse todos os Christãos de varias nações, que tinha cativos, e em especial aos dous Cafres fugidos, que estavam em Palacio: a terceira, que pagasse ao Capitão Inglez dez mil patacas, que na sua Corte se lhe deviam, e não queriam restituir: a quarta, e ultima, que lhe desse seis peças de artelharia, e oito pedreiros, e bastante quantidade de polvora, e baia. Isto o que o Governador pedio, no qual ha muito, que ponderar; porque regeitando ouro, e prata, de que estava bem necessitado, só pedio aquillo que era proprio de um verdadeiro, e fiel Christão, e de um nobre, e generoso soldado; desprezou riquezas, que naquella occasião podia alcançar muitas, e só pertendeo ad-

quirir honra, e nome, negociando o culto do verdadeiro Deos, resgatando almas perdidas, e solicitando a satisfação de dividas alheas. Se aceitasse o ouro, e prata, que se lhe offerecia, mostraria, que era mercador: pedindo o que pedio, mostrou ser o que era. Só na ultima petição parece mostrou algum sinal de cobiça; mas quem considerar, que seria stolida imprudencia não procurar o que era necessario, assim para se defender do Principe pertendente, a quem tinha offendido, castigando a sua gente, como para assegurar aquelle canal, como tinha promettido, não duvidará, que foi mui honrada aquella petição, e livre de toda a cobiça.

Satisfeito o Secretario com a resposta do Governador, a levou ao seu Rei o qual considerando a muita difficuldade, e pouca honra, e segurança, com que no Reino se podia conservar, quando o Datubandar tinha já grangeado para si quasi toda a Corte, tratou de fazer uma segura retirada; e persuadindo-se, que no navio do Governador poderia ir sem medo, nem receio, até o Reino de Pam, ou Talangane, para onde queria fogir com todas as suas riquezas, que eram mais de duzentos picos de ouro, que fazem a passar de setecentas arrobas, não contando o recheio de outras muitas cousas de preço, de que se carregaram duas Chalupas, mandou dizer ao Governador, que vinha em todas as cousas, que pedia; e como elle pertendia valer-se do seu navio, e da sombra das bandeiras Reaes de Portugal, confiando dellas não só todas as suas cousas, mas tambem sua pessoa, lhe pedia licença para se ir recolher no seu navio; e se acaso não podesse isto effeituar-se, ao menos tomasse á sua conta defender duas Chalupas carregadas de fazenda, e comboia-las até o Reino de Pam, ou Talangane, da qual fazenda se tiraria o preço das dez mil patacas para se

restituirem ao Inglez. No tocante aos Christãos cativos, peças, pedreiros, polvora, e bala, não havia difficuldade, e a este fim mandou logo agluns Christãos, parte das peças, que pedira, e boa quantidade de polvora, e bala.

Vista a petição do Rei, julgou o Governador devia dar-lhe todo o favor, e ajuda, que pedia ; e a este fim enviou o Capitão João Tavares de Vellez Guerreiro, com amplas faculdades, e commissões para ajustar, assim o modo conveniente da retirada do Rei, como os meios para se satisfazerem as dez mil patacas ao Inglez. Mas como estes pontos se haviam de tratar por meio de um lingua, ou interprete, insigne embrulhador, e embusteiro, o qual attendia mais ás suas conveniencias, e furtou, do que á justiça dos negocios, de que se fazia medinneiro, e interprete, pela qual rasão não interpretava fielmente as propostas, e resoluções, o ponto não acabava de se concluir á satisfação das partes. Accrescentou-se a isto chegar á Corte a nova, que Raiaquichil vinha já entrando pelo canal, e apoderando-se do que encontrava, e o Datubandar, já como senhor da Corte, preparando-se para a defesa ; pelo que o Rei tratando de se pôr em salvo aos quatro de Março de mil setecentos e dezoito, entregou ao Capitão João Tavares os Christãos, que restavam, uma barrica de polvora, seis peças de artelharia, e naquella noite fogio, levando sómente o ouro, que tinha embarcado nas Chalupas, e juntamente um esquadrão de trezentos homens de guerra, que mais iam carregados de ouro, do que de armas, e deixando as mais riquezas nas ditas Chalupas, com as listas, que mandou entregar ao Governador, e uma, e outra cousa lhe chegou á mão, para que este tomasse dellas entrega. Mas logo, que o Rei fogio, os que estavam guardando as Chalupas, vendo mui perto a

Raiaquichil com todo o seu poder, as queimaram com tudo o que dentro tinham, para que o inimigo senão aproveitasse dellas ; comprindo-se á risca, que as cousas injustamente adquiridas, justamente se perdem, segundo regra certa da Divina Providencia.

CAPITULO V

Conta-se o que passou entre Raiaquichil e o Governador

Perdido, e fogido da sorte que se vio o Rei Raiamuda, o Governador entrou em perigos, e lances de maior consideração, porque de uma parte tinha já á vista a Raiaquichil poderoso, e soberbo, com mais de trezentas embarcações de guerra, a quem elle tinha offendido, prendendo, e matando sua gente, e lhe era mui natural o querer tomar vingança ; a fogida, além de que era dar sinal de cobardia, e medo, cousa indigna de sua pessoa, e reputação, parecia impossivel, porque havia de ser pelo meio do inimigo, que tinha occupado todo aquelle canal com muita gente, e artelharia ; e por mais valente, e brioso que seja o Leão, não póde prevalecer cercado de muitos rafeiros armados de colera, e dentes ; e finalmente acaba, ainda que seja com morte de muitos dos seus contrarios : da outra parte, posto que estava o Datubandar, que se lhe mostrava affeiçoado, não havia muito que fiar delle ; porque além de que o poder era pouco, tinha animo versatil, e não podia haver seguro em sua inconstancia, e infidelidade. O Inglez, ainda, que Europeo, era mais mercador que soldado, e attendia mais ás convenien-

cias do lucro, que aos interesses da honra, e tinha poucas forças no barco, e menos em seu animo, e nos de sua gente. No estreito de tantas angustias facilmente perderia o animo qualquer homem, que não fosse o Governador; mas elle não fazendo caso dos perigos, que bem via presentes, se preparou não menos para impedir o passo do inimigo, que para se defender.

O que faltava de medo no Governador, sobrava no Principe Raiaquichil, quando temia experimentar o mesmo, que nas suas embarcações de espia poucos dias antes se tinha executado. Mas querendo tentar fortuna, escreveo uma carta ao Governador, em que não menos dava sinal do medo, que tinha, do que mostrava despreza-lo. Pedia licença para poder entrar na Corte de Gior, e ensinuava, que sem ella entraria. A esta carta respondeo o Governador a seguinte: «Antonio de Albuquerque Coelho, &c. A Raiaquichil, General da Armada, que dizem estar fóra, que li a sua carta, e considerando em me mandar perguntar, se quero, ou não ser seu amigo; porque se eu quizer ser, me pede o deixe entrar a tomar este Reino de Gior; e senão, que nem as minhas balas poderão furar, nem as espadas cortar. Respondo, que estou neste porto com trato amigavel com o Rei de Gior, esperando a monção para ir para o meu governo da China, que será daqui a um mez; e o Capitão da Fragata Ingleza esperando a satisfação do dinheiro, que neste porto lhe devem: e que advirto a Raiaquichil, que se quizer a minha amizade, a procure por meios licitos; e que se quizer tomar este Reino, o faça depois de sahirem estes navios deste porto, porque emquanto nelle estiver, furarão as minhas ballas, e cortarão as espadas, como na occasião, se a houver, o experimentará. Panchor, 3 de Março de 1718. Esta fielmente a carta, que o Governador escreveo a Raia-

quichil, que foi dous dias antes, que o Rei Raiamuda fogisse.

A' vista desta resolução, com que Raiaquichil mostrava ter determinado entrar, e senhorear-se da Corte, tratou o Governador de se preparar o melhor que podesse; e quando as forças, que tinha, na realidade não eram bastantes para a Armada inimiga, julgou devia valer se de fingidos, e enganosos estratagemas bellicos, industria, que se lê nas historias, usaram nas guerras os mais insignes Capitães. Para este fim naquella noite dos quatro para os cinco de Março dispoz, e adereçou o navio de tal sorte, que ao outro dia, ao primeiro romper da Aurora, appareceo não menos vistoso, que terrivel aos que não sabiam da cautelosa industria com que estava preparado. Tocavam duas caixas de guerra ageitadas de dous atabales, soavam dous clarins, e um tiro de peça de maior calibre, que era de quatro, saudou a Alva, que vinha despontando. Mostrou-se logo o navio todo empavezado de bandeiras, e galhardetes, que não menos desafiavam o vento, que o inimigo; corria bataria aberta de popa a proa, gnarnecida de artelharia: duas peças pelo espelho da popa, e duas pela proa, que por todas mostravam ser dezaseis: mas a verdade é, que cinco eram de pao, mas tão artificiosamente lançadas, que enganavam os olhos; oito pedreiros, granadeiros nas gavias, e barris nos lais, fingidamente fabricados, porém dentro area, e por fora breo: dous caixões de fogo no tombadilho, e castello da proa, guarnecidos de quinhentas lanças de arremeço (que se tinham tomado ás embarcações, de que no capitulo passado se fez menção,) e fechados de boas arrombadas, cobertas de pavezes de tal sorte, que não só causou terror, e espanto aos barbaros daquella terra, mas tambem notavel admiração aos Inglezes, que visinhos estavam, e

não podiam entender, como, e donde apparecesse fragatinha tão bem esquipada.

Desta sorte preparado o Governador, esperava a Raiaquichil, quando aos cinco de Março, lá pela tarde, apparece este com a sua Armada pertendendo acometter a passagem; mas o Governador lhe expedio logo um mensageiro com intimação, que não passasse a diante, e que de outra sorte experimentaria o rigor das suas balas, e os fios das suas espadas. A' vista desta intimação abate o Principe o pano, lança ancoras, e envia cautelosamente alguns Cabos principaes da sua Armada, todos casta Buguis, ao dito Governador, assim para o divertir, e recochecer sua pessoa, e forças do navio, como para que entertendo-o, podessem passar as primeiras Galés. Foi o Governador avisado, de que os ditos Cabos vinham com todos os sinaes de Amouca (que é outra semelhante resolução á com que os dous Romanos Decios sacrificaram suas vidas á custa das mortes de muitos dos seus inimigos.) Vestiam cabaias de damasco azul, cahiam-lhe os cabellos da cabeça soltos, e largos até á cintura, singiam-se com tres crises, arma ordinaria daquella gente, traziam os olhos espantados por causa da bebida, que costumam tomar em semelhantes occasiões. Recebe-os no tombadilho o Governador, vestido de tella de ouro, assentado em sua cadeira, e descançavam os pés em um caixão de fogo; estavam em pé dous Portuguezes aos lados com catanas, e rodellas, dous, tambem Portuguezes, á entrada do mesmo tombadilho com bacamartões encarados, e apontados, e dous Lascarins com suas partasanas, e toda a mais gente com bella ordem disposta por seus lugares, e postos com mechas acezas: tudo o qual de tal sorte atemorizou aquelles barbaros Malaios, que mudando os primeiros intentos, com que vieram, julgaram, que o mais acertado caminho, era

conciliar para o seu Principe a graça do Governador; pelo que com o melhor modo, e maior efficacia, que poderam, mostraram o grande desejo, que Raiaquichil tinha de contrahir amisade, e consideração com sua Senhoria, e que a este fim traziam commissão, e poderes amplos para effeituar a dita consideração, e amizade, no modo, que a sua Senhoria mais agradasse.

Neste tempo o Inglez, cujo navio estava junto ao do Governador, começa a gritar dizendo, que as Galés do inimigo pertendiam passar; e o Governador á vista do caso se levanta em pé, e virando-se para os Malaios com não menos acrimonia, que circunspecção, lhes disse, que se fossem logo de sua presença, e dissessem ao seu Principe, que sendo elle tão falto de sinceridade, e verdade, não era digno de sua amisade, e favor; e dizendo isto, mandou logo, que se affastassem, e disparassem as peças contra as Galés, e começou-se a executar esta ordem com tal expedição, e artificio, que os Buguis passados de medo, e com toda a sumissão pediram ao Governador suspendesse a ordem, que elles asseguravam, que o seu Principe, viria em tudo o que sua Senhoria quizesse; e saltando nas suas embarcações, obrigaram ás Galés se retirassem, e tornassem atraz, e foram a surgir com o mais da Armada fóra de tiro de peça. Com acção tão artificiosa, e prudente se ganhou o Governador tal nome, e estimação, que não sómente se livrou de ficar alli morto, e vencido da multidão, mas ficou tido em grande reputação, assim o tempo, que lá esteve, como ainda agora, o qual testemunham muitos Portuguezes, que este anno passaram por Talangane, e vieram de viagem a Macau. No dia seguinte veio o interprete do Principe ao Governador, dizendo em nome de seu Senhor, que supposto Sua Senhoria não querer dar licença, para que a Armada passasse, ao

menos concedesse, que alguma gente saltasse em terra, quando disto necessitava muito o Principe. Era quasi noite, e discorrendo o Governador, que esta petição poderia ser algum ardil daquelle Principe, negou a licença, reservando para o dia seguinte o tratar-se daquelle ponto; e assim foi despedido o interprete.

Amanheceo o dia setimo de Março, quando o Principe impaciente de demoras, fez uma volta com grande parte da Armada, e desembarcando com bastante gente, pertendeo dar principio a uma Fortaleza em lugar eminente, e fronteiro do navio; e mandou dizer ao Governador, que emprendia aquella obra, para nella se fortificar contra seu inimigo o Datubandar, que não sómente lhe pertendia fazer resistencia, mas tambem acomete-lo. Bem entendeo o Governador os intentos daquelle Principe, que eram fortificar-se naquelle lugar, não tanto contra o Datubandar, quanto contra elle Governador, e dalli fazer escala, para que com o seu Exercito podesse acometer a Corte; pelo que manda-lhe logo dizer, que desista da obra, e que não dê um passo, até que primeiro se não assentem os pactos, e partidos entre ambos. Tinha já o Governador determinado de conceder áquelle Principe passo franco para a Corte, no caso, que elle guardasse amigavel correspondencia; porque por uma parte se considerava livre das obrigações do conoerto, que tinha feito com Raiamuda, quando este já era fogido, e largado o Reino, e não podia ter esperanças de o recuperar; por outra parte via, que o Reino necessariamente havia de cahir nas mãos de Raiaquichil, ou do Datubandar: este além de que era indigno de soccorro por ter sido aleivoso, e infiel, e que não tinha direito ao Reino, era sem duvida de menores forças; onde julgou ser menos mal viesse o Reino

a Raiaquichil, e que não devia impedir-lhe a entrada, deixando-o que lá se quebrasse a cabeça com o Datubandar.

Tanto que Raiaquichil entendeo, que o Governador fazia menção de concertos; e que sem estes não podia levantar a Fortaleza, lhe mandou perguntar, que partidos queria? E o Governador continuando com a sua grandeza de animo, e coração livre de cobiça, respondeo, que nenhuma outra cousa queria mais, que licença ampla, para que no Reino de Gior se levantasse Igreja publica, lugar, e habitação para Portuguezes, e aos Christãos liberdade, para se exercitarem nos ministerios da Religião: além disto, que se pagasse ao Inglez o dinheiro, que se lhe devia na Corte, e o Rei fogido se obrigara a restituir. Mui contente ficou o Raiaquichil com a proposta, não menos admirando o desinteressado animo do Governador, que alegrando-se de ter já da sua parte varão de tão genorosos espiritos; e assentando-se para passar o papel do concerto, succedeo, que um dos seus Capitães de grande valentia, e nome entre aquella gente, quiz passar com a sua embarcação; e mandando lhe o Governador que se retirasse, o não quiz fazer; o que vendo o dito Governador, ordenou se lhe assestasse uma peça de artelharia; e advertindo o Principe não menos o teimoso atrevimento daquelle Malaio, que a determinação do Governador, lança mão de uma espingarda, e fazendo pontaria áquelle seu Capitão, o atemorizou de tal sorte, que o obrigou a retirar-se.

Passou o Principe o papel do concerto, e amisade, e o mandou ao Governador por um dos seus principaes Capitães; e o Governador mandou tambem outro papel de confederacão ao Principe, e de um, e outro papel se verá o theor tresladado fielmente no

capitulo setimo fazendo-se grandes festas de salva de artelharia no acto do passar os ditos papeis do contrato. No dia seguinte passou o mesmo Principe outro papel de concerto, em que se obrigava pagar ao Inglez dez mil patacas, de que acima se fez menção, com condição, que o dito Inglez havia de ir com o seu navio, e gente ajuda-lo a conquistar a Fortaleza, que distava dalli tres leguas, e de que estava senhor Datubandar, ainda que a restituição das ditas patacas não teve effeito, pelas causas, que em seu lugar veremos. Neste dia mandou o Principe seu presente ao Governador, que correspondeo com outro, e o Capitão, que o levou, e offereceo, foi recebido com estrondosas salvas de artelharia. Não entrou porém o Governador no concerto de ajudar em pessoa ao Principe na conquista da Fortaleza, assim por julgar não convinha aquella empreza á sua authoridade, como por se persuadir, qae então realçaria mais o seu soccorro, quando sendo necessario, com bom successo o désse, não sendo a isso obrigado, como na verdade assim succedeo, e logo se verá.

Antes de chegar á Corte, estava uma Fortaleza, ainda que de madeira, mui forte, não tanto pela tranqueira, de grossissimos paos, disposta em sitio commodo, quanto pela guarnição de boa artelharia, pois tinha quatorze peças, todas de bronze, cujo calibre era de doze, dezaseis, e vinte e quatro libras; e o rio, que a Fortaleza dominava, era tão estreito, como tiro de clavina, nem podiam passar as embarcações, se não successivamente, uma depois da outra, e um quarto de legua antes de emparelharem com a Fortaleza, lhe endireitavam as proas, e chegadas a ella em igual distancia, lhes davam necessariamente as popas. Corria a couraça das peças lançada ao lume da agua, e sobia a tranqueira até meio monte, que logo se con-

tinuava até o cume, cerrado todo de mato. Da outra parte da terra fronteira á Fortaleza se estendia uma linha de quatro Chalupas bem armadas, uma com doze peças de calibre de quatro até doze libras; outra Chalupa, que jogava dez peças; e as outras duas, cada uma tinha seis. Além disto estavam por sua ordem dispostas vinte e quatro Galés, bastantemente petrechadas de armas e gente: e todo este poder, assim da Fortaleza, como das embarcações, obedecia ao Datubandar, que se tinha declarado Rei de Gior, e inimigo de Raiaquichil, a quem antes tinha elle ajudado. E na verdade as forças para se defender, e impedir ao inimigo, eram bastantes, pois só da Corte trouxe mais de quatro mil homens de armas; mas como lhe faltava o animo, e a industria militar, pouco aproveitaram.

Por causa da dita Fortaleza, Raiaquichil temia muito, e julgava por impossivel aquella passagem, e por esta razão desejava, que o braço, e forças Europeas o ajudassem, e muito mais as do Governador, o qual por justas razões, não quiz entrar na tal empreza. O Inglez com o desejo de arrecadar as suas dez mil patacas, ainda que bem contra a sua vontade, se ia aventurar, depois de significar por muitas vezes o desejo que tinha, de que o Governador o acompanhasse, posto que se não atreveo a pedi-lo claramente. Chegada á vista da Fortaleza, assim a Armada de Raiaquichil, como o barco do Inglez, apparece um mensageiro do Datubandar, com um recado deste, que dizia: Daria passo livre, e posse do Reino a Raiaquichil, se désse seguro, que não executaria castigos alguns, e perdoaria a todos aquelles, de que se tivesse por offendido. Veio este facilmente na condição, e passou logo o seguro, que se lhe pedia, e o despachou. Quando de repente apparece tremulando na Fortaleza

bandeira vermelha, e logo se dispara uma peça de vinte e quatro, cuja balla fez tal estrago na Armada, que esta se espalhou, e affastou da vista da Fortaleza, ficando todos não menos cheios de medo, que admirados, não sabendo a causa de mudança no Datubandar: mas logo se divulgou ser a causa daquella mudança, saber de certo o Datubandar, que o Governador não vinha na Armada, e que antes mandara pedir o dito seguro, persuadindo-se, que o mesmo Governador em pessoa ia capitaneando, e animando aquella Armada.

Esta noticia mandou logo o Principe Raiaquichil ao Governador, que distava dalli oito leguas, e juntamente pedia conselho do que devia fazer; e o Inglez claramente mandou pedir soccorro, dizendo, que ao menos mandasse no escaler ao Capitão João Tavares de Vellez Guerreiro, de noite com os clarins, que infalivelmente amanheceria a Fortaleza sem gente. Mas o Governador querendo ensinar áquelles Barbaros a industria militar, expedio o Capitão João Tavares ao Principe, mandando-lhe dizer, que despachasse duzentos homens espingardeiros a occupar o cume do monte eminente á Fortaleza: o qual occupado, no mesmo tempo de cima os duzentos homens, e debaixo a Armada varejassem a Fortaleza com repetidas cargas. Pareceo ao Principe, que era bom o conselho, e despachou os duzentos homens, os quaes senhoreando-se daquelle oiteiro, acharam plantados doze pedreiros com sua tranqueira principiada, e fazendo fugir a pouca gente, que acharam, deram cargas, assim dos pedreiros, como das mais bocas de fogo, que levavam, contra a Fortaleza, de tal sorte, que fizeram despejar a gente, que defendia a couraça; e o Datubandar vendo-se de cima, e de baixo apertado, desamparou tudo, fiando sua segurança da fogida, e o Principe se apoderou, assim da Fortaleza, como da Armada, e

logo pelo seu lingua de estado mandou a noticcia ao Governador, e juntamente as graças pelo conselho, que lhe tinha dado, sem o qual nada concluiria. Desta sorte ficou Raiaquichil senhor do Reino, valendo-lhe mais a direcção de uma boa cabeça, que todo o seu poder.

CAPITULO VI

Relatam-se algumas differenças que o Governador teve com os Inglezes, e outros

Nunca póde ser sólida, e verdadeira a familiaridade, e correspondencia entre pessoas de diversa Religião, e costumes; e quando falta a uniformidade nas inclinações, e modo de viver, não podem concordar os genios entre si encontrados. Mostrava-se o Governador de brios levantados, solido, e verdadeiro nas maximas da Religião Catholica, e inimigo das vis, e baixas acções da cobiça, constante defensor da sua authoridade, e grandeza, e em todas as suas obras dava claros sinaes da ingenita nobreza do seu animo. Pelo contrario os Capitães, e Officiaes dos outros barcos se davam a conhecer pelo seu modo de proceder não menos humilde, que pouco ajustado ás leis da verdadeira Christandade. No negociar por meios baixos, e vis, procuravam suas conveniencias, e os dotes da nobreza, e generosidade pouco, ou nada resplandeciam em suas acções. Esta differença de uns, e outros, que ao lume natural, e da razão, ainda entre Barbaros, se não está totalmente offuscado, se dava bem a conhecer, e o que conciliava de respeito ao Governador, diminuia de estimação aos dous Capitães

Inglez, e de Dinamarca. Por esta causa o dito Governador, ainda que delles era temido, não lhes levava as attenções do affecto. Acrescentou-se a isto a alienação, que delles teve um forasteiro, todo reverentemente addicto aos obsequios do Governador.

Morava em Gior um Grego de nação, chamado Lazaro David, bem quisto, e aceito do Rei Raiamuda, o qual lhe tinha dado para consorte uma Dama do seu Paço, e o occupava em cousas do seu serviço, não menos honradas, que lucrosas. Este, tanto que o Governador entrou no porto de Gior, contrahio com elle amisade, e se offereceo para o que lhe fosse necessario, e punha por obra a vontade, que lhe tinha mostrado, e offerecido de o servir; especialmente declarava ao Rei a grande differença, que havia entre Portuguezes, e Inglezes, Catholicos, e Hereges, e louvava muito ao Governador de desinteressado, e alheio dos vicios, e baixezas dos ditos Inglezes, e Dinamarquezes; e os informes deste Grego foram grande causa, para que o Rei Raiamuda fizesse tanta honra, e estimação do Governador. Não ousavam os dous Capitães obrar alguma cousa contra o Grego, mas conservavam em seu animo o desejo de vingança, até que se offerecesse occasião, a qual finalmente teve o Capitão Inglez.

Lazaro David, quanto que vio, que Raiamuda não podia perseverar no Reino, e que Raiaquichil se ia apoderando de tudo, procurou de se pôr em salvo, e assegurar sua pessoa, e casa, quando sabia mui bem, que com a mudança do governo entre aquelles Barbaros não sò o Rei desapossado experimenta ruina, mas tambem seus validos. A este fim se meteo em uma Chalupa de Chinas mercadores, que naquelle porto estava junto da Fortaleza, com perto de duas mil patacas, e outros moveis de casa, com sua consorte, e dous criados, julgando, que alli por mais desconheci-

do, e escondido, estaria seguro. Mas não lhe valeo esta prevenção, porque tomada a Fortaleza, como se vio no Capitulo passado, os Inglezes querendo aproveitar-se da occasião, se pozeram a roubar as embarcações, que acharam ; e como dessem na dita Chalupa de Chinas, encontraram, e conheceram a Lazaro David, que estava mui doente, e de cama ; e posta de parte a compaixão, que elle pedia, o prenderam, e a mulher, a quem contra as leis da reverencia, e piedade devida áquelle sexo, furtaram as joias, que tinha, e os levaram a todos para o seu barco, roubando-lhes o melhor, e mais precioso, que acharam.

Chegou esta noticia ao Governador, que estava tres leguas distante. e movido não menos da compaixão, e affecto, que lhe merecia Lazaro David, que da deshumana crueldade daquelles Hereges, despachou ao Capitão João Tavares, a que requeresse ao Capitão Inglez a entrega de Lazaro David, e suas cousas. Estava o Capitão Inglez mui soberbo, assim por causa da vitoria na tomada da Fortaleza, a que elle mui pouco tinha concorrido, quando a principal causa daquella vitoria tinha sido o Governador, como satisfeito, e cheio não tanto da graça do novo Rei, como das prezas das embarcações, que tinha roubado, e respondeo ao Capitão Tavares, que nem trinta Governadores tirariam do seu barco ao dito Grego. Eram onze horas da noite quando chegou esta reposta ao Governador, o qual considerando, que sobre a razão de piedade, e misericordia, que devia ao afflicto Grego, se lhe acrescentava de novo a obrigação de desafrontar sua authoridade, e pessoa offendida com tal reposta, esteve quasi com impulsos de levar o navio, e ir em pessoa castigar o atrevimento daquelle Herege ; mas moderando os impetos da coragem com os lenitivos da prudencia, julgou devia primeiro tentar meios, com

que antes conciliasse o novo Rei, e não o irritasse, o qual justamente se poderia dar por offendido, vendo que dentro do seu porto o Gonernador fazia justiça em um homem, que o tinha ajudado na tomada da Fortaleza, sem que primeiro lhe desse parte.

Pelo que tomando mais acertada resolução, envia o Capitão Tavares, acompanhado de tres homens, e bem instruido de accommodadas direcções ao novo Rei, para que lhe désse noticia de tudo o succedido, e pedir-lhe, que não levasse a mal, se o Governador no seu porto, e quasi em sua presença castigasse as descortezias, e insolencias do Inglez. Eram duas horas da noite quanho o Capitão Tavares chega ao Gorabo do Rei, que estava dormindo, e os guardas o despertaram, e lhe disseram o que passava entre o Inglez, e o Governador, e o que este requeria. Ficou o Rei assnstado, porque como não tinha ainda pacifica posse da Corte, não queria offender alguma das partes com que engrossasse o partido contrario; mas considerando, que lhe era mais conveniente ter da sua parte antes ao Governador, que ao Inglez, despachou a um Horamcai, titulo grande entre aquelles Malaios, pedindo ao Capitão Tavares se socegasse, e assegurando-lhe, que o Inglez havia de dar a devida satisfação, sobpena de lhe não valer a immunidade do porto: e juntamente despachou ordem ao dito Inglez, que entregasse ao Capitão Tavares o que o Governador requeria, e que estivesse certo, que fazendo o contrario, elle lhe não poderia valer contra a justa indignação do Governador.

A' vista desta resolução do Rei não pode o Inglez negar o que se lhe demandava, e assim entregou Lazaro David, e sua mulher ao dito Capitão, e como aquelle vinha gravemente doente, o Governador usou de caridade, procurando que o curassem, o que se fez

quanto o tempo, e lugar permittiam. Tratou logo o Grego de recuperar a sua fazenda, que o Inglez lhe tinha roubado, valendo-se do mesmo Governador, a que ajudava muito a authoridade do Governador. Mas o Inglez vendo, que o obrigavam a largar o que já se tinha injustamente appropriado, procurou malquistar ao Rei com o Governador, assim por via do seu interprete, como por alguns da comitiva do mesmo Rei; e a primeira cousa, que pertendeo, foi como Herege, que era, fazer que o Rei revogasse a licença, que tinha dado, para que no seu Reino se levantasse Igreja; e a este fim usou de todo o artificio, que pode, desacreditando os Catholicos, e em especial ao mesmo Governador. Chegou a este a noticia do que urdia o Herege, e attendendo, que já não ia sómente a restituição do que se devia ao Grego, e o credito de sua pessoa, mas tambem, e principalmente a honra Divina, e da Religião Catholica, não pode dar maiores largas á paciencia. Manda desafiar o Inglez, e logo largar véla, e levar o navio até onde estava ancorado o Herege Inglez, que era junto da Fortaleza, o qual com a noticia, e medo de quem vinha sobre elle, lançou a fogir, e se foi meter junto dos Palacios do Rei, para que com a sombra deste não podesse ser acometido. Mas se agora lhe valeo a protecção Real, pouco lhe aproveitou passados alguns dias, para que não fosse morto violentamente, e o seu navio com a mais gente sentenciado ao Fisco, mas finalmente livre por intercessão do Governador, como em seu lugar se verá.

A restituição das cousas roubadas ao Grego, não se pode totalmente fazer; porque como o roubo tinha sido entre a confusão de muitos, que em semelhantes casos costumam acontecer, e cada um se apodera do que acha, não foi facil de averiguar em cujas mãos estivesse a preza. No Capitulo oitavo se verá, como

pelos successos que alli se relatarão, o barco Inglez por ordem de Raiaquichil foi entregue á disposição do Governador, o qual mandou se restituisse a Lazaro David o que se lhe tinha roubado; e feita a diligencia, se lhe restituio o que alli se achou, que não foi tudo o que lhe furtaram, mas só o que sem estrondo, e violencia se pode achar, dissimulando o Governador algum tanto com a opprimida gente do Inglez, e não querendo acrescentar oppressão a oppressão.

CAPITULO VII

Toma o Governador solemne posse do lugar para a Igreja

Os empenhos do Herege Inglez, referidos no Capitulo precedente, accenderam mais a piedade do Governador, e desejo de logo tomar posse do lugar promettido para a Igreja. O que fez aos 25 de Março, como logo veremos, depois de lançar aqui fielmente tresladados os papeis authenticos do contrato, ou concerto entre Raiaquichil, e o Governador. O papel de Raiaquichil dizia assim: «Em «nome de Deos Amen, 1130 annos Amen, aos 7 de «Março dia bom, baixo delle, eu El-Rei, servidor de «Deos, em seu nome, e meu pai, que sou filho de El-«Rei Macamorom, já defunto, e eu seu legitimo her-«deiro, criado em casa de El-Rei Menancabo, meu avô, «em baixo de um monte verde de El-Rei Macaduli «Rehan de Parituan Hian Satty monte verde, que me «mandou de lá, e navegando pelo mar, vim em de-«manda do Reino de meu pae, mandado pelo dito meu «avô para o meu Reino, com toda sua Armada, Ca-

«bos, e gente, de que se compõem, todos vassallos de «El-Rei Menancabo meu avô, e neste mar obedecido «de todos os que habitam em suas praias pela reco-«mendação, que o dito Rei meu avô fez á dita Arma-«da, me mettesse de posse do dito Reino de Gior, e «Pam, e fosse por elles acompanhado assim por terra, «como por mar; e vindo para este porto de Gior, en-«contrei nelle ao Senhor Governador e Capitão Gene-«ral da Cidade de Macao, surto na povoação chamada «Panchor, me vali delle, para que me permittisse en-«trada, e em tudo me ajudasse como a irmão, e com-«padecendo-se de mim, e reconhecendo era eu o le-«gitimo herdeiro do Reino, se inclinou a favorecer-me, «pedindo-o eu Principe, como o dito Senhor Gover-«nador me deixasse entrar na Corte de Gior, lhe pro-«metti guardaria amisade com o seu Rei de Portugal, «e que lhe dava este juramento, eomo se fosse a «mesma pessoa Real do seu Rei, para que o dito Se-«nhor General me ajudasse em tudo, como valido do «seu Rei, para que elle tambem se obrigava ao mesmo, «para com a nação Portugueza, o que tudo juro ao «dito Senhor General, como Principe, que sou, e que «não ajudasse Deos na guerra, nem na paz, a quem «este juramento quebrasse; e como esta é a aliança, «que prometto ao dito Senhor General, lhe permitto «liberdade de sua Igreja neste Reino, e que poderá «para o anno mandar Padre de sua Lei, e esta é a «segurança, que faço ao dito Senhor General por esta «minha chapa Real, &c.»

Até-qui o papel, que passou o Rei Raiaquichil, firmado, e sellado; ao qual correspondeu o Governador com o seu na fórma seguinte: «Antonio de Albuquer-«que Coelho, Fidalgo da Casa d'El-Rei meu Senhor de «Portugal, e seu Governador, e Capitão General da «Cidade de Macao, e suas Fortalezas no Imperio da

«China, &c. Pelo trato amigavel, com que chegou a
«este porto do Reino de Gior o Principe Raiaquichil,
«herdeiro do dito Reino, tendo já conquistado a maior
«parte delle, por estar de posse outro Rei, que dizem
«lhe não tocava, achando-me eu nelle de invernada,
«por não poder vencer a monção para o meu governo,
«respeitando tanto a minha assistencia no dito porto,
«que se não resolveo a tomar a Corte do dito Reino,
«em cujo rio eu estava, sem que commetesse comigo
«os partidos seguintes, de querer tratar verdadeira
«amisade com El-Rei meu Senhor, promettendo no
«seu Reino Igreja, e todo seu favor, e amparo a ella,
«e franca passagem para os navios Portuguezes, que
«ao dito seu Reino chegassem, tratando como vassal-
«los d'El-Rei meu Senhor, a quem promettia verda-
«deira, e leal irmandade, na fórma que entre pessoas
«Reaes se costuma, tudo a fim que eu lhe désse franca
«passagem, e o defendesse em qualquer invasão, que
«os inimigos lhe quizessem fazer, emquanto não che-
«gasse a monção para ir para o meu governo: em
«consideração de tudo o que, e reconhecendo, que
«El-Rei meu Senhor, que Deos guarde, levaria bem
«favorecesse eu ao dito Principe, segundo o trato,
«que promettia pela sua chapa, sellada com seu Real
«sello, de que já fico entregue, lhe passei este para
«firmeza tambem, de que o dito Senhor o aceitará de-
«baixo de sua Real protecção. Dada no Reino de Gior,
«e por mim assinada, e sellada a 7 dias do mez de
«Março de 1718 &c.»

Estes os papeis dos concertos, passados entre o Governador, e Raiaquichil, pelos quaes nem este podia negar o promettido, nem aquelle deixar de fazer o que devia para cousa, que cedia tanto no augmento da honra Divina, e Religião Catholica; pelo que mandou avisar ao Rei, que queria tomar posse do lugar

para a Igreja, especialmente vindo-se chegando o tempo, em que podia partir para Macao. Nenhuma difficuldade mostrou Raiaquichil, ainda que o Inglez, e outros se oppunham ; e cortezmente mandou dizer ao Governador, que lhe perdoasse não assistir elle em pessoa com toda a sua Corte á solemnidade da posse, por quanto as guerras, com que ainda estava occupado, lhe não davam lugar a se achar presente, mas que mandava o lingua, e Cacapo de Estado, (embarcação Real, de que usa o Rei) no qual o Governador podesse commoda, e honradamente desembarcar ; e juntamente mandou determinar o lugar para a Igreja, que o mesmo Governador escolheo não menos alegre, e recreativo, e com as conveniencias necessarias para a Igreja, que proprio, e com as comodidades, que requeriam os barcos, que alli fossem ; era este junto da Povoação de Giorlama.

Giorlama dista duas leguas da Povoação de Panchor, para a bocca da barra, e desta está quatro leguas. Tem bom fundo, e bastante povoação. É lugar ameno, não menos pela abundancia de boa agua, que pelo aprasivel do terreno, mui fertil, por esta causa antigamente foi Corte dos Reis de Gior ; e ainda conserva a cava, que em circuito tem tres leguas, e por onde podem navegar embarcações. De sorte, que aquella porção de terra faz uma Ilha torneada, capaz para nella se fundar uma Cidade, não menos fermosa, que forte, pois no meio tem um monte, donde mana uma perenne fonte de boa agua, no qual monte se póde fabricar uma Fortaleza, que egualmente defenda a terra, e o porto. Tem mais este lugar uma excellencia, e é, que em todo aquelle dilatado canal, que corre da bocca da barra até a Corte , é o de melhor surgidouro, e o mais seguro, e capaz, onde qualquer embarcação, por maior que seja, póde receber com-

petente carga: e por esta causa costumam os barcos vir da Corte com pouca carga, e tomar alli a mais, de que necessitam. Tendo pois este lugar tantas conveniencias, julgou o Governador, que era o melhor, e o mais accommodado para nelle se fundar Igreja, attendendo não sómente á commodidade do Sacerdote operario, que alli residisse, mas tambem á conveniencia dos barcos Portuguezes, que lá quizessem ir.

Resplandeceo o felicissimo dia 25 de Março, em que o Divino Verbo, fazendo desposorios com a natureza humana, tomou pessoalmente a desejada posse da perdida terra de Adam, e seus descendentes para a libertar do cativeiro do demonio, a que estava sogeita, e santificar, ajuntando-se-lhe com o vinculo mais estreito, que podia. Este dia julgou o Governador ser o mais proprio, e a proposito para tomar posse daquelle lugar, para Deos, e para a Igreja Romana, e santificar aquella terra immunda já com os espurcos ritos de Mafoma, já com os abominaveis sacrificios dos Idolos, exaltando nella o Real Estandarte da nossa Redempção, e fazendo se offerecesse o purissimo Sacrificio do Immaculado Cordeiro. Neste dia logo pela manhã o Reverendo Padre Capellão Fr. Thomaz de São Joseph, Religioso Capucho da Provincia da Madre de Deos com o Capitão João Tavares de Vellez Guerreiro, se foram a terra no Cacapo de Estado do Rei, e levantaram um Altar com a maior decencia, que podia ser, ornando-o de peças de seda, e finos panos da Costa, arvoraram o Sagrado Estandarte da Cruz, e da outra parte a bandeira das Reaes Armas de Portugal; e estando tudo preparado, com assistencia da maior parte da gente da nao, se principiou a Missa a som de clarins, caixa, e salvas de artelharia, o qual festivo, e estrondoso applauso se repetio ao levantar da Hostia, e Caliz, e no tempo de acabar a Missa, respondendo

igualmente o navio com alegre, e sonora salva. Acabada a Missa, se dispoz uma devota Procissão, mais vistosa pela piedade dos que a formavam, do que pelo pequeno concurso, e variedade de gente, que tinha, e a fizeram mais plausivel os clarins, caixa, e artelharia com sua varia, e estrondosa harmonia.

Desta sorte se tomou posse daqeelle lugar, lançando nelle fundamento um Catholico, e piedoso desejo da propagação da Fé de Christo. Mas dirá algum, cuja inclinação é mais para notar as Apostolicas acções, do que para imita-las: E que prudencia é, tomar posse daquelle lugar, e deixar nelle arvorada a Santa Cruz, e sem bastante esperança de que alli se levante a Igreja, antes com grande fundamento, de que o Sacrosanto instrumento de nossa Redempção será ultrajado daquella infiel, e barbara gente? Principiar emprezas, cujos acertados fins se não podem prudentemente esperar, mais é temerario appetite de gloria, do que deliberação de maduro conselho. Estes, e outros discursos fará quem mais imitar a aranha, fazendo veneno das flores, do que a abelha, que chupando as mesmas flores, as converte em doce mel; e mostrará, que degenera do Apostolico zelo dos antigos Portuguezes, do tempo do nunca assaz louvado Infante D. Henrique, primeiro descobridor das conquistas, até aquelle por anthonomasia empenho da piedade Christã D. João III, dos quaes antigos Portuguezes, uma parte dos generos, que levavam nos navios, eram Cruzes, que levantavam, e deixavam nas terras, que descobriam, testemunhando com esta acção, que a posse que tomavam daquellas terras, mais era em nome de Deos, e da Igreja Romana, do que do seu Rei. Continuem os Portuguezes deste tempo com o antigo zelo dos antepassados, e levantar-se-hão as Cruzes sem medo, de que se deitem por ter-

ra. Mas quando os intentos todos atiram a lucros temporaes, e nada aos interesses da gloria Divina, e Portugueza, tanto assim, que para que aquelles se não diminuam, falta em muitos barcos Capellão, com evidente risco da salvação de muitos, se nas terras dos infieis se não levantam, nem deixam Cruzes, ficam lá em seu lugar maos exemplos.

CAPITULO VIII

Patrocina o Governador os Inglezes, e o seu barco

Sempre um animo generoso encontra occasiões, em que faça alarde de sua magnanimidade, e benevolencia, sem que offensas recebidas lhe sirvam de remora. No Capitulo VI, vimos o Governador acceso em justa colera contra os Inglezes, neste o veremos benigno Protector dos mesmos Inglezes. Andavam estes demasiadamente fogosos, procurando arrecadar as dez mil patacas, que lhe deviam: não se dava da parte dos Malaios a diligencia, que elles queriam, quando por uma parte a ravolta das guerras, e por outra o apego daquella gente ás cousas alheias, serviam de notavel impedimento á devida satisfação, especialmente, que o Rei fogido Raiamuda, e o seu Sibandar tambem fogido, eram os que receberam, e deviam as dez mil patacas; e fazia-se difficultoso ao novo Rei, ou á sua gente, pagar o que não tinham recebido. Accrescentou-se a isto, que Lazaro David, já melhorado da sua enfermidade, pugnava, e fazia toda a diligencia dentro da mesma Corte, para que os Inglezes lhe restituissem tudo o que lhe tinham roubado; e como estes não déssem satisfação á parte,

serviram de exemplo aos Malaios, para que tambem não restituissem o que deviam.

Estando desta sorte de parte a parte os animos inquietos, e revoltosos, era chegado o tempo de o Governador se partir para Macao, pelo que avisou o Raiaquichil da intenção, que tinha de logo largar véla para ir tomar posse do seu governo. O Principe com esta noticia despachou o seu lingua no Cacapo de Estado, para conduzir ao Capitão João Tavares a Palacio, que em nome do Governador havia fazer as despedidas do dito Principe, ou novo Rei. Eram sete do mez de Abril, quando o dito Capitão Tavares, acompanhado dos Portuguezes Antonio Rodrigues, e Paschoal de Sousa, e do Grego Lazaro David, bastantemente preparados para o que podesse succeder, pois as desconfianças, e pouca fé dos Herejes Inglezes requeriam toda a cautela, encaminhou para a Corte, onde chegado, foi recebido do Rei com notaveis demonstrações de agrado, e cortezia: e logo fazendo a despedida em nome do Governador, insinuou os motivos, que o obrigavam a continuar a viagem interrompida, e de caminho não deixou passar em silencio não menos os embustes do Interprete dos Inglezes, que as desarrezoadas desconfianças dos mesmos Inglezes. Ao que respondeo o Rei com uma oração mais chea de affecto, e reverencia, do que de eloquencia. «Finalmente (dizia elle) já me quer desamparar meu irmão «maior, o Governador: mal posso declarar meu sen«timento, quando vejo me vae faltando o amparo de «tão nobre, e fiel amigo, cujo generoso animo ia eu «com o tempo cada vez mais conhecendo. Oh se fosse «possivel, que elle me concedesse mais tempo, em «que eu podesse mostrar os primores de meu agra«decimento! Juntamente provaria com as obras, que «nunca dei credito ao que seus emulos me disseram;

«mas agora de algum modo mostrarei, quão alheio «foi sempre meu animo de crer alguma cousa, que «fosse, nem ainda de minimo desdouro de meu irmão «maior o Governador». E dizendo isto, mandou, que viesse á sua presença o Interprete dos Inglezes.

Chegou o dito Interprete, acompanhado do seu Capitão, e outro Inglez, e juntamente quatro marinheiros, todos armados; e postos na presença do Rei, começou este a reprehender o dito Interprete, afeando-lhe a aleivosia não menos nas obras, que nas palavras, com as quaes pertendera offuscar a honra do Governador, e obrigar a sua Real pessoa, a que lhe désse credito; mas o Interprete, que era um insigne architecto de embrulhadas, negava tivesse dito cousa alguma contra o Governador, e apertado com a relação das mesmas palavras, que elle tinha dito, recorria á falta da memoria, dizendo, que se não lembrava de ter dito a tal cousa. Finalmente o Rei depois de reprehender asperamente ao dito Interprete, se virou para o Capitão Tavares, e lhe disse, que não procedia a mais contra aquelle vil homem, assim porque era prudencia não fazer caso dos ditos de semelhante gente, como porque tinha por certo, que a generosidade do Governador se daria por justamente offendida, vendo que por sua causa se tomavam empenhos, não menos para averiguar verdades da bocca de um embusteiro, que para tomar delle a ultima satisfação; o que então compria era, que supposto ser aquella a ultima despedida, convinha mostrar se não esquecia do que promettera ao Governador ácerca de satisfazer ao Capitão Inglez as dez mil patacas; mas porque achava não ser tanta a divida, quando o dito Capitão já tinha recebido algumas cousas em satisfação, julgava, que na varanda do seu Conselho se tratasse do ajuste, e se determinasse o que se lhe devia pagar:

e dizendo isto, assim ao Inglez, como aos demais, mandou se ajuntassem no dito Conselho, e ao Capitão João Tavares pedio, que assistisse no mesmo Conselho, assim para que com a sua authoridade se tratasse o negocio mais pacificamente, e fizesse executar a satisfação á divida de Lazaro David, como tambem porque entre tanto queria preparar algum sinal de sua lembrança, para offerecer ao Governador.

Despedido da presença do Rei o Capitão João Tavares, se encontrou logo a poucos passos andados fóra da sala do Rei com os Inglezes, que o esperavam, e todos juntos tiveram entre si varias disputas; mas o Interprete foi o que se adiantou com o Portuguez Antonio Rodrigues; e como de parte a parte se accendesse a colera, um Inglez, que junto estava, disparou uma escopeta contra o Portuguez, e como ao ferir do fuzil, este desviasse algum tanto o corpo, lhe passaram duas balas a espadoa esquerda. Irritado o Portuguez da dor, que sentia, tira com toda a pressa de um bacamarte, com que em o Malaio, que estava mais perto, empregou um tiro com tal successo, que não chegou a um quarto de hora, que não morresse. Neste tempo o Capitão João Tavares tinha bastante em que se occupar, com que não pode advertir, e muito menos remediar o que passava entre o Portuguez, e o Malaio, por quanto se empenhava em reprimir ao Capitão Inglez, que ia tirando uma pistola do cinto. Ao estrondo dos tiros acodio a guarda Real, e vendo o Portnguez ferido, foi logo dar parte ao Rei, gritando a altas vozes: Inglezes traidores, matadores da gente do Governador. Altamente penetraram estas vozes o coração do Rei, com que accelerado, ou arrebatado saltando do throno, desembainhou o cris, que tinha na cinta, e chegando á porta da sala, mandou que

todos os Inglezes fossem mortos, e a gente do Governador levada á sua presença.

A' vista desta Real ordem se levantou uma notavel confusão naquelle lebirintho de animos, e corpos desasocegados. De uma parte os Malaios, que pela maior parte eram Cabos militares, terriveis com lanças, catanas, e crises, e muito mais com o odio contra os Europeos, especialmente Inglezes, clamavam se dividissem os Portuguezes dos Inglezes. Da outra parte os Inglezes, ainda que no animo estivessem divididos dos Portuguezes, então com os corpos se uniam a elles, para assim secaparem da morte, de tal sorte, que uns se não podiam separar dos outros. Faziam os Malaios envestida a algum, e este se defendia, gritando: General, General, e com tão bom successo, que logo ficava livre, e vendo todos, que a palavra *General* era o melhor, e mais seguro escudo contra os Malaios, e para livrarem da morte, começaram todos a gritar: General, General. Os Malaios perturbados com taes vozes, não se podiam determinar á execução da ordem Real, até que conhecendo ao Capitão Inglez, com o qual se não podiam enganar, envestiram com elle. Estava elle abraçado com o Capitão João Tavares, de cujos braços, e protecção esperava remedio em tão evidente perigo; nem se enganava de todo, porque o dito Capitão Tavares não menos generoso, que compassivo, fez todo o esforço para livrar da morte aò Inglez, com notavel risco de ficar juntamente com elle morto. Mas como os Malaios eram muitos, com grande força, e violencia, òbsequiosos aò mandato do seu Rei, tiraram ao Inglez dos braços do Capitão Tavares, e o mataram a crueis lançadas, ficando só aquella principal Cabeça dos Inglezas sacrificada victima ao furor Malaio.

Morto desta sorte o Capitão Inglez, foram todos os

mais com o nome de gente do Governador levados á presença do Rei, o qual com singulares mostras de sentimento do successo recebeo carinhosamente ao Capitão João Tavares; e vendo logo, e palpando a ferida do Portuguez, se accendeo mais contra os Inglezes, e pronunciou sentença de coufiscação do barco, e fazenda Ingleza, e morte da mesma gente. Neste caso o Capitão Tavares fazendo alarde de seu animo não menos pio, que esquecido de aggravos, pedio com grande instancia ao Rei, suspendesse a execução de sua sentença, até que della se désse noticia ao Governador. Porque, dizia elle, o affecto, que o Governador merece a Vossa Alteza, pede que esta sentença se não dê á execução, antes de ser revista pelo mesmo Governador, como parte principal, e mui interessada, quando por sua ingenita nobreza, e piedade é obrigado a patrocinar muitos dos sentenciados, assim por innocentes, ou menos culpados, como por homens da mesma lei, que elle professa; e é justo, que Vossa Alteza não cause esta molestia a quem se reconhece tão obrigada, e affectuosa. Mostrou o Rei custar-lhe o haver de suspender a execução da sentença, mas era lance de animo generoso, e agradecido, o suspende-la; pelo que annuindo ao postolado do Cãpitão Tavares, respondeo, que em obsequio de seu irmão o Governador, lhe mandava aviso e, esperava sua reposta; e a este fim expedio o seo lingna de Estado ao dito Governador, para que em seu nome lhe désse noticia do succedido, e lhe pedisse, que désse por bemfeito tudo o que se tinha determinado em castigo do grande atrevimento daquella gente.

Neste tempo chegaram os guardas ao Palacio, trazendo prezo ao Inglez, que tinha feito o tiro acima referido contra o Portuguez Antonio Rodrigues, e juntamente levavam a noticia de que o Interprete dos In-

glezes ficava morto em uma palhota. O Rei mandou logo, que fosse morto o dito Inglez; mas intercedeo o Capitão Tavares, pedindo lhe fizesse o favor de lhe entregar aqnelle Inglez para o presentar ao Governador, e veio nisso o Rei; e como os Malaios assim do Palacio, como da Armada, andavam alterados com o successo, mandou o Rei ao Capitão Tavares, fosse para o barco Inglez com seu companheiro Antonio Rodrigues, e Paschoal de Souza, e mais gente, que pertencia ao dito barco, para que entre tanto, que vinha a reposta do Governador, patrocinasse, e defendesse aos Inglezes contra a violencia dos Malaios, o qual logo fez o dito Capitão, e achou os pobres Inglezes tão quebrados de animo, e cheios de medo, que mal se póde explicar; os quaes quanto que viram em sua presença ao Capitão Tavares, se abraçaram com elle pedindo-lhe misericordia. Foram tambem mais de duzentos Malaios a meter-se de guarnição no dito barco, esperar pela resolução do Governador. Tudo isto atemorizou de tal sorte ao Piloto Inglez, que julgando devia meter sua petição ao mesmo Governador, lhe escreveo a seguinte carta, tresladada fielmente do original, que dizia assim: «Senhor General. Me vejo em «grande trabalho: espero em Vossa Senhoria, que «me acuda, porque esta tarde me quizeram dar sa«que, e o Capitão João Tavares em nome de V. Se«nhoria, e o delle, quiz Deos, que livrei, e toda a gen«te deste barco; e assim peço a V. Senhoria pela «grande amisade, e entrada, que tem com El-Rei, pe«ço muito de favor queira ajudar-nos, e favorecer; «pois de presente o seu Capitão livrou a minha gente «de hoje não ser toda morta, e eu tambem livrar-me, «foi por elle se obrigar estar neste navio, ou para «bem dizer, chalupa; e o que ordenar o Seuhor Ca«pitão, fico sempre como obrigado. Bordo, cujo favor,

«que receber, ficarei confessando. Guarde Deos a V. «Senhoria. Sevidor de V. Senhoria Recli Vvallis. Thom. Frason.» Atéqui a carta, que escreveo o Piloto do barco, em que estava.

Sabendo o Governador o que passava, e compadecendo-se não menos do Piloto Inglez, que se valia delle, que dos mais Christãos, fallou ao Interprete, dizendo-lhe, que em seu nome pedisse ao Rei, que revogasse a sentença, especialmente não tendo aquelles pobres culpas, pelas quaes merecessem tão grave castigo, quando já os dous mais culpados tinham pago com as vidas, e que soltasse o Inglez prezo. Ouvida pelo Rei esta petição, ou requerimento do Governador, respondeo, que concedia tudo o que se lhe pedia, com condição, que elle Governador passasse um papel firmado, e sellado, pelo qual promettesse, e se obrigasse a não favorecer, e ajudar aos Inglezes contra elle Rei, e que os ditos Inglezes cedessem do direito, se algum tinham, ás dez mil patacas, que elle Rei se obrigara a pagar: e que elle Governador tomasse á sua disposição o barco, e lhe puzesse Capitão, como julgasse. Sabida pelo Piloto esta resolução, escreveo ao Governador a seguinte carta:

«Senhor General. O Capitão de V. Senhoria es«creve sobre nosso particular, e esperamos na gene«rosidade de V. Senhoria, nunca haverá cousa, que «dê desaire á sua pessoa, pois esperamos, que com a «reposta de V. Senhoria como para nossa redempção, «pois confessamos tão obrigados, como se fosse o mais «sogeito de V. Senhoria, pois nos tem libertado as vi«das, navio, e o que nelle está, e que os agradecimen«tos espero dar a V. Senhoria pessoal, que para isso «é necessario o papel, e petitorio de V. Senhoria «com El-Rei; e pedimos a V. Senhoria faça isto com «brevidadde, porque não estamos aqui seguros, e de

«tudo quanto V. Senhoria tem ouvido de mim, foi «tudo embrulhadas, e de tudo darei a V. Senhoria «satisfação em presença, pois tenho muita vontade de «ver a V. Senhoria, e tenho saudade; e no mais Deos «guarde, &c. Bordo 9 de Abril de 1718. De V. Se«nhoria os mais humildes servos, e leaes. Recli Vval«lis. Thom. Frason.» E' aqui digno de admiração, que sabendo aquelles Malaios, que estavam de guarda no barco Inglez, que o Governador intercedia pelos Inglezes, sem esperar ordem do seu Principe, largaram o barco, sem que lhe roubassem cousa alguma, que é assaz encarecimento do respeito que tinham ao Governador, ficando os Inglezes notavelmente admirados; mas não se dando ainda por seguros, pediram ao Capitão Tavares, os não desamparasse; o que elle fez até que foi chamado do Rei.

Entendida pelo Governador a determinação do Rei, e que o Piloto Inglez, e os outros do seu barco, para se livrarem do perigo, e vexação, em que estavam, vinham no que o Rei queria, julgou devia passar o papel, que Raiaquichil pedia, na fórma seguinte:

«Antonio de Albuquerque, &c. Por quanto El-Rei «deste Reino de Gior, que Deos allumie (o qual tem «ligado amisade comigo, em nome pe El-Rei meu Se«nhor de Portugal, que Deos guarde, permittindo «Igreja, e liberdade Catholica Romana em todo seu «Reino, de que tenho tomado posse) perdoou as vidas «a todos os Inglezes da chalupa Successo, e largou a «dita chalupa, fazenda della do Fisco, em que tinha «incorrido pelo crime, que commetteo o Capitão, e «Jerubassa da dita chalupa, já defuntos, querendo «nas portas do Palacio matar a tiros o meu Capitão, «que tinha mandado a despedir da minha parte do «dito Rei, tudo por aleivosia do dito Jerubassa, &c.

«e tendo o dito perdão a meu rogo, e pela Real ami-
«sade contrahida; pelo que me pede o dito Rei, lhe
«passo este, para que em nenhum tempo se possam
«queixar os Inglezes do succedido, nem tão pouco
«requerer o que lhes devia o Rei, e Sibandar fogidos,
«como tambem pedir comprimento da nova obriga-
«ção, que o dito Rei tinha passado a meu respeito
«ao dito Capitão defunto, de que os ajudaria, pa-
«gando-lhe o que os outros lhe deviam; porque me
«diz o dito Rei ha a dita obrigação por invalida, e a
«dita divida por nenhuma, em pena do crime succe-
«dido, e em satisfação das vidas, que perdoa, e da
«chalupa, e fazenda, que do dito Fisco larga, condi-
«ção, com que me deu palavra do dito perdão, a
«que declaro nesta para em nenhum tempo com ra-
«zão haver queixa do dito Rei, não se lhe requerer
«a dita satisfação, promettendo tambem, que não
«ajudarei a dita chalupa em cousa alguma contra o
«serviço do dito Rei, mas antes impedirei obre o con-
«trario, o que dos ditos Inglezes não espero, pois re-
«conhecem a mercê, que a meu respeito lhe faz o dito
«Rei, que lhe não deve nada, e só a meu respeito se
«tinha obrigado a ajuda-los. Dado a bordo na barra
«deste Reino de Gior, aos 10 de Abril, &c.»

Visto pelo Rei o papel do Governador, passou tambem o seu de perdão aos ditos Inglezes, o qual quero pôr aqui todo palavra por palavra, assim para que se veja a estimação, que fazia do Governador, como para que conste da verdade do succedido. Começa o consto do Rei:

«Em nome de Deos. Amen. Aos 1130 annos da
«nossa Era &c. em nove da Lua de Abril chegou a
«esta Corte o Capitão Portuguez com mais alguns
«Portuguezes a despedir-se de mim da parte do seu
«General, que estava de partida; e recebidos por mim

«com aquelle agrado, que me merecia a amisade, que
«tenho contrahida com o dito General na fórma da
«minha, e sua Chapa, me pareceo satisfazer ao dito
«General, averiguande as falsidades, com que qui-
«zeram perturbar a dita amisade entre mim, e o dito
«General ; e como tudo me tinha chegado pelo Jeru-
«bassa dos Inglezes, o mandei chamar, o qual veio a
«meu Palacio com o seu Capitão, e gente armada,
«e averiguada a falsidade do dito Jerubassa, com que
«pertendia perturbar a amisade, que havia entre mim,
«e o dito General, de que tinha nascido querer o dito
«General peleijar com o dito Inglez, que se retirou
«para esta Corte, por cuja consideração queria, pare-
«cendo-me, que o Capitão Inglez não era culpado na
«traição do dito Jerubassa, com o meu Conselho fa-
«zer, que o dito Ceneral perdoasse ao dito Inglez, por
«cujo respeito queria eu passar obrigação ao dito Ge-
«neral, de que em termo de dous annos mandaria sa-
«tisfazer ao Inglez, o que lhe devia o Rei intruso já
«fogido, e o seu Sibandar tambem ausente, pois o di-
«to Ceneral me tinha pedido favorecesse nisto ao di-
«to Inglez, para o que tinha dado minha Chapa ; e
«mandando-os para a varanda do meu Conselho, an-
«tes de a ella chegarem, foi ferido um Portuguez de
«um tiro de um Inglez ; ao que acodindo a minha guar-
«da, e vendo ao dito Portuguez ferido, gente do dito
«General, com quem tinha ligado particular amisade,
«deram sobre os ditos Inglezes, onde foi morto o dito
«Capitão, e de varios tiros, que houve, se achou morto o
«dito Jerubassa, do que informado, e averiguado o suc-
«cesso, segundo as leis do Reino foram condemnados
«todos os Inglezes á morte com fisco do barco, e fa-
«zenda delle, reservando tão sómente a meu Conse-
«lho as vidas dos marinheiros Christãos, por serem
«da lei, do dito General, a cuja execução acodio o

«dito Capitão Portuguez, pedindo da parte do seu Ge-
«neral suspendesse a execução do Decreto, porque
«queria elle dar conta ao dito General, e eu o fizes-
«se, pela boa amisade, antes da dita execução, o que
«feito, foram taes os rogos, que me chegaram do di-
«to General, que houve por bem o meu Conselho
«condescendesse nelles, e perdoasse as vidas, e a mais
«execução decretada; pelo que mandei, fossem todos
«logo no navio entregues á disposição do dito Gene-
«ral, por cujo respeito lhes tinha perdoado, não lhe
«faltando do dito navio cousa alguma, como constou
«ao Capitão do dito General, a quem foi entregue o
«dito navio, para o levar ao dito General, tudo em
«consideração da amisade, que com elle tenho feito,
«que durará em quando no mundo houver Sol, e Lua,
«ficando tão sómente condemnado o dito Inglez, em
«não vir requerer-me a este Reino, o que o dito Rei
«intruso, e Sibandar fogidos lhe não pagaram; pois
«sendo o crime, que commetteo o dito Capitão, tão
«grande, o não condemnou o meo Conselho, mais,
«que em me não pedir para sempre, o que eu lhe não
«devia, e só a rogos do dito General o queria favore-
«cer nisso, do que tudo me passou obrigação o Capitão,
«e Piloto Inglez para em nenhum tempo se praticar o
«contrario; e como me acho com o Reino ainda pertur-
«bado com inimigos por terra, e mar, e ha tão sómen-
«te um mez de minha assistencia neste Reino, não te-
«nho cousa capaz de offerecer ao dito General em si-
«nal de minha amisade, que só por lembrança lhe of-
«fereço umas peças de artelharia de bronze, esperan-
«do ter occasião para fazer o que desejo. Dada em
«Gior sob o meu sinal, e sello. Era acima, &c.»

Deste papel se vê a estimação, que aquelle Rei fazia do Governador, do qual se deve tambem fazer uma observação, e é, que o Rei não tinha bastante causa

para temer o Governador, especialmente matando, ou prendendo a gente do barco Inglez, quando sabia mui bem, quão poucas eram as forças, que tinha no seu navio; logo a que fim tanta cortezia, tantos sinaes de amor, estimação, e benevolencia? A razão disto deixo eu a que a dê por mim o bem affecto leitor, que certamente dirá, que os honrados termos de um animo nobre, generoso, e desinteressado por si se conciliam respeito, e veneração, ainda dos mesmos barbaros. Passado o dito papel, mandou o Rei chamar o Capitão João Tavares ao barco, que com grande difficuldade largaram os Inglezes, ficando só com o Portuguez ferido para sua detença. O Rei recebeo com muito agrado ao dito Capitão, e lhe declarou o muito, que com elle podia o respeito, que tinha ao Governador, pelo que lhe offerecia aquelle barco com uma pequena dadiva de algumas peças de bronze, e umas poucas bufaras em sinal de sua benevolencia, e animo agradecido. Despedio-se o Capitão Tavares do Rei, e juntamente com o lingua do mesmo Rei, e a offerta referida se meteo no Cacapo de Estado, e vieram até o barco Inglez. Finalmente o barco Inglez foi dado por livre com a gente que nelle estava, e entregue á disposição do Governador, o qual liberalmente lhe confirmou, e ratificou a dita liberdade, e lhe determinou por Capitão, em lugar do proprio morto no Palacio, ao Piloto. E desta sorte partio o dito barco Inglez, e veio buscar junto da barra o navio do Governador, para que com sua sombra, e protecção se segurasse das embarcações de guerra, que andavam por aquelles canaes, e enseada, dos quaes ainda se não davam por seguros os Inglezes.

Tanto que o barco Inglez chegou junto do Governador, o salvou com toda a sua artelharia, agradecendo daquella sorte o favor, que delle tinha recebi-

do : e logo o Capitão Piloto Inglez com alguns outros principaes se foram ao navio a render as graças ao Governador, reconhecendo-se por obrigados a seu tão singular bemfeitor, e o Governador esquecendo-se de aggravos recebidos, os tratou com benevolencia, e benignidade. Alguns marinheiros pela maior parte Catholicos, que em pessoa não poderam ir logo mostrar seu animo agradecido, o fizeram por carta, que escreveram, e assignaram, como aqui vai tresladada fielmente.

«Senhor General. Agradecemos todos a diligencia, «que o Senhor Capitão de V. Senhoria tem feito com «El-Rei em nome de V. Senhoria, por onde ficamos «livres das vidas, que estavamos sentenciados ao sup-«plicio da morte ; mas como nosso Senhor acode aos «mais desamparados, a isto achamos o patrocinio de «V. Senhoria para tal ministerio, de que todos, e «cada um em particular agradeça, e renda as graças «a V. Senhoria pelo tamanho beneficio ; e como nos «falta palavra para conhecer, e agradecer os favores, «e zêlo Catholico, como de V. Senhoria, que se não «fora elle, estiveramos os que escapassemos vivos, in-«fieis, e os mortos sem nome de Jesus ; e no mais nos «falta palavras. Tenha V. Senhoria muita vida, e per-«feita saude para amparo dos affligidos, como fomos «neste Gior. Guarde Deos a V. Senhoria, &c.» Os mais humildes servos. *Jotin Barver*, *Domingos Coutinho*, *&c.* Seguem-se mais dez assinados, que se deixam por brevidade.

Em conclusão deste Capitulo quero aqui lançar o testemunho authentico, que o Capitão Piloto, e os mais Officiaes do barco Inglez deram ao Governador, em que se confessam obrigados na fórma seguinte:

«Confessamos nós abaixo assinados, Capitão, e «mais Officiaes, e gente da lotação do vergantim

«Successo, de que é Senhorio Mestre James Vvil-
«liamum, Mercador Jotin Dean, que tendo vindo a
«este porto do Reino de Gior a fazer contrato, che-
«gou tambem a este no principio de Outubro passado
«de arribada o Senhor Antonio de Albuquerque Coe-
«lho, Governador, e Capitão General da Cidade de
«Macao, a quem abaixo de Deos devemos todos as
«vidas ; e o dito Senhorio o vergantim, e as fazendas ;
«porque além do dito Senhor nos ter ajudado, para
«que o Rei passado, que perdeo o Reino, nos satisfi-
«zesse a quantia de nove, ou dez mil patacas, o que
«tinha promettido, e effeituara, se não fosse a pouca
«verdade do nosso Jerubassa, tambem obrigou o Prin-
«cipe, que conquistou o Reino para se valer do dito
«Senhor, que nos satisfizesse a dita quantia referida,
«vista a fogida do dito Rei, cujo Reino o dito Prin-
«cipe conquistava, sendo nós obrigados a ajuda-lo no
«que podessemos, de tudo o que passou o dito Prin-
«cipe Chapa de obrigação ao dito Senhor, que entre-
«gou ao Capitão Ricardo Langdon, que Deos haja, e
«ultimamente a 8 deste mez de Abril, tendo os Ma-
«laios morto o dito Capitão Langdon, e sendo tam-
«bem morto o nosso Jerubassa, em occasião, que o
«Capitão João Tavares de Vellez Guerreiro se tinha
«vindo despedir do Principe Rei, da parte do dito Se-
«nhor General, passando o dito Principe ordem, para
«que todos fossem mortos, tomando o vergantim,
«acodio o dito Capitão, pedindo ao Principe da parte
«do dito Senhor General suspendesse a dita execu-
«ção, porquanto não havia de ser contente della, e
«Sua Alteza como seu amigo, e irmão, não devia pro-
«ceder nella, sem lha dar a saber, pois eram tambem
«Europeos, amigos do dito Senhor General. A' vista
«do que mandou o dito Principe se metesse o Capi-
«tão no dito vergantim para evitar alguns atrevimen-

«tos dos Malaios, em quanto o dito Principe noticiava
«ao dito Senhor General pelo seu lingua de Estado;
«pelo qual mandou logo o dito Senhor General pedir
«por nós tão encarecidamente, recommendado assim
«ao dito seu Capitão, que quando a dita supplica
«chegou, estavam já os ditos Malaios apoderados do
«nosso vergantim, esperando tão sómente sinal para
«todos sermos mortos em caso, que o dito Senhor
«não procurasse por nós, com a qual supplica fomos
«perdoados nas vidas, vergantim, e fazendas, e nos
«mandou o dito Principe entregar ao dito Senhor
«Governador, a quem confessamos dever o acima de-
«clarado, mostrando por este o nosso reconhecimento,
«para em todo o tempo o não deixarmos de confes-
«sar, offerecendo nos assim ao dito Senhor, em sinal
«do nosso agradecimento. Na barra de Gior, aos 17
«de Abril de 1718 annos *Ricli Vvallis. Thom. Frason.*
«*Jotin Barber. Danell Stingsbis.* Eram assinados mais
por sua ordem 21 com seu nome, e sinal. A' vista
deste testemunho, e dos papeis referidos neste Ca-
pitulo, não resta mais, que se possa dizer; e assim
não ha para que nos detenhamos nesta materia.

Antes que os dous navios do Governador, e Inglez
se apartem, é bem que não deixemos passar em silen-
cio uma notavel acção de piedade, e religião do nosso
Governador. E' ella, que como no barco Inglez ha-
via muitos marinheiros nascidos na Costa, e criados
com a doutrina Catholica, e no dito barco se não
usavam os Ritos Romanos, nem se guardavam os
preceitos da Igreja, os ditos marinheiros Christãos
não podiam satisfazer ás obrigações de Catholicos; o
que vendo, e sabendo o Governador, com sua inge-
nita propenção ás cousas da Igreja Romana, pedindo,
ou usando da authoridade, que alli se tinha conci-
liado, obrigou ao Capitão herege, que permittisse aos

ditos Catholicos seus marinheiros, a que nos dias de Festa fossem ao seu navio a ouvir Missa; e não parando aqui o seu pio, e generoso animo, mandava a lancha do seu navio para os conduzir, e juntamente para levar alguns Mouros, que comsigo trazia, os quaes servissem no barco Inglez no tempo, que os Catholicos assistiam á Missa, obrando com uma unica acção dous heroicos actos, um de piedade, e religião, outro de justiça, se é que lha devia, em que se não faltasse ao necessario serviço do seu barco; e não obstante esta cautella, levava tanto a mal o Herege a assistencia á Missa dos seus marinheiros, que não podendo mostrar ao Governador o dissabor grande, que disto tinha, o manifestava aos pobres Christãos, castigando-os, quando della voltavam para o barco. Finalmente, como estavam para se apartarem os barcos, e era semana Santa, usando de maior authoridade para aquelles, que se recocheciam, e confessavam por obrigados, fez que todos aquelles marinheiros Catholicos se confessassem, e commungassm em ordem a satisfazer á obrigação do preceito da Igreja, cousa, que não tinham feito havia annos: que tal é a desgraça dos Catholicos, que vão servir em barcos de Hereges: mas felices estes, que acharam a occasião de um tal Patrono, que não sómente lhe defendeo as vidas, e liberdade, mas tambem lhes livrou as almas do captiveiro do demonio.

CAPITULO ULTIMO

Parte o Governador para Macao, e dá-se noticia do que lhe succedeo no caminho

Aos 18 de Abril deram á véla os dous barcos, o do Governador, e o do Inglez; e este por quasi todo aquelle dia foi sempre acompanhando ao Governador, não tanto por obsequio, quanto por medo das embarcações Malaias, e só quando se viò fóra, e longe da barra de Gior, se apartou, salvando com toda a sua artelharia ao Governador. Foi trabalhosa a viagem, principalmente por falta de Piloto; porque um só, que havia no navio, era falto de noticia, e experiencia daquella viagem: pelo que foi obrigado o Governador a tomar á sua conta a direcção della, guiado de alguma estimativa, e reminiscencias, que tinha das vezes, que passou aquelles mares. Com esta determinação na noite daquelle mesmo dia 18 mandou lançar ancora no meio do estreito, que desemboca para o fatal penedo, inimigo das embarcações, a que chamam Pedra branca, não sei se tanto pela cor, que em si tem, quanto pela que causa nos que de perto a avistam; e com razão, pois tem servido a tantos de naufragio, e de instrumento da justiça, e furor Divino, pagando nella sua soberba, e cobiça. E' perigosa, e terrivel, ainda aos mais experimentados, e insignes Pilotos, assim porque se costuma ordinariamente passar por junto della espacio de um tiro de mosquete, como pelo grande baixo, que corre da parte de Oeste, que é o caminho, que costumam fazer os barcos, que vem do estreito de Malaca.

Rompeo o dia 19 de Abril com medonha carranca de ameaças, e sinaes evidentes de furioso vento,

que estava para soprar, o qual accrescentou taneo mais o medo, quanto maior era o perigo da Pedra branca, que estava por proa. A' vista de taes annuncios, o provido, e experimentado Governador Piloto manda logo ao mesmo tempo suspender a ancora, recolher o escaler, segurar pela poupa a lancha, e desfazer outra, que trazia de reserva, passar contrabraços ao Traquete, pôr gente capaz, e expedita nos topes, e dispôr tudo o mais necessario para resistir á tempestade, e correr com ella seguro; e foi tudo executado com tão feliz acerto, e opportuna conjunção, que o mesmo foi acabar com esta obra de acauteiada prevenção, que começar um temporal tão furioso, que a não estar o navio providamente preparado, corria evidente perigo de se perder. Foi necessario dar a popa ao vento, e foi com tão bom successo, que o navio só com o Traquete, valendo-se das vigias dos topes, distando a dita Pedra nove leguas, donde estava, passando por junto della, em tres horas e meia se achou ter o navio andado quatorze leguas; não se affastando todo este tempo o Governador do tombadilho, que coberto com um capote, resistia á furia do vento, e rigor da chuva, por acudir ao governo do navio, que só do seu mando, e direcção dependia a segurança delle, e de tantas vidas.

Desta sorte livre o barco do perigo, se avisinhou a Pulolaor, Ilha engraçadamente vistosa e fertil, aonde costumam ordinariamente ir os barcos prover-se de frutas, gallinhas, e outras cousas necessarias. Pertence esta ao Rei de Gior, e tem alli seu Sibandar, que a governa. Como o navio trazia sómente o arroz necessario, agua, e carne de duas bufaras, que o Rei tinha mandado de presente ao Governador, e estava falto de outras cousas necessarias, de que se não tinha feito provimento em Gior, por quanto depois que

se começaram as guerras, com a gente, que fogia para os matos, desappareciam tambem os mantimentos, julgou o Governador se devia prover na dita Ilha de algumas cousas. Mandou preparar uma lancha com a gente necessaria, e que levassem um sombreiro, ou chapeo de Sol, dadiva, que o Rei de Gior tinha feito ao Capitão João Tavares, e favor entre outros singular, com que por seus merecimentos o premiara, e com que naquelle Reino se não costumum honrar, senão aos seus Grandes. Quanto que na Ilha o Sibandar cônheceo o sombreiro, nobre insignia dos seus mais honrados Malaios, desceo logo á praia a render a devida honra, e obsequio, e executar as ordens, que se lhe déssem, e como entendeo quem era o que estava no navio, e o que pertendia, procurou buscar o refresco necessario, de que a Ilha não estava mui abundante; quando neste tempo da parte de terra se começam a engrossar as nuvens, e logo a fuzilar com relampagos, e romper com estrondosos trovões, e o que se costuma seguir, furioso vento, que ameaçava ruina ao navio, se quizesse fiar se na ancora: pelo que o Governador a toda a pressa dando sinal á lancha, para que se recolhesse, procurou fazer-se ao mar, onde mais livre dos perigos da terra, recebesse os arrebatados impetos do vento, ficando a gente da nao desconsolada com a falta de refresco, de que tanto necessitava.

Proseguio-se a viagem até passar Polocondor, Ilha, que fica nove graos para o Norte, e serve de baliza aos Pilotos, para se livrarem dos baixos de Pulo Siffi, e Rabo de Lacrao; e por mais que o Governador advertio ao Piloto navegasse por fundo de trinta, e trinta e cinco braças em demanda da terra, para que assim fosse igualmente affastado das correntes da bocca de Camboja, e dos ditos baixos, foi tal a inercia da-

quelle Piloto, que devendo ir tomar a terra de Cochinchina, se ia embocando nos perigosos baixos de Camboja, de sorte, que advertindo o Governador no lugar, em que se achava, nunca pode conhecer qual fosse, sendo que tinha bastante noticia daquella Costa, pelo que julgou, que para segurar-se, devia buscar fundo, em que commodamente surgisse, o que fez em altura de sete braças, até que a observação do Sol podesse dar a conhecer, que terra fosse aquella, onde estavam. Finalmente luzio o dia com Sol claro, que a hora competente se pode tomar, mas a altura do Sol não concordava com a situação da Costa descrita nas Cartas de marear. Entra neste caso o Piloto em confusos labyrinthos, e perturbadas fantasias, sem que podesse dar razão de si, nem da viagem, que levava. Accrescentou o medo, e perturbação o vento algum tanto rijo, e contrario, que começou a assoprar. Difficultoso é o passo, que se dá por caminho cego, e muito mais, se quem guia o caminho, tambem é cego!

Não desmaiou o Governador, manda fazer na volta do mar; carrega o vento, e com elle as correntes para as boccas, que abria a Costa; e como estas eram arrebatadas, ainda que o vento impellia o navio, ajudado do leme para o mar, ellas como mais poderosas, e senhoras daquella Costa, não cediam ao vento, antes soberbamente o venciam, e levavam o navio para terra; de tal sorte, que em pouco tempo descahio tres leguas para Oeste. Que remedio? Manda o Governador dar fundo em doze braças, e dispondo-se para levar sobre ancoras o temporal, que espantosas, e cerradas as nuvens ameaçavam, como prudente que era, tratou com todo o afinco de se certificar, que terra era a que apparecia, quando o primeiro grao da providente cautella é conhecer o inimigo, de que se deve fugir; e depois de varias conferencias com o Piloto, e

Cartas, se assentou, que era a bocca de Camboja, tão cerrada de baixos, que mettia horror, especialmente a quem não tinha experiencia daquella entrada. Por tanto a resolução acertada foi dobrar ancoras, e amarras, e esperar mudança de vento favoravel. Entre tanto começaram a encrespar-se as ondas desafiadas do vento, que furiosamente se ia embravecendo, e descarregaram sua colera no navio com tanto impeto, que parecia o pertendim sepultar. Foi necessario arriar todos os mastareos, e vergas, para que aquelle bruto, e furioso combate tivesse menos em que fazer seus golpes. Carregou a noite com horriveis trevas, e á vista destas tomando maior ousadia a tempestade, descarregou com mais força. Entra o medo em todos, de que faltando as amarras, o navio embarrasse em terra, e se fizesse em pedaços com dispendio de tantas vidas. Entre tantas afflições, e perigos, o Padre Capellão tomou por expediente remedio o dos exorcismos, que cheio de confiança em Deos devota, e compungidamente fez contra a tempestade; e o Governador a exemplo do Apostolo da India S. Francisco Xavier, deitou reliquias de Santos ao mar, e com bom successo, pois antes de amanhecer, socegou algum tanto a tempestade, e o mar, sentindo aquelle insensivel elemento a efficacia da virtude Divina, e dos merecimentos dos Santos.

Succedeo naquella noite uma cousa não medonha, quão ridicula. Seriam dez horas da noite, quando o Governador observou, que arrebentavam os mares pela poupa. Entra providamente solicito em duvida, se seriam baixos, que antes com a perturbação, por causa da principiada tempestade, se não advertiram; manda secretamente pessoa de sua confiança, que da poupa com cuidado observe, e examine, se aquelle reluzente quebrar de ondas perseverava no mesmo lugar, e

achou-se, que era permanente. Mais cuidado dava ao Governador a perturbação, que causaria aquelle accidente á gente da nao, do que o mesmo accidente; por tanto poz toda a cautela, para que esta se não alterasse: quando pela parte de bombordo apparece outro sinal, reluzindo o mar com alvejantes ondas. Perturbou-se a gente igualmente medrosa, que desconfiada das vidas, acode ao Governador pedindo, que levando ancoras, se faça á véla; mas este pertendendo socegal-os, mostrava ser aquelle remedio inutil, e improporcionado, e o proprio era confiar-se nas ancoras, e esperar, que amainasse o temporal; porque aquelles sinaes se eram de verdadeiros baixos, não falhando as ancoras, e amarras, não havia que temer; e mais digno de temor era levar ancora, e largar véla, fiando o navio da inconstancia dos mares, e correntes com evidente perigo de cahir nos apparentes baixos.

Assim fluctuavam, não menos o navio, que os animos daquella gente em cega confusão, quando o Governador repara, que aquelles representados baixos se vinham chegando para o navio. Neste passo os marinheiros perderam o tino, e persuadindo-se, que eram, ou fantasmas marinhas, ou as Ilhas nadadoras, que no mar Egeo fingio a fabulosa Grecia, pediram ao Padre Capellão lhes fizesse os exorcismos. O Governador entre riso, e impaciencia, advertindo já o que aquillo poderia ser, os exhortou, a que depozessem o medo, quando cardumes de pequenos peixes, ou çargassos, ou outros quaesquer partos do mar, levados á toa da agua, não eram bastante causa para assim os perturbar, e obrigar a valer-se dos exorcismos. Finalmente se socegou a gente algum tanto com o que ouvio ao Governador, e a luz do dia os acabou de serenar, experimentando com seus olhos, ser verdade o

que ás escuras tinham ouvido: e em dez dias, que durou o vento contrario, pela qual causa foi necessario, que o navio estivesse alli ancorado, se viram aquelles fluctuantes baixos, ou ilhotas de ovas de peixe, que entravam pela bocca daquelle rio com a corrente em tanta quantidade, e tão juntas, que faziam suas divisões, e caminhos; e como as noites eram escuras, a escuma das ondas rebatidas entre aquelles partos maritimos, representavam baixos. Passados dez dias, mostrando-se o tempo algum tanto mais favoravel, se foi costeando a terra, sempre com a sonda na mão, e lancha expedita, porque era necessario passar pelos baixos, e vencidos estes, se foi navegando com bastante trabalho, até que finalmente aos 23 de Maio se avistou terra da China.

Aqui se exasperou a doença, de que vinham tocados já alguns da nao, era ella a que chamam Berobere, só conhecida dos que navegam por climas humidos, e irregulares. Como a detença em Gior foi grande, fez nos da nao notavel impressão o clima daquella terra, humido em summo grao, a que costuma acompanhar a frialdade, que faltando-lhe a intenção nos graos, lhe sobeja a malignidade por causa das muitas chuvas, e alagoas. Mudaram de ares na Costa de Camboja, e Cochinchina, experimentando diversas calmas, e calores, e como faltavam cousas frescas, e verdura para o comer, e só usavam de mantimentos salgados, davam maior pasto á doença, e começaram muitos a inchar; e assim se avistou terra da China, dous, nos quaes o mal tinha lançado maiores raizes, quasi de repente, e fallando acabaram seus dias. Dava grande molestia ao Governador ver a sua gente tão afflicta, e não poder remedia-la; mas procurava consola-la do melhor modo, que podia; e ainda que estava algum tanto tocado da mesma enfermidade,

nem por isso deixava de descer a visitar, e animar os enfermos, soccorrendo-os com o que havia; e de tal sorte dissimulava o mal, que sentia, que para dar animo aos descahidos, e mostrar, que tinham Pai, que delles tivesse cuidado, se fingia são, e expedito para os consolar em suas molestias, e afflções.

Finalmente o Piloto pouco experimentado, persuadindo-se, contra a estimativa do Governador, que estava mais a Leste, do que na verdade era, deu com o navio em seco no tempo, que o Governador se tinha recolhido na Camera para descançar; mas passadas algumas horas com a enchente da maré sahindo daquelle lugar aos 25 de Maio embocou pelo canal, que vae entre as duas Ilhas, das quaes a que está á mão direita, é a que teve a felicidade de receber em si o incendio do amor Divino, e zêlo das almas, o grande Apostolo das Indias S. Francisco Xavier, chamada vulgarmente Sanchuão, ou Xamchuen, como dizem os Chinas. Como o Governador estava com a doença de que se fez menção, foi obrigado a desembarcar, dizendo o medico Fr. Angelo, que se não desembarcava, certamente morreria em termo de 24 horas. Em terra foi bem tratado dos Chinas, naturaes; mas como era necessario para melhorar, vir logo para Macau, se meteu em uma barca Cinica, bastantemente petrechada, na qual chegou a Macau aos 29 do dito mez de Maio, e logo foi conduzido pelos Reverendos Padres da Companhia de Jesu para o sen Collegio, aonde a primeira entrada, que fez, foi na Igreja, render as graças a Christo Sacramentado por tão singulares beneficios, alcançados da Divina misericordia; e logo encaminhando se para a Capella de São Francisco Xavier, onde se expoz a leliquia do seu Sagrado braço, devotamente a beijou, e sacrificou nas aras daquelle grande Apostolo não menos sua affectuosa pieda-

de, que o governo, de que vinha tomar posse, protestando mais com o coração, do que com a bocca o desejo, que tinha de se pôr debaixo de sua pretecção ; e como pertendia logo no seguinte dia tomar posse do governo, como na verdade tomou com toda a paz, e quietação, procurou primeiro alistar-se debaixo da bandeira deste grande Generalissimo do Oriente, assentando comsigo, que seguindo as maximas de tal Antesignano, quanto seu estado lhe permitisse, todas suas emprezas teriam o acertado fim, ou fossem dirigidas pelas regras da prudencia, cu llvradas na bem fundada esperança da fortuna, ou movidas de uma necessaria resolução, ou finalmente levadas do zêlo da honra Divina, e serviço de Sua Magestade. E certamente os principios do seu governo, fundados nas regras da Christandade, e benevolencia, com que procura attrahir aos mal contentes, cortando muitas vezes por si, dão a entender quaes serão seus progressos, assim nas bem acertadas maximas do seu proceder, como no augmento temporal da Cidade, que a Divina bondade começou a prosperar com muitos, e ricos barcos, depois de uma summa pobreza, e desamparo. Seja tudo para maior gloria Divina, e bem temporal, e espiritual desta Cidade de Macao, e das Missões dependentes della.

FIM

INDEX

DOS CAPITULOS

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE